



OUTUBRO

2-23

# Revista Feminina



ANNO VIII - N. 89

PREÇO: 1\$200

O meu segredo!...



#### A ESCOLA DA EXPERIENCIA

O "meu segredo" é a chave milagrosa que abre as portas da ventura para todas as mulheres. Para mim, a adolescencia foi risonha, a mocidade um encanto e a velhice, agora, é o repouso sereno: tive saude e tenho saude; usei e uso "A Saude da Mulher". E si tambem nossas filhas gosam a felicidade de ser fortes e sadias é por lhes ter eu ensinado estas verdades que aprendi na escola da experiencia:

#### A SAUDE DA MULHER

é o melhor remedio para tratar e para curar as doencas do Utero e dos Ovarios, seja qual for a idade da enferma. "A Saude da Mulher" cura as mocinhas na passagem de idade, curans senhoras de todos os seus incmodos periodicos e é incomparavel paraos males da Edade Critica.

Assinatura annual para todo o Brasil . . . . . 150000  
Assinatura com registro 200000  
Idem para o estrangeiro 300000

# Revista Feminina

Redacção  
AVENIDA S. JOÃO N. 97  
Primeiro andar  
Telephone N. 6888 Cidade

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: Avelina de Souza Salles

O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Emissão e Circulação affirmam que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO VIII

SÃO PAULO, OUTUBRO DE 1921

NUM. 89

## OUTUBRO



exitto crescente do feminismo moderno prova que se trata de um facto humano de evolução que seria insensato procurar deter. A marcha do phenomenismo humano rege-se por leis ineluctáveis. Ellas se promulgam com a inflexibilidade das leis cosmicas que, a seu tempo e a sua hora, desatam no despertador do Destino a mola ajustada com exactidão sobre a campainha que deve acordar o somno da rotina.

O feminismo revolucionario de mrs. Pankrust ia perguntando porque precedera de alguns annos o momento que lhe assignara a marcha evolutiva da sociedade humana. Mas o feminismo pacifico, que nasceu durante e depois da grande guerra mundial, vae ganhando com rapidez o mundo civilizado porque não é mais impozição de vontade, senão força natural e invencivel. Entre nós, por exemplo, é curioso estudar a propagação do feminismo. Somos por indole avessos ás revoluções. As maiores datas de nossa historia se tem realizado como as pancadas regulares de um relógio caseiro. Não temos entrado antes de tempo em nenhuma das phases de nossa evolução. Eis porque o feminismo vae penetrando em nossa vida suavemente, por força de infiltração. E' a agua que se insinua sem ruido, e sem violencia: embebe e amollece: empaça e dissolve: pinga e goteja: emenda-se e coordena-se: torna-se em filete, em fio, em jorro, em torrente. Se algum trabalho nos compete, é apenas, o de dirigir sua filtração de modo a que se não disperse em serpeamentos maliaes, abaulando o terreno, mas se encañale em leito regular, fonte de força motora e de fertilidade.

Que o feminismo brasileiro existe é facto inconcuso. Basta visitar nossos departamentos de sciencias, de letras, de magisterio, de commercio, de negocios publicos, e nossas officinas e industrias, para se ver a mulher brasileira transformada em força util e productora depois de vinte seculos de inação. Como as demais mulheres do mundo civilizado, sua missão tornou-se mais ampla do que a definida por Arnolphe, de Molière:

"Et c'est assez pour elle, é vous en bien parler, De savoir prier Dieu, m'aimer, coudre et filer."

Desde que o facto humano existe, e não se pôde illudir, não é sensato que seja abandonado a seu impulso, e, perigosamente, esquivado pelas forças coordenadoras e conservadoras da sociedade. Nossos homens publicos entendem que o feminismo é idéa revolucionaria, cerebralismo inoffensivo, fructo serodio de enxertrias mal garfadas, e delle não cuidam como de coisa alguma de racional, não cuidar essa politica em que se elige pelo analfabetismo, através do suborno de um par de sapatos ou de um terno de zuarte, se consolida pela chibata do regulismo, e mal colla as paginas de nossa historia com a salva oratoria da bacharelhe incapaz, que vae buscar no casamento seu titulo de genero com credencial a uma cadeira do legislador.

Para tal gente o feminismo é idéa de rejeitar sem maior exame, porque se trata de desvario de solteironas que não encontram marido, e que pretendem desorganizar a vida e o lar com a inversão dos valores sociais. Pobres zollos... Não comprehendem elles que o feminismo não tem sido obra das mulheres, e sim dos homens, e se nelle ha qualquer coisa de anarchico ou de subversivo a si mesmos se devem accusar.

Não é preciso ser educado nas diversões da logica, nem ter perlustado as alamedas do jardim de Acadêmus, para discernir a verdadeira causa do feminismo, e de sua victoria rapida. A lei que rege a humanidade é a lei do menor esforço, da qual ninguém se afasta senão por motivo poderoso. Ora, a vida da mulher na sociedade antiga era a vida do menhuo estérco, a vida do morto do lago: agua parada e morta a que apenas emprestava apparencia de vida o singlar de alguns cysnes brancos da phantasia do amor.

Era a vida de inação, de orientalismo; a bacía branca de porphyro decorativo em meio da fecundidade verde da paisagem. Era o ideal supremo do animalismo, que ainda se distingue na propria palavra com que o homem se insinua superior aos demais animaes, e que pela mesma lei se rege. Nella é mais commum o metaplasma da preguica: a apherese, a syncope, a apocope, a synalepha e o eclipse — do que a prothese, a epenthese, a paragege que representam esforço quando aquellas representam diminuição de esforço. Tanto no mundo physico como no animal, o movimento só se opera determinado por uma necessidade equivalente: a do equilibrio, para as forças cosmicas, a da nutrição, para os organismos. A conquista do pio é a necessidade que determina o movimento do homem, que procura enriquecer "para viver sem trabalhar", na tendencia sempre fatal para o menor esforço, para a inercia. Mas as labutas empregadas nesta conquista levam os mais fortes a patrimonios exaggerados, que não só bastam como sobram para lhes assegurarem o pio. Vem, então, a degeneração daquelle primeiro sentimento animal num sentimento cerebral: o do luxo, o da vaidade.

Mas afóra esta degeneração o pio assegurado e o repouso. Se a mulher gosava na sociedade antiga de todas as vantagens do repouso, não é natural suppôr que tivesse procurado o movimento, e a luta apenas para se inconformar... E' certo que muitas vezes o cerebralismo contraria o instincto, mas o cerebralismo é minoria, e a onda feminista é a maioria. Emquanto a mulher esteve em sua casa, com sua vida assegurada, não cuidou de outro feminismo senão de educar sua prole. Mas veio dia em que na solidéz da bacía que comporta o lago abrius-se uma frincha, e depois outra, e depois outra. As aguas, antes tranquillias, por alli se insinuaram, não por espirito revolucionario, mas pelo mais conservador dos principios, pela lei do equilibrio: não por sua iniciativa ou por sua vontade, mas por seu peso, pela lei fatal de gravitação. E foi o terreno onde ellas se insinuaram que, por declive, lhes abriu canal, e

lhes vae dando impulso, e força, e vigor para rasgar o caminho e alcançar as grandes aguas do oceano humano. Não se pôde, pois, dizer que a agua do lago é agua revolucionaria, anarchica, reaccionaria, porque "foi forçada a escorar-se de uma bacía de fundo roto", e na sua frente não encontrou senão descida e terra solta. A vida moderna com sua ancia de luxo e de falso conforto abriu no lar antigo mil daquellas frinchas, aliu-lhe os alicerces, desaprumou-lhe as paredes, destelhou a expol-a ás intemperies. O feminismo nasceu com o primeiro grito de fome que estregiu em seu lar. Foi do seio da propria maternidade que se filhou: não é um fructo de revolução, é um instincto de conservação. O pio ganhou pelo homem não bastava. A casa padecia miseravelmente a prole soffria fome: a mãe sahia a buscar a cedeia que faltava. Para isso dois caminhos se lhe preparavam: um, facil, de enganadoras redolencias, e convidativas fresquidões, o do vicio: outro, arduo, de crucifixões, de calvarios, de suores, o do trabalho. Preferiu o segundo. E ahí está ella, corajosamente, abnegadamente, estoicamente, a prover seu lar, a reequilibrá-lo, a ganhar com seu trabalho e com seu sacrificio o pio de seus filhos. E' a isto que se chama revolução, anarchia, desequilibrio! Como andam invertidos todos os termos da equação da logica masculina! Entretanto bastava que a mulher fosse reconduzida á sua antiga posição, e que seu lar de novo se pudesse abastecer pelo só trabalho masculino, e todo o feminismo ruiria. Em seguida por terra, demonstrando mais uma vez que foi a lei da necessidade quem lhe deu alento e victoria.

A mulher moderna, só por aquella necessidade, trocou as phantasias de seus trapos coloridos, de suas joias, de suas penas; só por ella deitou os polvitos de cheiro, as essencias, o carmin, os espolhos, as sedas moridas, os festivos martinetes (aigrettes), as aguas cepidas e aromas, os terciopelos felinos, toda a macier em que vinha espreguejada sua voluptuosidade de angorá de luxo em casa rica: só por ella despediu-se daquelle ambiente de conforto para trotar pelas ruas, nem bem amathece o dia, em busca da officina ou do escriptorio onde deverá esgotar sua fragilidade para acudir ás necessidades de seu lar. Foi o homem, pois, quem creou o feminismo, e creou-o por sua incapacidade para manter o lar. O que para elle é vergonha e humilhação, para nós mulheres é orgulho e exaltação.

O feminismo não é obra nossa: é obra da preguica masculina. Do esqueleto do moderno Adão do for-trot foi tirada a costela da Eva dactylographa: no ninho do tico-tico laborioso mais uma vez veio pôr seus ovos o chopim da vadição...

ANNA RITA MALHEIROS.

(Para a Revista Feminina de S. Paulo.)

ANDAR 15 PRAT. 11  
EST. 1921

## O QUE DIZEM DE NO'S

Permitta-nos as amáveis leitoras que continuemos a transcrever, nesta secção, trechos das cartas que nos têm sido dia a dia dirigidas por distintas patricias que acudiram ao nosso appello.

Eis como se exprime, com relação á nossa revista e á attitude que assumimos na campanha em favor da mulher patricia, a exma. sra. d. Maria da Cunha Cabral, do Rio de Janeiro:

"A *"Revista Feminina"* é a unica que leio. Não perco tempo com as outras porque são frivolas ou porque são suspeitas em materia de moralidade. Por essa revista é que venho fazendo a minha cultura espirital e intellectual. Ella é quem me põe ao corrente do movimento feminista internacional e das aspirações da nossa patricia. As sucs novellas são encantadoras, a sua leitura é sempre interessante, as suas gravuras são sempre suggestivas e os seus artigos de sciencia e cultura geral são altamente educativos. Todas as senhoras brasileiras deveriam ler a *"Revista Feminina"* e capacitar-se de que ella é a unica força que nos ampara, - a unica voz que nos encoraja, é a unica mão que nos guiará para destinos melhores. Se não fosse ella, a mulher brasileira continuaria indefinidamente abandonada no seu captivo. Tomei a peito pagar essa revista, e o faço com animo resolutto e sinto-me feliz na incumbencia que a mim propria me impuz."

Da exma. sra. d. Esmeralda Lopes Vieira, de S. Salvador, Estado da Bahia:

"A admiravel *"Revista Feminina"* honra a patria, a mulher patricia e a alta civilização paulista. Nosso dever é guiar-nos por ella, é trabalhar em favor della, é fazer tudo por ella, mesmo com sacrificio de tempo e de dinheiro. As causas santas merecem sacrificios."

Da exma. sra. d. Maria Antonieta Camargo Fonseca, de Parahybuna:

"*Ponho-me á disposição da "Revista Feminina"*, nesta localidade, porque é sincera a admiração que voto a ella e á sua santa cruzada."

Da exma. sra. d. Sebastiana Morato Leite, de Boreby:  
"O escopo dessa revista não é senão a defesa dos nossos lares".

Da exma. sra. d. Adelia Bastos, de Cruzeiro:

"Tenho como dever não poupar esforços para tornar ainda mais conhecida essa revista, que tanto tem contribuido para o nosso bem estar. Offereço os meus esforços de propaganda, certa de que concorro para a victoria de uma causa tão nobre".

Da exma. sra. d. Elminia Pontes Machado, do Rio de Janeiro:

"Não conheço em lingua nenhuma uma revista que eguale a *"Revista Feminina"*, como belleza, como variedade, como cultura, como moral e como propagandista das reivindicações femininas. É a unica. É impossivel que, pela sua acção, não consiga preparar o espirito da mulher brasileira para as reivindicções que se approximam."

Do distincto escriptor e poeta sr. Targino Amorim, de Pernambuco:

"Por um motivo muito simples e muito justo, tal o de não querer dizer uma coisa que todos dizem e todos sabem, deixo de fazer a apreciação de *"Revista Feminina"*. Em nosso pais não se lê. Ah! não fosse assim, e a *"Revista Feminina"* teria alcançado o que realmente merece, comquanto já tenha obtido mais do que, certamente, esgrava".

Da exma. sra. d. Leopoldina Maria de Sá, de Bom Nome, Estado de Pernambuco:

"*Apesar do atraso do meio em que habito e como consequencia a aversão á leitura, predominando a falta de instrução, entretanto sempre empreguei meus esforços para que nestas paragens a revista seja acolhida, porque a sua leitura deve ser prezada acima de tudo*".

Da exma. sra. d. Joannita Grein, de Entre Rios, Estado do Paraná:

"*E' com immensa satisfação que aceito a investidura do cargo de representante da conceituada e popular revista nesta localidade, e aceito-o porque é de meu dever contribuir para o prestigio mais e mais elevado dessa obra admiravel de redmção da mulher patricia, e porque, através dessa revista, irradia a pureza e nobreza de idéas que devem ter entrada em todos os lares*".

Da exma. sra. d. Aracy Lima Dornellas, de Passo Fundo, Rio Grande do Sul:

"*Aceito com satisfação o encargo de representar, nesta cidade, a bella "Revista Feminina"*, não só por depararme opportunidade de contribuir, ainda que modestamente, para o engrandecimento da importante obra de emancipação feminina, que elle representa, como porque muito me honra essa delicada incumbencia".

Da exma. sra. d. Maria Izabel Cruz, de Avaré:

"*E' grande a minha boa vontade em auxiliar a revista, porque, de facto, me interesse immenso por ella; e se o producto dos meus esforços não corresponder aos meus desejos, valha-me ao menos o consolo de ter-me esgrada*".

Da exma sra. d. Jurema de Almeida Prado, de Cananéa:

"*E' sempre com immenso prazer, e sempre com immenso entusiasmo que recebo a "Revista Feminina"* e a leio. Estou sempre disposta a fazer della a maior propoganda possivel.

Da exma sra. d. Marietta Senna Levicka, de Theophilo Ottoni:

"*Aprecio como ninguém a "Revista Feminina"*, que é tão sympathica e é a unica no seu genero. Faça votos pela prosperidade da revista e para que ella consiga ver realizados todos os fins do seu enorme e difficilimo programma".

Da exma. sra. d. Lucilia C. Lima, de Pennapolis:

"*Apesar dos meus absorventes affazeres domesticos, tenho prazer em dedicar-me a essa revista, que é tão util e que tão grandes beneficios nos traz. Sinto-me feliz em poder concorrer de algum modo para o bem da nossa causa*".

Da exma. sra. d. Maria Adelaide Fernandes da Silva (S. João da Bocaina):

"*Farei tudo quanto poder para a victoria da nobre causa da "Revista Feminina"*".

Da exma. sra. d. Hortencia de Sampaio Escobar, de Cabreuva:

"*E' com prazer que desempenho o honroso dever de propagar a "Revista Feminina"*".

## REVISTA FEMININA

Da exma. sra. d. Adalice Fuchs, de Una:

*"Enthusiasta como sou de tão preciosa revista, sou sempre incançável na sua propagação."*

Da exma. sra. d. Libania de Mello Padua, de Cassia:

*"Em favor da revista não deixarei nunca de trabalhar, porque trabalho em favor de uma causa sublime."*

Da exma. sra. d. Amelia Ramos Menezes, de Estancia. Estado de Sergipe:

*"Aceitando o cargo de representante dessa revista, da qual sou entusiástica admiradora, tomo a incumbência de uma missão sagrada e de grande interesse para nós brasileiras."*

Da exma. sra. d. Rachel Gonçalves, de S. Salvador, Estado da Bahia:

*"Tenho sempre feito grande propagação dessa revista, que é o orgulho de S. Paulo e da mulher brasileira."*

Da exma. sra. d. Raymunda Chevalier, de Manáos, Estado do Amazonas:

*"Olho, de ha muito, com especial sympathia, o esforço commum de quantos ahí trabalham pela consolidação de um centro intellectual feminino em S. Paulo."*

Da exma. sra. d. Bertha Kuhne, de St. Cruz do Rio Pardo:

*"Sou grata á redacção da "Revista Feminina" pelo cargo de que me incumbiu de ser sua representante nesta cidade. Vou fazer todos os meus esforços para propagação e é uma publicação, sob todos os pontos, digna."*

Da exma. sra. d. Jurema de O'iveira, de Baependy, Estado de Minas:

*"Interesso-me pela crescente prosperidade da mimosa e querida revista. Aceito, com especial agrado, a incumbência que se me confere gentilmente de ser a sua representante nesta cidade, assegurando-lhe que envidarei o melhor dos meus esforços para propagar tão proveitoso orgão de publicidade, cujo altruístico programma se resume em contribuir para a pureza dos nossos lares e de defender a santa causa da mulher brasileira."*

Da exma. sra. d. Celisa Rocha, de Rio Preto:

*"Não imagina o prazer com que vou trabalhar para a "Revista Feminina", pelo immenso interesse que ella me desperta."*

Da exma. sra. d. Lola de Oliveira:

*"Na conferencia "A mulher não é inferior ao homem", que minha mãe realizou em Araraquara, não foi esquecido, entre as mulheres illustres do Brasil, o nome saudoso de Virgínia de Souza Salles, bem como também foi citada a "Revista Feminina", que está congregando todos os espiritos femininos da nossa patria."*

Da exma. sra. d. Julia Negrão, de Bariry:

*"Trabalharei em prol da "Revista Feminina", ainda que não tenha esperança de vencer. A mulher, hoje em dia, sempre ter energia e pôr em actividade a sua força de vontade, ainda sem esperança de éxito, porque, com a evolução da humanidade, breve teremos que nos ver em pé na luta pela vida, como em pequena escala já se nota em S. Paulo."*

Da exma. sra. d. Maria Augusta Bezerra de Medeiros, de Acary, Estado do Rio Grande do Norte:

*"Sou uma das ardentes admiradoras da "Revista Feminina", a qual considero como a melhor das nossas revistas nacionaes. Procuro sempre propaga-la entre as minhas amigas."*

Do sr. Antonio Lisboa Britto, de Quipapá, Estado de Pernambuco:

*"Felicitio a "Revista Feminina" pelo seu crescente conceito e pela grande aceitação, como sendo util e indispensavel ás familias brasileiras. E ainda, como assiduo leitor e grande admirador, almejo que ella continue pugnando, altaneiramente, pelo engrandecimento da mulher brasileira, de que o Brasil muito espera. Todas as vezes, ou melhor, todos os mezes que leio a "Revista Feminina", no meu espirito se accentua a idéa seguinte: A "Revista Feminina" foi sempre para mim uma publicação de grande elevação moral e a buriladora incontestavel dos lares. Uma outra coisa a torna mais sympathica e querida: é a penna brilhante da eximia. chronicista d. Anna Rita Malheiros que, com galhardia, tem sabido defender o feminismo, procurando mostrar o seu verdadeiro papel na vida do país."*

Da exma. sra. d. Esther Pimentel Vianna, de Piripituba, Estado da Parahyba do Norte:

*"Sempre tomei com grande ardor e interesse a sublime causa da mulher brasileira. E é porisso que me fiz propagadora da "Revista" e espero que em breve vejamos o grande dia da "Revista"."*

"A Boa Semente", o excellent journal que se publica em Parahyba, Estado do Piahy, sob a direcção do virtuoso e intellectual conego Mello Lula, nunca noticia subordinada ao titulo "Revista Feminina", assim se exprime:

*"Graças á extrema gentileza da distincta senhora D. Fiora Santos Correia, correspondente nesta cidade da "Revista Feminina", tivemos o fino prazer mental de ler alguns numeros deste excellent "magazine", incontestavelmente um dos mais bem trabalhados do país e dos que mais honram, as letras patrias."*

*"A "Revista Feminina" em que fulguram espiritos da alta valia de Anna Rita Malheiros e colaboradores outras de incontestavel talento litterario, merece ser lida e meditada em todos os lares honestos que aspiram ao progresso moral da familia humana."*

*"A feição material da primorosa revista nada deixa a desejar, estando "perfeitamente á altura da sua excellencia intellectual."*

*"Agradecendo a illustrada Senhora a opportunidade que nos deu de, mais intimamente, conhecer o exemplar orgão do feminismo sensato e elevado, recommendamos aos nossos leitores, e, em particular ás nossas gentis leitoras, o brilhante "magazine" de S. Paulo."*

Expressões com que nos distinguui a exma. sra. d. Nina Prado, de Itatinga:

*"E' com honra que desempenho o cargo de representante da revista nesta localidade, e emprego sempre todos os meus esforços em favor della, intensificando a propagação dessa revista que, com o seu alto e nobre programma e o seu feito artistico e tão util, representa hoje uma leitura verdadeiramente indispensavel nos lares bem formados."*

Palavras da exma. sra. d. Febio Costa Lima Albuquerque, de Ipú, Estado do Ceará:

*"Espontaneamente, desde muito tempo, faço propagação dessa utilissima publicação, unica no genero, que, em nosso país, defende com ardor os direitos da mulher brasileira."*

Da exma. sra. d. Rolinha Costa, de Pouso Alto, Estado de Goyaz:

*"A "Revista Feminina" é o orgão da união das familias brasileiras. Nunca deixei de fazer a sua propagação, porque ninguém de bom senso pôde rejeitar essa revista sem negar o seu caracter de brasileira."*

## A NOITE DA ESTRÉA

POR JULIA HOYOS

A CLAUDIO DE SOUZA

Necessitando deitar-se cedo para se não sentir do cansaço no dia seguinte, Clarinha retirou-se do theatro antes da hora do costume. Estava contentissima. Precisava comunicar a alguém o contentamento que transbordava da sua alma. Ao chegar, pois, a casa, abriu a represa á sua alegria, contando tudo, tudo á sua irmã Eulalia. Esta, porém, como sempre que se tratava daquelles assumptos, recebeu-a friamente. Ouviu-a por delicadeza até ao fim, mas não fez nenhum gesto de applauso ou de encorajamento.

Eulalia achava tolas aquellas ambições de Clarinha de entrar para o theatro, trocando a vida accidentada e incerta de artista pela vida repousada e feliz que passava na sua

officina de costura, agora que a officina contava com a mais escolhida freguezia da cidade. De resto,

sua irmanzinha conquistaria a gloria, ou seria fraccassada as suas ambições. Para falar verdade, a boa Eulalia, para não perder a companhia da irmã, tão affectuosa, tão trabalhadeira e tão linda, preferia sinceramente que ella se desilludisse das suas idéas de arte, mesmo a custa de fiasco e pateadas. Era o que preferia, mas tinha o cuidado de occultar o seu sentimento para não magoar Clari-

nha. A esta não faltava voz, que é o principal elemento de successo. Sua voz, embora pouco extensa, pois não abarcava muito além de duas oitavas, era, contudo, fresca, sonora, bem timbrada e muito avelludada nos registos agudos. Além da voz, tinha a mocidade, a belleza, a elegancia natural e, mais que tudo, uma graça espontanea e communicativa. Essa graça era o successo da officina, e a maior parte das freguezas tinham sido conquistadas não apenas pela excellencia da costura e pelo gosto na execução, mas igualmente pela sympathia irresistivel da costureirinha.

Clarinha tinha collocado o pé no primeiro degrão que conduz á gloria ou á derrota. Para chegar até alli foi obrigada a vencer uma serie inculcavel de obstaculos. Ella esperava a noite da estréa como se caminhasse para a terra da Promissão.

O trabalho que se lhe antolhava mais penoso foi convencer Eulalia de que não era por nenhum sentimento menos honesto, como aquella suppunha, que queria seguir a sua

inclinção artistica, senão por convicção sincera, uma especie de revelação mysteriosa que sentia interiormente e que lhe aconselhava a vida do theatro, para a qual, sem duvida, se julgava talhada.

Eulalia oppoz-se tenazmente. Sua irmanzinha era a melhor costureira da sua officina. Todas as artistas, actrizes e cantoras, procuravam a sua casa de modas e confiavam na elegancia das suas confecções. Ella bem sabia que á Clarinha devia grande parte do exito do negocio. Demais, achava que tudo aquillo eram illusões, sonhos de moça bonita, que se deixou contagiar facilmente pelo luxo das ricas actrizes que frequentavam a officina.



Achava-se bem naquelle ambiente, sentada naquellas almofadinhas de estilo...

Eulalia casara-se com um homem inutil, cujo valor consistia na sua belleza. Era um parasita. Quando solteiro, viveu a espensas de uma mulher, que lhe mantinha o luxo e os vicios. Casado, continuava na mesma existencia, mais livre ainda que antes, porque a esposa, occupada sempre na direcção da officina, não tinha tempo de tomar conta dos seus actos. Tudo ou quasi tudo quanto rendia o trabalho das duas irmãs, passava para o bolso do bohemio, e d'ahi para as outras mulhe-

res e para o panno verde do clubs de baccarat. A esposa e á cunhada não passava despercebida a conducta do rapaz, mas condescendiam, satisfeitas, porque elle era muito carinhoso e tinha muita lábia...

Quando Clarinha declarou a sua resolução, o cunhado apressou-se em applaudir a idéa; e, embora não confiasse nos talentos della, deu-lhe mão forte para conquistar-lhe maiores sympathias. Sentindo-se apoiada, a moça pulou de jubilo, embragada pelas perspectivas risonhas do futuro.

la sempre aos hoteis onde se hospedavam as artistas, para lhes levar as encomendas. As artistas incumbiam-na de arranjar os adornos da "toilette", muito confiadas em seu gosto. Porisso faziam-na vir ao hotel, e a costureirinha, enquanto expunha sua opinião acerca das cores, das combinações de enfeites e de mil futilidades de elegancia, achava-se bem naquelle ambiente, sentada naquellas cadeirinhas de estofo, contemplando o piano, as peanhas e aquella profusão de "bibelots" frageis e ricos. Admirava

## REVISTA FEMININA

as "corbeilles", que attestavam o successo da vespera... Toda vez que sahia de uma dessas casas, sua cabecinha desvaivava. O que mais a lisonjeava eram as consultas que as actrices lhe faziam no camarim. Cada pormenor da vida de bastidores tinha para ella o aspecto de um mundo irreal, unico e maravilhoso, em que podiam realisar-se os mais assombrosos acontecimentos. Ajudava a vestir as actrices para estar mais tempo em sua companhia, orgulhosa de saber manejar toda aquella complicada bateria de tocador. E quando esperava a diva, atraz dos bastidores, para a ajudar a trocar as roupas, gosava com emoção os applausos do publico como se fossem dirigidos a si.

\* \* \*

No dia seguinte procurava ler avidamente nos jornaes os elogios feitos á cantora, substituindo o nome da freguezia pelo seu proprio, e por um momento acariçava aquella illusão. Mas era maior o seu prazer quando, no "atelier", dados os ultimos retoques ao vestido da actriz, ella, deante do espelho, vestia-o, imitando as attitudes das actrices, o seu modo de andar em scena...

Entrando em casa cedo para dormir bastante e sentir-se descansada no dia seguinte, Clarinha vacillou se devia deitar-se immediatamente ou passar a noite em vigilia para recordar o seu papel e dar todas as providencias que fossem necessarias.

Os tres elementos principaes de que dependiam o seu exito, eram: a boa memoria para dizer o seu papel, conservar as marcas, não deixar escapar nenhuma "deixa" e obedecer a todas as indicações que lhe fizera o ensaiador; o esmero na "toilette", e, mais que tudo, a segurança da voz para poder emitir aquellas notas agudissimas da sua romança.

Clarinha tinha muita segurança nos recursos da sua voz. Entretanto, era isso o que mais a inquietava, porque o seu papel, na parte falada, não offeria nenhuma difficuldade e resumia-se em phrases curtas. A sua parte de canto, sim, era a de maior responsabilidade da peça. Para se encorajar, rememorava os seus successos nos theatrinhos de amadores, em alguns salões... Como era applaudida! Verdade é que na romança do primeiro acto havia umas notas tão agudas... Oh! ella as emitia perfeitamente no tom da musica. Mas se a afinação da orchestra subisse em meio ponto que fosse, seria um desastre. Victor, o seu amiguinho Victor dizia-lhe sempre:

— Cuidado com o maestro! Essa gente de theatro é des-honesta e traidora...

Victor... Que bom amiguinho! Dizer que não lhe queria, seria mentir a si propria. Elle era tão bom, tão respeitador, tão affectuoso... Recordou as disputas que com elle tivera, no interesse de convencer-o de que uma mulher pôde triumphar no theatro sem sacrificio da sua honra, sem rebaixar a sua conducta... Isso era proprio daquellas que, não tendo meritos artisticos, recorriam a outros meios menos honestos para facilitar o triumpho.

— Ha tantas actrices honestas! dizia. Pois serei uma dellas.

Elles se conheceram numa festa de beneficencia. Victor dirigia o sexteto. Desde que se tornaram amigos, o rapaz vivia a aconselhal-a a que se retirasse do theatro, que elle conhecia intimamente e do qual guardava as recordações mais desagradaveis. Demais, parecia-lhe uma loucura que uma moça honesta renunciasse á vida pacifica do seu lar e á sua profissão tão rendosa, em troca de uma existencia sempre incerta e tão accidentada...

\* \* \*

Ante essas praticas, onde havia muita sinceridade, Clarinha se convenceu de que o rapaz a amava. Pois ella ia demonstrar-lhe que podia pôr o pé na fogueira sem se queimar.

Tentações não lhe faltavam. Os homens dardejavam sobre ella olhares faiscentes. Ella, porém, mantinha uma compostura irreprehensivel. Em vão paravam á porta do seu camarim os ricaoços protectores. Tratava a todos com immensa seriedade. Mas o que mais a preocupava eram

os gestos bruscos do maestro director da orchestra. Era um homem intratavel.

No lar tinha-se estabelecido a desordem. Clarinha não trabalhava mais, e a freguezia ia diminuindo dia a dia. A attitude do marido, encorajando sempre a resolução de Clarinha, deixava Eulalia sobralçada porque ella adivinhou que o marido não desejava outra coisa senão viajar e triumphar á custa da cunhadinha...

Entre os bastidores vivia cercada de invejas e desconfianças. As primeiras figuras odiavam-n'a, receiosas de que, disfarçada naquella modestia, estivesse germinando a semente de uma grande artista, que eclipsaria a todas. Por tudo isso, Clarinha, sendo a unica de conducta honesta, era tratada como se compromettesse a conducta das demais.

O cunhado veiu lembrar-lhe de que era tarde e que ella precisava de repouso. Aquillo fel-a voltar á realidade. Despiu-se á pressa, nervosa, e deitou-se. Não queria pensar em mais nada. Aquelle acaso, porém, não lhe sahia da imaginação. O papel, que ia desempenhar, pertencia á primeira dama, que adoccera subitamente. O empresario, para substitui-la, apontou Clarinha. O maestro oppoz-se tenazmente, e foi quasi brutal. Por fim, o empresario venceu.

A sua carreira dependia, pois, daquelle successo inicial. Obtido o successo, não faltariam empresarios que a contratassem, offerecendo-lhe o logar de primeira dama.

\* \* \*

A catastrophe resouo, atrozadora. Foi definitiva. O golpe cahiu sobre a sua victima com a violencia vertical das grandes quedas. Ouviam-se commentarios ciciados, vozes que se erguiam. Nas galerias, alguns espectadores menos cortezes, assobiavam. Entre a gente dos bastidores a opinião se dividia. Todos se recordavam que a romança tinha sido cantada, nos ensaios, em tom mais baixo, talvez dois tons. Enquanto uns censuravam o maestro, outros, os aduladores, o louvavam, dizendo que elle transportou o tom para que a nova actriz obtivesse mais effeito nas notas agudas.

O facto é que, no ensaio geral, que se realisou no mesmo dia do espectáculo, o maestro lançara a Clarinha um soslaio carregado de odio.

Quando Clarinha appareceu em scena, notou logo a mudança de tom. Notou-o, e encarou, surprehendida, o verdugo, que, de batuta em punho, teve a covardia de não a olhar. Era impossivel voltar atraz. Em vão tentou ella fazer-se ouvir recorrendo á voz de cabeça. O falsete tambem falhou. A orchestra vibrava atrozadora. Os lenhos zuniam notas agudas e os metais entraram com alarido, acompanhados de bombos e ferrinhos. Naquella tempestade harmonica vogava, sossobrante, a fragil voz feminina, como pomba acossada por vendavaes.

A voz apagou-se-lhe na garganta. Bem claramente percebeu a moça a má vontade do maestro. Seus olhos, onde havia centelhas de colera reprimida, pareciam dizer: "Infame!" O maestro, porém, como todos os verdugos que se comprazem em exercer vinganças injustas, era covarde, e não teve coragem de a encerrar. Clarinha quizera dizer ao publico, depois de calada a orchestra, que suspendesse o seu juizo e aguardasse outra prova. Mas o publico rompeu em assobios, em pateadas.

Clarinha não pondeu mais. As lagrimas jorravam-lhe dos olhos, em torrente.

\* \* \*

No camarim esperavam-na Eulalia e o marido.

— Não te dizia eu? Porque te metteste em camisa de onze varas? ralhava Eulalia.

O marido roia o bigode sem nada dizer.

E Eulalia:

— E as despesas que fizemos! Quanto dinheiro fidalco! E o ridiculo em que cahiste! Até Victor, o melhor dos teus amigos, não appareceu.

— Eu estou aqui, falou o moço entrando.

O rapaz não recordou nenhuma das suas predições,

nenhum dos seus conselhos. Suas phrâses, ao contrario, eram confortadoras.

Victor, que momentos antes, estava cabisbaixo e triste, tinha uma grande alegria no olhar. E falou-lhe com carinho:

— Não te rales, minha amiginha. Todos rós sabemos de quem é a culpa. E embora isto não se possa explicar ao publico, ha muitos theatros onde demonstrar os teus meritos.

Mas a moça atalhou vivamente:

— Nunca! Daqui para casa.

E' a tua firme resolução?

— Firmissima.

O gesto foi tão sincero, que e Victor, pegando-lhe as duas mãos parecia querer dizer-lhe: "Obrigado".



— Obrigada, maestro...

Mas disse-lhe:

— E' assim que te quero, na paz humilde da tua casa, na alegria intima da familia, na tua officina, perfumada pela tua graça, e sem receio de que alguém me venha roubar o teu affecto. Porque eu quero ser o unico a occupar a tua imaginação e o teu coração.

Nesse momento, pela porta do camarim, que Victor deixara entreaberta, passaram os artistas. O maestro tambem passou. Clarinha correu-lhe ao encontro. Todos pararam, esperando uma scena tragica, e o proprio maestro director recouu um passo, muito pallido. Clarinha, porém, extendendo-lhe a mão:

— Obrigada, maestro, obrigada. Nunca me esquecerei do favor que lhe devo, da immensa alegria que me proporcionou esta noite.

E de novo as lagrimas lhe jorraram dos olhos, mas desta vez eram lagrimas de felicidade que só Victor comprehendia.

*Os teus olhos negros, negros,  
São gentios da Guiné;  
Da Guiné por serem negros,  
Gentios por não ter fé.*

MARIA E AS MULHERES BIBLICAS

Continuam a chegar-nos, diariamente, manifestações inequívocas de agrado por nossa edição da formosa obra de Claudio de Souza: "Maria e as mulheres biblicas", que foi o maior acontecimento das letras catholicas deste anno. E'-nos impossivel trasladar para esta secção tudo o que se nos tem escripto, e hão publicado os jornaes, sobre o maravilhoso trabalho de nosso illustre collaborador, e necessario não é que o façamos porque o melhor attestado do exito colossal que teve nossa edição, é o de se achar ella quasi completamente esgotada pelos pedidos que nos chegaram antes mesmo de ter sahido do prelo... Entre as opiniões da imprensa ultimamente publicadas seja-nos licito, entretanto, destacar a de Leal de Souza, um dos grandes nomes de nossa literatura, poeta de arte perfeita, e prosador de attico estylo, que, já na direcção da "Caretta", a popular revista carioca, já na redacção d' "A Noite", o orgão de maior diffusão no Rio, tem emprestado ás empresas com as quaes collabora o fulgor de seu espirito de eleição. São de Leal de Souza os seguintes trechos sobre "Maria e as mulheres biblicas":

"Foi com alma de crente e paixão de artista que o dr. Claudio de Souza burilou as paginas ardentes e fulgorosas deste livro cheio de belleza antiga e graça moderna a que deu o suggestivo titulo de "Maria e as mulheres biblicas", abrangendo-as em sua totalidade.

O esforço do esylista não se manifesta na correcção sonora dos periodos, mas o leitor é levado a admirar-o á cadencia rythmica dessa prosa vibrante. Ao lado da habilidade psychologica com que o escriptor apprehendeu a personalidade de suas heroínas, ha de mirar a profundidade da erudição com que caracterizou cada época e cada ambiente, cercando as figuras evocadas dos attributos matriciaes de seu tempo, movendo-as no seu meio proprio.

No estudo de Esther, a evocação de Assueros olhando do seu throno o grande espectáculo da exhibição de suas riquezas, tem a nitidez de uma reprodução animada, é sumptuosa e palpante, mostrando-nos, em desfile deslumbrante, num scenario de quolencias rutilantes, as dansarinas coroadas de rosas, envolvidas em sete veus, as comediantes da Syria, os pantomimeiros do Egypto, os bufões phrygios, as tocadoras de alaúdes, de harpa, de pandeiros...

Na evocação de Magdalena, descreve o dr. Claudio de Souza, com minucias de erudito, mostrando as designações originas, os vestu-

rios luxuosos e os esplendidos adornos.

A lingua em que escreve o evocador de tanta belleza, é, no brihlo da sua pureza, a dos mestres do portuguez, e, seguindo-lhes o exemplo, gosta o dr. Claudio de Souza de ostentar a riqueza do seu thesouro vocabular, como, ao tratar do conjunto historico das virtudes das mulheres biblicas, em paginas desta opulencia.

"Sua acção vae-se-nos apresentar definitiva, e deslumbrante: vae jornadaear a terra, e, como a luz, dissolver nebulosidades, transparentar sombras, transitar longos caminhos, perfustrar atalhos, saltar linhas, tanscender belliss, vadear aguadas, transnudar rios, perlongar praias, palmilhar areias, singlar mares, marcar nas, velicjar oceanos, correr planicies, engatinhar penedias, transnortar alturas, transpor cordilheiras, circumnalar cidades, invadir casas para se diffundir por todas as almas, por toda a terra, e encher todos os seculos!"

Esta é uma obra em que a belleza assenta na erudição e no entusiasmismo."

AMOR-PERFEITO

Branca, vermelha ou amarella, a rosa  
E' heraldica, divina e soberana,  
Quando respalme em seu hastil formosa.

Num fausto de sultana.

O cravol... que fragancia captoza...  
Que fulgencia, que pompa meridiana  
Verte a sua corolla magestosa,

De extranha filigrana!

Nada, porém, iguala, em meu conceito,  
A' perfeição que ostenta o amor-perfeito.  
Em belleza e matiz...

Que extase immenso, que saudade exhalta  
Essa flôr triste, ao canto de um vaso,  
Em seu vasa nutriz!

## A M O D A

A simplicidade é o traço principal da moda, é o seu cunho. A's leitoras profanas em questões de elegancia, principalmente as que vivem no interior do Estado, poderá parecer, pelo exame dos figurinos que lhes chegam ás mãos, que a moda, ao contrario, é complicada. É um puro engano. A despeito das suas demasias, dos seus exaggeros, da sua falta de decencia, falta que tem sido tão combatida pelo clero catholico e por todas as pessoas sensatas, a despeito de tudo ella é simples em suas linhas naturaes e quanto mais simples mais caracteriza a tendencia da presente epoca e a generalidade do gosto das senhoras.

O vestido direito e vago com um longo corsage envol-

vendo todo o busto, constitue o conjuncto mais em voga e é, porventura, um dos mais graciosos.

A cintura desapareceu ou é apenas marcada parcialmente, ora atraz, ora dos lados, nunca porém na frente. A linha de união que liga a saia ao corsage, na altura dos quadris, é frequentemente recoberta com um largo cinto-écharpe, terminando atraz ou dos lados em laços armados, bem cheios.

O cinto é, antes de tudo, um accessorio que dá muita mocidade e frescura á mulher, emprestando-lhe ao corpo um aspecto leve e vaporoso. Elle vai esplendidamente bem ás toilettes do estio, aos vestidos claros de foulard, de



Quatro encantadores modelos de toilette para baile e recepção.

## REVISTA FEMININA



Dois lindos modelos para mocinhas, muito proprios da estação.

mousseline, de batiste, de crepe e de tussor desenhados e bordados de cores vivas, que constituem hoje a nota da elegancia.

Com effeito, o gosto e o dom inventivo crearam verdadeiras obras-primas na industria das fazendas.

Ha, em primeiro logar, os desenhos japonezes e chinezes, de uma grande originalidade; graciosos minaretes em miniatura, pequenos pavilhões de chá, folhas, passaros e arbustos lindamente estylizados, flores sonhadoras de lotus e hieroglyphos mysteriosos, destacando-se deliciosamente ora em delicado colorido vaporoso, ora em azul, vermelho ou amarelo intensos sobre crepe de seda branca ou tussor bege claro.

Passando á arte moderna, vêm-se manchas de cor cubistas, rubras, verdes, amarellas ou roxas de tom crú, flores de phantasia futuristas, desenhos de atelier de grandes quadrados em meio aos quaes negros cubos alternam com motivos multicores.

Deliciosas são as sedas novas para vestidos de mocinhas: sobre fundo de twill branco pequeninas maçãs azul turqueza, margaridas de uma rosa delicado, medalhões pintados em lilás pallido; desenhos em xadrez ou listras miudadas em azul gobelino ou jade amarelado, interrompidos os desenhos por quadrados unidos do mesmo tamanho. Ha uma preferéncia marcada pelas texturas de cores listradas atravessadas, que se tornam ainda mais interessantes quando imitam o effeito de bordados a ponto picado e cordonnet.

Nesta mistura multicolor vêm-se juntar as delicadas composições de negro e branco, distinctas e discretas: listras, quadrados, redondos, desenhos japonezes de phantasia.

Para esta estação estão a tentar a sympathia das elegantes as encantadoras toilettes em mousseline, em crepe Georgette e China branco, combinado com rendas de Chan-

tilly negras. A's elegantes que possuem taes thesouros de rendas, offercem-se as mais seductoras perspectivas.

Os costumes de primavera e de estio mostram uma predilecção marcada pelos tons claros e medios: branco, amarello, marfim, sable, beige pastelizado e gris prateado, azul gobelino, verde resedá e jade, amarello enxofre, vermelho petunia, etc. Entre as cores carregadas: o pardo nas nuanças muito finas com reflexos dourados, o vermelho vinho, "taupe", terra-cota e azul marinho. Entre as fazendas citaremos: a sarja, a gabardine, o molleton, o cheviote de estio, tc. Vêm-se ainda as lãs de face dupla, mas cujo reverso desenhado não é aproveitado senão para a gola e enfeites. Vêm-se tambem costumes executados das mais diversas maneiras, particularmente chics, com saias listradas, aos quaes se associam as jaquetas curtas.

Uma das nossas leitoras escreveu-nos uma carta em que nos faz uma serie de perguntas. Muitas cartas dessa natureza nos chegam ás mãos, e temos realmente pena de não poder responder a todas por esta secção porque o espaço que nos é destinado mal nos basta para esta despretenciosa palestra com as leitoras.

Aquella senhora pergunta-nos se o "plissé" ainda tem applicação. O "plissé" vulgarizou-se de tal maneira, foi aproveitado para tantos e tão variados effeitos, que, por fim, as elegantes se cançaram de usal-o. Elle não está precisamente fóra da moda, porque a moda, hoje como hontem, admite todos os caprichos e accomoda-se a todos os



Dois originaes e lindos modelos proprios para passeio, de linha simples mas de muito effeito.

gostos; ainda pôde ser aproveitado parcialmente na saia ou no "tablier". Se, porém, se puder recorrer a outro genero de effeito para a "toilette", é melhor dispensal-o.

A unica coisa para a qual ha uma moda fixada é o calçado. O calçado é longo e de bico afinado e abre-se até á curva do pé, e tem o salto muito alto e fino. A tira de couro que abraça o tornozello é indispensavel para o fim de fixal-o ao pé.

As meias usam-se de varias cores e tonalidades, menos, já se vê, as cores vivas e berrantes. A meia deve combinar com o vestido ou, pelo menos, com o calçado.

Para terminar e como pretexto para encher mais esta columna de palestra com as leitoras, passemos a outro assumpto. Tratemos um pouco de hygiene de belleza.

As senhoras brasileiras, que, seja dito de passagem, são sempre asseadas e não dispensam os seus banhos de agua abundante, esquecem-se, entretanto, de um pormenor da hygiene que tem muita importancia. As senhoras, em geral, usam lavar o rosto pela manhã, logo que se levantam do leito, e depois disso é que vão fazer os seus pequenos serviços caseiros. Quer dizer que, durante esses serviços, se enchem de pó, tornando inutil, portanto, a ablução matinal que fizeram. Mais pratico e hygienico é lavar o rosto mais tarde, al-

guns minutos antes do almoço e depois de ter executado todas as tarefas. E' necessario lavar o rosto duas vezes: pela manhã e, principalmente, ao deitar-se. Isso é de muita importancia, porque, não lavando o rosto á hora de deitar, a senhora terá de passar oito ou dez horas de sono com o pó adherido ao rosto. O mal que disso resulta não se faz esperar. A pelle se resente seriamente disso, tornando-se aspera, de cor irregular e de aspecto grosseiro. Deve-se, pois, lavar o rosto ao deitar, em agua morna e sem sabão. Feito isto, passar no rosto com as mãos e fazendo uma ligeira massagem o seguinte preparado:

|                            |             |
|----------------------------|-------------|
| Agua distillada . . . . .  | 300 grammas |
| Agua oxygenada . . . . .   | 10 "        |
| Glycerina neutra . . . . . | 15 "        |
| Acido borico . . . . .     | 3 "         |

Esse preparado é excellente. Mantem a finura da pelle, torna-a clara e avelludada e faz desaparecer as manchas. Usado de dia, tem a virtude de facilitar a adherencia do pó d'arroz, dispensando os cremes destinados a esse fim.

MARINETTE.

## A FESTA DA FLOR

A festa da flor, que se realisou a 6 do corrente, apesar de ser instituida ha tão pouco tempo, pois a sua genese não vae além de meia duzia de annos, trouxe uma desusada alegria á nossa cidade. Viam-se pelas ruas lindas mocinhas carregando cabazes de flores e abordando corajosamente os transeuntes, para lhes rogar, em troca de uma flor, um pequeno obulo em beneficio do Hospital das Creanças e dos asylos da Associação Feminina Beneficente e Instructiva. O resultado colhido foi excellente. Nem era de esperar outra coisa, graças á solicitude das formosas mocinhas que se puzeram graciosamente ao serviço dessa obra de piedade.

A "Revista Feminina" tambem foi brilhantemente representada nessa festa. Na Casa Weissflog, sob o patrocínio desta revista, foi installada uma vasta mesa de flores, presidida pelas exmas. sras. d.d. Anna R. de Carvalho Martins, Alexandrina H. Pfann, Petronilha Vieira Coelho. Vendedoras: Dica Sampaio, Lourdes Graça Martins, Lalisa da Silva Leite, Elsa Coelho, Regina Coelho.

## ESMERALDINO PRIMEIRO

Realisou-se sabbado, 15 do corrente, no salão do Conservatorio, o annuciado vesperal dançante sob o patrocínio das exmas. sras. d.d. Americano, Pirajá, Mello e Figueiroa, em beneficio a essa instituição de educação e caridade de que são directoras as distinctas senhoras d.d. Eunice Caldas e Firmiana Araujo.

As danças, como era de esperar, estiveram animadissimas, tendo concorrido ao salão do Conservatorio os mais finos representantes da nossa sociedade.

## CONSELHOS MEDICOS

### A QUEDA DOS CABELLOS

Corre como certo, como demonstrado que a queda do cabelo é uma enfermidade para a qual não ha medicamento effizaz. A experiencia vem, de ha muito, provando isso. Mas não. São multiplas as doenças do couro cabeludo, apontando-se como as principaes a pellada, a alopecia, a caspa, a seborrhéa, a trichophyia, a folliculite, a tinea e a sycose. A mais commum é a seborrhéa, que vae enfraquecendo o bulbo piloso, fazendo progredir, dia a dia, a calva. Mas tanto a seborrhéa como as demais enfermidades são curaveis. Ha um especifico que aconselhamos ás nossas leitoras, cuja effizacia tem sido innumeradas vezes comprovada: é o Pílogenol, do chimico brasileiro Francisco Giffoni. Trata-se, não de tónico vulgar, como ha muitos por ahí, annunciados em jornaes e placards vistosos, mas de uma verdadeira descoberta. Ciará está que um individuo deprimido pelo lymphatismo, pela anemia, pela chlorose, pela cachexia, pelo arthritismo ou por affecções do systema nervoso é em vão que tentará cistar a queda do seu cabelo por meio de loções. Nesse caso é aconselhavel o Vinho Biegenko, rico em phosphatos biologicos, iodo organico e tónicos vegetaes; e juntamente com esse vinho deve-se usar o Pílogenol.



Costume tailleur, de linha simples e severa.

# Flora epiphyta do Rio Grande do Sul

## NOSSAS ORCHIDEAS

E' incomparavel e extraordinariamente bello o que possuimos em nossas ricas e densas mattas, nos concavos dos valles em "Orchideas", essas formosas flores eminentemente indigenas e de flora epiphyta.

Essa vegetação aerea impropriamente chamada de "parasita", a par dos cravos do matto (*Tillandsia bicolor*, *T. dianthoidea*) ornã sobremaneira as nossas florestas, tornando esta parte do Brasil austral luxuriante e imponente. Já o celebre historiador inglez Robert Southey qualificou o Brasil de região mais formosa de toda a terra habitada. Não é o Rio Grande conhecido no que se refere ás suas condições eminentemente favoraveis á Floricultura e especialmente em relação á sua opulenta flora epiphyta.

São tão numerosas as variedades dos milhares de orchideas conhecidas, tão frequentes nas regiões sombrias de nossas florestas, que o usamos acreditar na existencia de verdadeiras maravilhas no interior das mattas verdadeiramente virgens que o Rio Grande possui ainda.

As orchideas extasiã-nos a um tempo pelo seu aspecto original, suas cores em geral alacemente vivas, a sua forma incomparavel e os seus brilhantes matizes.

Quem não teve ainda a ventura de admirar em nossos cerrados e umbrosos mattos essas delicadas e caprichosas flores?

A *Cattleya intermedia* grak, uma das mais vulgares, cobre ás vezes vetustos troncos, tem os sepalos e os petalos violaceo-vermelhos; um pouco de cuidado em sua instalação em um tronco com um pouco de musgo do genero *Sphagnum*, e com o auxilio de fibras textis de grita, de saphia ou de *Dicksonia Sellowiana*, o maior dos fetos que florescem no Rio Grande do Sul, é o sufficiente para que esta *Cattleya* floresça admiravelmente.

Outras orchideas, porém, proprias nos logares muito

sombrios, exigem o abrigo de estufas, regas chemicas e esmerada observação afim de preservã-las do ataque dos insectos e dos cryptogamos parasitas.

Fazem-se algumas installações com a "*Tillandsia usneoides*" que é a nossa conhecida e muitissimo popular "barba de velho ou de pau" que em nossas mattas forma verdadeiras cortinas.

No Rio Grande floresce um bom numero de orchideas formosas; em quasi todos os sitios, desde esses morros paleozicos coroados de vegetação asperrima em que se salienta a "*Collitia cruciata*" dos arredores de Porto Alegre, até o extremo norte, onde se encontra a bella e util orchidea de subtil perfume, a *Vanilla aromatica*, orchideas apresentam-se sempre soberbas, de forma caprichosa, quer se trate das robustas quer das orchideas anãs, taes como as *Sophranites* e a *Habeneria* dos campos de areia moveida.

Estas ultimas, plantasinhas de alguns centimetros, tem mimosas flores e vegetam em geral ao lado de algumas Bromeliaceas.

Parte da flora do Rio Grande é "psammophila", encontrando-se caracteres de formação "brálaphila", segundo o naturalista sueco Dr. C. M. M. Lündmann, em seu importante trabalho "A vegetação do Rio Grande do Sul".

Algumas orchideas petrophytas vivem modestamente sobre rochas musgosas; têm folhas espinhosas como as das Bromeliaceas, haste erecta e flores vermelho-amarelladas.

As especies de real merecimento são em geral, as muito justamente denominadas "elegans", "purpuratas", "intermedias", albas, etc.; algumas, como por exemplo, o "*Oncidium crispum*",

são muitissimo raras. *Cattleyas*, *Loelias*, *Zygotetalimis* *Oncidiuns*, *Doudrobiums* são muito abundantes.

Um negociante de Porto Alegre, orchidophilo extremado, o sr. Antonio da Silva Valladares, já fallecido,



*Cattleya Aquino*. Hybrida natural do Rio Grande do Sul.



*Cattleya Aquino*. Hybrida natural do Rio Grande do Sul.

## REVISTA FEMININA

encontrou um dia em seu orchidario, um híbrido de *Cattleya* inteiramente extranho que hoje é conhecido por *Cattleya Aquinu*, designado pelo venerando e sabio botânico brasileiro, dr. Barbosa Rodrigues que a rece-



*Cattleya Aquinu*. Híbrida natural do Rio Grande do Sul.

ber do seu correspondente scientifico no Rio Grande, o sr. Francisco Aquino.

Nós damol-a em um formoso conjuncto com o "*Dendrobincunobile*" em plena florescencia.

Este ultimo, porém, é da India.

A planta tem folhas coreaceas, ligeiramente acuminadas e vigorosamente verdes, bulbos robustos e flor elegantissima, de labello purpura-arroxeadado, coloração esta que tambem embelleza as extremidades de dois sepalos, ao passo que os dois petalos tem o apice uma pequenina macula verde-musgo.

A flor, afora estes pontos, é de côr purpurina muito desmaiado; em conjuncto é de incomparavel belleza.

Em uma concorridissima exposição realizada pela Royal Horticultural Society, em fins de Março de 1892, a "*Cattleya Aquinu* obteve um julgamento de merito, "Award of merit" e foi descripta no "*Gardenerlis Chronicle*" de 31 de maio do mesmo anno.

Como preciosidade, verdadeira joia da flora epiphyta possuimos a "*Cattleya purpurata, albaplana*", planta rarissima, ainda não descripta no "*Dictionnaire Iconographique des Orchidées*, nem em nenhum dos catalogos belgas, ingleses ou allemães, sendo, no emtanto, uma preciosidade.

Segundo affirma o sr. dr. José Pinheiro M. da Silva, o Estado do Espirito Santo é um dos mais ricos do Brasil, na flora epiphyta, devido talvez ás condições

climatericas, pois em uma lombada de serra e em um pequeno perimetro, encontrou de dez a vinte variedades dessas lindissimas e preciosas flores que extasiam e encantam.

As flores das Orchídeas são umas inodoras e outras de perfume inebriante.

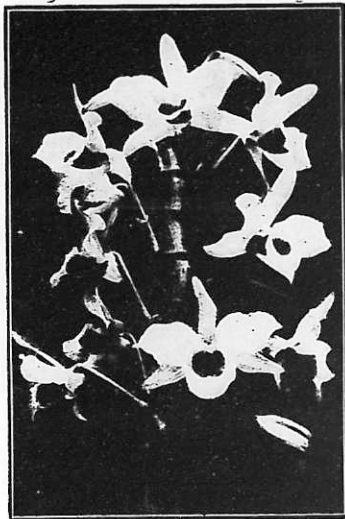
As Orchídeas rebentam seus primeiros bulbos na estação primaveril; desenvolvem-se então seus rhigoneas e formam-se os seus botões que vão desabrochar em plena estação de estio, matisando de cores variadas as densas ramarias de verde glauco, as franças de nossas sombrias e seculares mattas.

Respira-se então ahí a largos haustos as exhalções sadias dessas flores, perfume entontecedor; admira-se-lhe a belleza da forma, emoldurada pelos matizes raros e como não ser assim se são ellas de uma formosura suggestiva e impressionante!

Essas flores da selva brasileira contam hoje milhares de admiradores que as cultivam com real carinho.

A nossa soberba flora foi sempre digna da maior admiração.

Além disso, podemos gabar-nos da facilidade de acclimação que encontram no Brasil as plantas de outras regiões; basta-nos, por exemplo, citar as conhecidas e formosissimas palmeiras imperiaes. *Orcodoxa*.



*Dendrobium nobile*. — Natural da India.

oleracea, que mereceu do sabio botânico succo, o Grande Linneu, o epitheto de

Principes vegetabilium! No que se refere á technica dos orchidarios, occorre-nos lembrar principalmente a pratica da hybridação artificial, operação delicadissima que em sua essencia consiste no casamento de especies

diferentes. São precisas thesouras delicadas, com as quaes retiram-se as pollinias da flor que deve receber a fecundação artificial e cobre-se a flor com um capucho de gase, bem justo ao pedunculo, afim de impedir que o vento, os insectos ou os beija-flores transportem para a flor o pollen de outra orchidea já por elles visitada. Após alguns dias retira-se este accessorio e com auxilio de um pincel fino ou de um fino estylete leva-se ao stigma da flor um pouco de pollen ou toda a pollinia (pollen em massa) da outra flor, á escolha do operador.

Assim conseguem-se artificialmente hybridos de origem conhecida, por um processo que



Dendrobium. Natural da India.

## A mais bella mulher de Portugal

Nada ha mais interessante e original que o concurso que o "Diário de Noticias", de Lisboa, iniciou para saber qual a mulher mais bella de Portugal. A proposito desse concurso, eis como se manifestou o sr. Souza Costa:

Sejal Não irei pesquisar o typo de belleza de Traz-os-Montes nos meos hybridos ou uniformistas das cidades e villas, em Chaves ou Villa Real, em Bragança ou na Regoa. Ah! he hoje, houve sempre — e a commoção com que o registoi, olhando-os na fresca moça dos vinte annos e na molhura da minha saudade! — suaves perfis de mulher, harmonias musicas de escultururas femininas. Mas não são os typos citadinos, typos sem expressão local, pois a tesoura do figurino recorta os de Braga pelo de Lisboa, os de Faro pelo do Porto, os que interessam neste concurso.

Procural-o-ê antes nas aldeias, onde a mulher vive na Natureza í del da Natureza, brusca se esta joga de impeto com as alturas, na arrogancia hirta das ravinas; risonha se as contreas florescem em pascoas de vergeas e pomares; e sempre, num vago instincto atavico, escolhendo pela cor envolvente da paisagem o tom do tecido de que faz a saia e corpete — afideada ás cores garrida onde a paisagem esplende de colorido, humilhada ás severas onde ella é grave. Porque, nesses meos, em que a moda desconhece o capricho historico da volubildade — mantendo-se fiel ao costume através de gerações — é que a mulher é bem o phistonomia animada da região. A minhota é o Minho. A salaio é a charneca. A transmontana Trás-os-Montes. Vémol-a, lixamol-a auscultamos-lhe a indole dos movimentos e observamos-lhe o caracter da indumentaria, e é como se a sua boca se abrisse, e através da espuma dos seus dentes nos distesse onde nasceu, onde vive.

A paisagem transmontana, embora dura continua diversidade, raro deixa de ser severa. Mesmo, por vezes, nos recantos idilicos, a beira do açude em que o rio repousa da fadiga das cachoeiras; mesmo na veiga arborizada em que o milho grão espansia o vento os pendões de ouro; até ali, o fundo do idyllo, pelo meos esse, e o tragico orgulho da escarpa inacessivel.

Por isso a indumentaria nunca chega a ser a purpura ou a esmeralda, fluctuando entre o pardo da estumena e os estampados da chita. Nem se distingue, isso tambem nunca, pela graça voluptuosa, pela linha ondulante, pela desenvoltura pagá, alheia aos proprios accessorios dos vidrilhos e dos ouros, do traje da varina ou da minhota.

Ao mesmo tempo, porque a severidade não se reflete só no traje, a mulher transmontana não tem a alegria do Minho. Allí tão perto, esta canta do nascer ao pôr do sol, embora morreje dia a dia, sucteando a soga e no jugo o boi rebelde, guiando-o na jornada da lavoura, cavando a terra e espedaando o linho. Mas canta aos acordes symphonicos da paisagem, e na paz affavel da sua relativa liberdade, conferida pelo homem, o embarcadoio ausente no Brasil ou o lavrador de autoridade benigna.

A transmontana resente-se da gravidade da montanha, que por sua vez se communica ao homem, o senhor, o patrão, o despota. E é como senhor, o patrão e despota que desde o casamento a morte a trata e inferioriza.

Obriga-a a deixar a palha conteida do ninho ao luzir do branco — com estrellas a pestaciarem no céu, mal a alva se annuncia no crespo altar dos cabeços. Ella logo se põe a cuidar do vivo, a cabra e o porco, que lhe estão acima nas considerações do senhor. Passa em seguida a esperar a braza da lareira, para o almoço do patrão. Antes das oito, amarranhada na serguita aspera do traje das obrigações, descalça ou de tamancos, ahi vai levar o

é a imitação das hybridações naturaes, feita por intermedio dos insectos, dos passaros e mesmo do vento, conductores inconscientes de pollinias.

Terminando, diremos: assim como a França possui a flor symbolica, o Liz, a Italia suas Margaridas e Violetas de Parma; Luxemburgo as suas incomparaveis Rosas; a Hespanha seus encantadores e perfumados Cravos; o Japão as Azaléas e os Chrysantemos, façamos nós das flores das Orchideas de nossas mattas, a flor symbolica brasileira.

Porto Alegre.

Octacilio Barbedo.

caldo ao despota — a cesta á cabeça, ao collo um filho, dois agarrados ás saias, subindo e descendo ladeiras, de inverno cruzada pelo bafo gelado de Março, abrazada no estio pela lava fluida que bala no ar abafado.

Torna a casa para a faina do jantar, que no meio dia ha de ser servido no chão, na toalha de estopa lavada. Depois vem o homem e os filhos, ensaboa a roupa e cozinha a ceia. E si se deita sem o corpo avergado pelo pau lesto do despota tornado tyrano, é que tem nessa noite o Anjo da Guarda a cabeceira.

Só aquella indumentaria, nesta vida, nesta agonia, neste calvario, a belleza da transmontana é sol de pouca dura. Desabrocha de manhã, como em todas as mulheres. Mas ainda a noite vem longe, ainda o gallo dá o meio dia já a tristeza das rugas — sulco amargo das lagrimas — lhe ensombra a face desbotada; já a velhice dos cabellos — neve triste das altitudes lhe crepusculisa a cabeça enurchada.

Aos quinze annos é um vigoroso pampano a abrir. Aos vinte tem a opulencia festiva d'uma videira pejada de cachos. Antes dos trinta, porém, semelha-uma cepa na poda.

E isto assim ha seculos e seculos. E sendo de longe assim, de mães para filhas, no lento dobrar das gerações, a gente pergunta como é que a belleza primitiva da raça, ceita ou aria, consegue reagir e triumphar. Como é que perduram as lindas mulheres, porque as ha lindas nessa atmosphera rude de hostildade e de penitencia.

Ha, na verdade, typos de rara perfeição, sem nada que os exalte e valorise — joias soltas de qualquer engaste. Corpos de elegante solidez, no equilibrio classico das proporções, de onde irrompem cabeças que semelham custodias assentes em vigorosas columnas jonicas. Movimentos escaudidos, é certo, mas francos e sinceros, revelando almas que não mantem, afirmando sentimentos que se não escondem.

„E aquella, branca de neve, parece talhada numa massa feita de malmequeres e Junquillos, onde por engano, escapassem algumas rosas de permeco. E esta, moreno mate, lembra a greda primitiva, de que Eva surgiu pouco depois. E que o Senhor, ao rasgar-lhe a boca, lha deixou a escorrer sangue; e ao alumiar-lhe os olhos, porque o fez lá no alto, tão perto do céu, lha deu calor do sol para sorrir.

Procural-a em Pitões — na selva escura onde o seu traje é quasi monastico; ide vel-a nos planaltos mirandezes, nas suas capuchas quasi funebres; vinde por Barroso, pelas Pedras Salgadas, pela esmeraldina Campê, em que a vegetação, mais enternecida, começa a communhar-lhe mais familiaridade. E se vos quereis convencer de que as não ha mais lindas, nem mais esbeltas, nem mais frescas, repousai um dia em Flores — pequenina aldeia ás cavalarias de Gorgo, a dois vãos de cotovia de Villa Real, onde reina uma dynmastia de lavadeiras que faz crêr nas antigas ondinas, no milagre das naidas florindo do seio virgem das espumas.

Mas qual é, então, a mais linda mulher de Portugal? A do Minho? A do Douro? A de Trás-os-montes?

Ha tempos, diante da minha devoção pela terra santa de Portugal, filha do mar e da serra — da serra que a abençoá e do mar que a beija — perguntava-me uma senhora amiga:

— E qual é a mais linda terra de Portugal?

—E' a nossa terra — respondi, sem medo de me enganar.

Não o duvideis. A mais linda terra é sempre a que nós amamos.

— Qual é a mais linda mulher de Portugal?

E' hoje, será amanhã, e para todo o sempre, aquella que cada português trazer no sacratio vivo do coração.

## OS CÃES

Os quatro rapazes tinham-se preparado para o baile official oferecido aos embaixadores japonezes. Não se sabia, examinando-os um a um, qual o mais cuidadosamente escanhado, qual o mais elegantemente vestido. Elles mostravam, adherida á pelle do rosto, uma fina e branca camada de pó de arroz. Tudo naquelles moços tinha um brilho excessivo: o verniz das botinas, os oito reflexos dos chapéus altos, o peitilho das camisas, as unhas tratadas a esmalte, os dentes... Ainda era cedo para elles irem ao baile; entretanto, os autos era caruagens de luxo, cheias de cavalheiros encasacados e damas excessivamente decotadas, já se encaminhavam para o amplo pavilhão onde se realisavam as danças. A "gançonnière" do Alfredo Pinho, ficava mesmo de frente do pavilhão, e foi porisso que aquelles rapazes a

os dois, provocado pela insolencia do Guimarães, Alfredo Pinho interveiu:

— Tens razão, Carlos Antunes: o instinto dos cães é ás vezes prodigioso. Eu digo "instincto" para condescender com as religiões, e sobretudo com a philosophia ecclesiastica, que considera o homem como o unico ser dotado de razão. Eu acho que os cães e muitos animaes superiores e tambem certos insectos, como as formigas e as cigarras, são dotados de intelligencia, de razão e de outras facultades. Quem não se recorda do celebre cão "Paco", que tanto assombro causou em sua época? Não ha muito, contaram-me outro caso estupendo. A roda de um carro havia cortado a pata a um certo cãozinho vagabundo. Um moço, dono de uma phar-macia proxima ao logar do accidente, apiedou-se do

animal; levou-o comsi-go, lavou-lhe as feridas e conseguiu, bem ou mal, encanar-lhe a perna. Muitos dias depois, quando nada mais recordava o episodio, o pharmaceutico viu apparecer á porta da sua botica o animalzinho, já restabelecido, e com elle um outro, a mancar terrivelmente de uma perna. Provavelmente esse outro cão fora victima de um identico accidente e alli se apresentara a reclamar a intervenção cirurgica...

— Já são dez horas. Os salões com certeza já estão cheios...

— Ao que retrucou Alfredo Pinho, o dono da casa:

— Deixe que se encham. Quando estiverem bem cheios, faremos a nossa entrada triumphal. Nunca se deve ir cedo ás festas elegantes, e muito menos ás festas officiaes. Para falar verdade, as pessoas distinctas nunca devem comparecer nessas festas, onde, como se sabe, só se reúnem funcionarios publicos, officiaes de policia representando os magnatas da governança e muita gente rale sem cotação no mundo elegante. Eu vou ao baile da embaixada só para fazer companhia a vocês.

— Eu, falou outro, para me encontrar com certa moreninha por quem ando bebendo os ares...

Carlos Antunes, quieto, dedicava-se a chupar o castão da bengala, vicio que apanhara havia annos e de que não conseguia corrigir-se. Debaixo do divan souu um latidosinho, muito tímido e esganicado.

— Quietos, "Bob", disse Carlos Antunes.

E "Bob", obediente, voltou a esconder-se, todo recolhido, entre os pés do seu amo.

Aquelle rasgo de obediencia enterneceu Carlos Antunes, a ponto de fazel-o interromper a sua tarefa. Afastando dos labios o castão da bengala, exclamou, comovido:

— A verdade é que ha animaes que parecem pessoas. — Creio bem, observou Guimarães, olhando Antunes ironicamente, e ha pessoas que parecem animaes...

Com o intuito piedoso de evitar um attrito entre



gala; lembras-te da minha cadellinha galga a "Yorick" que morreu afogada no Guarujá? Tinha uma intelligencia tão aguçada, que era uma maravilha. Dentre as mil anecdotas que poderia contar a vocês, basta citar uma, que vale por todos os actos de intelligencia praticados por cães. Desde a mais tenra infancia Yorick foi o meu melhor amigo. Orphã de mãe, fui eu quem a amamentou com um biberon muito pequenino onde eu deitava leite de vacca misturado com agua. Eu era, nesse tempo, um garotinho de dez annos, e travesso como todos os garotos dessa idade. O que a pobre Yorick soffria commigo! Eu queria-lhe muito, fazia-a comer em meu prato, dava-lhe os melhores bocadoes, mas, em compensação, quantos soffrimentos lhe causava! Obrigava-a a fazer de cavallo de tiro, e o animalzinho puxava um carro pesado, gemendo a cada passo, com a lingua de fóra. Batia-lhe a todo instante. Entretanto, ella, resignada, correspondia com carinhos ás minhas brutalidades. Passavamos juntos todo

o animal; levou-o comsi-go, lavou-lhe as feridas e conseguiu, bem ou mal, encanar-lhe a perna. Muitos dias depois, quando nada mais recordava o episodio, o pharmaceutico viu apparecer á porta da sua botica o animalzinho, já restabelecido, e com elle um outro, a mancar terrivelmente de uma perna. Provavelmente esse outro cão fora victima de um identico accidente e alli se apresentara a reclamar a intervenção cirurgica...

Carlos Antunes não pdeu calar a sua incredulidade:

— Homem, isto parece uma hespanholada, e das grossas.

— Não é hespanholada, é um facto verídico, de que se occuparam os jornaes. Não li as noticias, mas o facto foi-me referido por uma pessoa absolutamente fidedigna.

— Quanto a mim, acho-o muito verosimil, exclamou Carlos Antunes, afastando dos labios o castão da ben-

o dia. Nunca nos separávamos. Mas chegou o momento de recommear os trabalhos escolares. Tive que ir para o collegio, onde permaneci pouco tempo; em seguida principiei a estudar em casa, e por esse motivo a minha amizade à Yorick teve de esfriar um pouco. O

entre as pernas e de olhar-me de soslaio. Meu pai ficou indignado. Minha mãe chegou a fazer o gesto de bater-lhe. Meu pai, em certo momento, não podendo mais soffrer a colera, agarrou-a pelo couro do lombo e atirou-a à rua. A querida cadellinha, sem um gemido, sem um protesto, cahiu estatelada na calçada. Eu não pude reter as lagrimas. Chorei de pura dor. No dia seguinte foi Yorick quem me veio despertar. Entrou-me pelo quarto como uma ventania. E latia, e saltava, e soltava ganidos de jubilo, e corria ora para meu pai, ora para minha mãe, alarmando a casa...

— Ora! exclamou um dos rapazes, não vejo nisso nada de particular.

— Mas deixe-me concluir. O curioso é que Yorick tinha collocado sobre minha cama um objecto que trouxera na bocca. Olhei-o, surpreendido: era um livro! Ella trouxera um livro para remediar o mal que causara e que, sem duvida, roubara a alguma livraria da cidade. Era um volume de poesias inglezas. Inutil dizer que aquillo nos entereceu profundamente. Meu pai perdou-a, e minha mãe, ao apertar-a no regaço, tinha os olhos cheios de lagrimas.

O rapaz calou-se.

Carlos Antunes repetiu a sua phrase admirativa:

— Na verdade, ha animaes que parecem pessoas.

E ao dizel-o, olhava aggressivamente o Guimarães, esperando, sem duvida que este repetisse a replica de antes. Mas Guimarães nada disse.



Augusto Martins.

## O ARRANJO DO LAR

"The House Decoration and School" é o titulo pomposo de um magnifico livro de frioleira. O autor, Priestman, norte-americano, nos dá o seguinte exemplo: chega um homem do trabalho, cansado, arreliado, com os nervos carregados. Entra. Aqui e ali, roupas pelo chão. Uma vassoura cahida; farelos de pão sobre a mesa. A mulher, fatigada, a saia suspensa de uma banda, de tamarcos, recendendo à cebola, exaggerando Finio, como disse H. de Campos. Já adivinhaste qual é a impressão do homem. E ele, então, começava a lembrar-se da salinha limpa e arejada, bem arrumada do lar ou do café. Mal acaba de jantar, vae atirar á gaveta criminosos os magros tostões que lhe dariam o bem estar em casa.

Mudemos o quadro; o trabalhador chega á casa; o chão brilha; a toca mobilia bem limpa; a mesa coberta, com uma toalha bem alva, de panço de sacco, onde a esposa abriu uma franja bem larga, desfiando-a, aduzindo caprichosas arruallas. Sobre a mesa, uma garrafa envolvida em papel amassado, de cor alegre, aberta ao meio, com um cordãozinho, garrinha essa que agora é uma jarra japoneza; ostenta uma rosa, algumas flores, uns galinhos verdes. Na parede, uns chromos. Por toda a parte, a ordem e o asseio. A esposa, trajando um vestido limpo; os filhos penteados, tudo indicando o asseio e o capricho, que só a mão da mulher sabe dar.

O homem repara, gosta e deixa-se ficar. Sente-se bem; agrada a esposa; raiha daquelle "luxo" como elle diz; mas, no intimo do coração, agradece aquelle desvelo.

Ahi está a felicidade. Estará mesmo? Sim, estará.

O dr. Orison Sweet Markes, cujo nome quer dizer "oração" e

trabalho", nos mostra que a felicidade está ao pé de nós, em toda a parte.

Afastemos as tristezas; olhemos a vida pelo lado bom. Convençamo-nos de que somos felizes; confrontemos o nosso estado com os daquelles que soffrem mais; e, admirando, prestando attenção ás belezas que Deus espalhou na natureza, num por de sol, num amanhecer, sentir-nos-emos felizes e selo-nos de facto.

Esta é a verdade. Qual é o segredo do encanto da mulher franceza, do lar europeu, com pequenas excepções?

É que a mulher franceza não perde a fina graça; reveste tudo de arte; torna "coquette" tudo que a rodeia; e, embora os annos passem sobre ella, como sobre Mathuzalem, sabe sempre se fazer agradável, e tem jeito para occultar as imperfeições da natureza e os estragos dos annos.

O arranjo da casa é uma verdadeira sciencia, com os seus problemas, regras e corolarios, principios e objecto.

O objecto é a felicidade e os principios se resumem num só — fazer o lar agradável e sadio.

Quem faz a casa e o morador, diz o vulgo, não quem a construiu. Os desperdícios da cozinha, cinzas, pennas, pontas e restos, etc., tudo se utiliza.

Uns galhos de roseira, plantados pelos cantos do quintal, em breve desabrocham em rosas, galgam muros, sobem ás cumieiras, fornecem as flores para ornar a casa, perfumam e santificam o ambiente, fazendo de uma pocilga um ninho, onde os passaros põem a nota alegre e o chulrear encantador, alegrando os outros passaros — nossos filhos.

APRIGIO GONZAGA

## A REALIDADE



Um quarto de pen-  
são: a cama ao fundo,  
á direita um guarda-  
roupa de muito uso,  
oleographies, duas ou  
tres cadeiras, uma pe-  
quena mala de viagem.  
Ao centro uma mesa  
servindo de escritani-  
nha e sobre ella livros e  
revistas da actualidade,  
postos ao acaso.

(Julio, o unico per-  
sonagem, passeia, ner-

vosamente, pelo quarto, dando mostras de vicissimo  
contentamento).

— Até que enfim, vou ser feliz! Todas as  
aspirações, vou vel-as realizadas. Oh! dia glo-  
rioso! Nunca o esquecerei, emquanto viver.  
Rasga-se a meus olhos aquelle horizonte azul  
porque sempre suspirei.

Decidi-me, finalmente. E não podia ser por  
menos... Porque isto de estar a toda hora  
com esta idéa fixa, era impossivel!

(*Esfregando as mãos, alegre*).

Nunca me senti tão bem disposto! Sou ou-  
tro homem! Até me desconheço.

(*Carinhosamente*).

Ao voltar da igreja, hontem, vi-a. E' sem-  
pre bom uma mulher devota. Que aspecto  
angelical o della. Arre! que era para um ho-  
mem enlouquecer! Como é linda! Loura, alta,  
delgada... que linda! Que olhos! dois pe-  
daços de céu! Que bocca! duas petalas de  
rosa! Que pelle! Faria inveja á neve! Oh! e  
os cabellos! Um punhado de ouro!

E' uma mulher ideal. A mulher que sonhei!  
Que mãos! que cabeça! de donaire em toda  
ella!

(*Com emoção*).

E ella viu-me; olhou-me. Não é illusão mi-  
nuha, não. Da ultima vez deitou-me um olhar  
languido, como que me animando a falar-lhe.

Si ella soubesse quanto sou tímido... Mas,  
não o saberá. Isso seria para mim o ridiculo.

(*Hesitante*).

Ah! hei de ter animo! E' preciso que me  
encha de coragem... Comquanto um homem  
como eu não deva incomodar-se com tal ni-

nharia... ella me parece rica. Sim; não ha duvi-  
da... O ar aristocratico de sua pessoinha, a dis-  
tincção, a elegancia, tudo o demonstra.

E quem será aquella mulheraça arrogante que a  
acompanhava? Será sua mãe? Hei de sabel-o.

Uma vez que diante della não poderia articular  
uma palavra, resolvo fazer-lhe uma declaração em  
regra, por carta.

Assim poderá avaliar do meu talento.

(*Senta-se entusiasmado diante da mesa*).

Ha de ser em verso. Sim, porque toda a mulher  
gosta de ser enaltecida em bellas estrophes. Porque  
com a torrente de inspiração que sinto, as minhas  
estrophes vão ser de um effeito colossal. Come-  
cemos, pois.

Oh! Pallida visão, meu bello sonho!



(*Recitando tragicamente*) Muito bem.  
E' um começo sublime! Continuemos:  
Anjo divino d'uma noite azul!

Que tal, hein? Notavel!... O diacho é que a  
noite... não é azul. Ah! em vez de "noite" escre-  
verei "sonho".

(*Repete*) Oh! pallida visão, meu bello sonho!  
Anjo divino de meu sonho azul!

Magnifico! Mas, co'a breca! ha uma repetição  
de "sonho". Vamos! Troquemos o "sonho" por  
"amores":

Oh! pallida visão dos meus amores!  
Anjo divino de meu sonho azul!  
Mulher muito mais bella do que as flores!

(*Torna a repetir*). Optimo! Os versos estão per-  
feitos, e é a primeira vez que o consigo. Vejo, po-  
rém, um inconveniente: que rima vou arranjar para  
"azul"?... Taful... sul... que não quadram.  
(*Pensa largo tempo*). Está visto. Nunca poderei  
concluir uma estrophe. Estas maldictas rimas atra-  
palham-me. E tão poetica me ia sahindo a carta...  
Escrevel-a-ei em prosa. Com os meus conhecimentos  
de linguagem isso me será muito facil. Começa-  
rei assim: "Senhorita. — O primeiro olhar incen-  
diario de seus olhos produziu tal incandescencia em  
meu coração..."

Oh! isto sim é que é um golpe certo! Que  
fogo, que entusiasmo se desprendem d'estas pa-  
lavras!

Além de que, como me parece decidida, com isto  
ella me aceita, em dois tempos, sem nada averi-  
guar: porque si ella indagasse...

Bem, comecemos a carta... logo terminarei?  
(*Pronuncia com energia*) Seu constante admirador.  
Não, isso não, é muito commum. Direi: seu apa-  
ixonado admirador. Isto sim! Que talento o meu!  
Estou certo de que nenhum mortal ideou uma car-  
ta como esta.

(*Toma da penna e escreve durante largo espaço de  
tempo, detendo-se a pensar a cada paragrafo. Por  
fim conclue, com visível satisfação*).

Eil-a. Esta carta é a minha fortuna, meu futuro,  
toda a minha vida. Sou acceto immediatamente e  
depois... que felicidade! Deixarei o trabalho desse

maldicto escriptorio que me anniquilla. Ella não  
ha de consentir que eu estrague a minha preciosa  
saude.

Todas as tardes passearemos de automovel. Ire-  
mos a todos os theatros; daremos recepções; sere-  
mos muito felizes.

(*Levantando-se com arrogancia*). Far-me-ei es-  
criptor. Nós, os homens, somos assim: estando sós,  
nada fazemos de bom; mas dirigidos por uma ado-  
ravel mulherzinha, boazinha, rica, nós, nos trans-  
formamos.

Na resposta d'esta carta cifra-se o meu amor,  
minha gloria... meu dinheiro.

O peor é que não sei onde mora. Ha poucos dias,  
vi-a entrar em uma casa da rua X... Deve ser  
lá! Vamos! Coragem! Chamarei um criado, dou-  
lhe uma gorgeta, e está o negocio arranjado.

(*Aperta nervosamente o botão do tympano e vol-  
ta a sentar-se junto da mesa. Depois de curto inter-  
vallo, apparece á porta uma criadinha alta, loura,  
bellissima*).

— O senhor chamou?

(*Julio, espantado, como si tivesse ouvido uma voz  
d'além-tumulo*). Oh! esta voz! Conheço-a bem! E'  
d'ella! (*Tirando as mãos do rosto e fixando o olhar  
na criadinha*). Que é isto?! Sonho?! Delirio?! Mu-  
lher, sonho, phantasma — quem és tu?!

(*Ella, profundamente surprehendida*) — Sou a  
Rosa, a nova criada da pensão. (*Vendo-o empalli-  
decer*). O senhor quer alguma coisa Sente-se  
mal?

(*Julio, sem saber o que diz*) — Eu... nada...  
sinto-me mal... Este clima me mata. Quero arru-  
mar as malas... porque vou-me embora amanha...  
hoje mesmo... para a India... para o Japão...  
para a Africa. (*Rasgando com desespero a carta*).  
Adeus, sonhos! Adeus gloria, amor, dinheiro! Re-  
duzido sempre a uma miseravel casa de pensão, a  
um triste escriptorio onde acabarei meus dias!...  
Eu que levo um genio na cabeça e poderia ser um  
astro de primeira grandeza deste seculo! (*Desmaia,  
na cadeira*).

(*A criada retrocede assustada e, por fim, sáe, mur-  
murando*):

— Não tem que vêr: este homem enlouqueceu!

FELISA TORRALHA.

## MARIA E AS MULHERES BÍBLICAS

Um dos mais bellos trabalhos literarios de Claudio de Souza, o mais fecundo e popular dos nossos escri-  
ptores theatraes. "Maria e as mulheres bíblicas", é uma reconstituição historica de alguns typos femininos  
tornados immortaes pelas suas grandes virtudes heroicas. Claudio de Souza, com o prestigio da sua arte,  
deu a essas mulheres uma vida estranha e miraculosa. Livro de grande moral e de empolgantes suggestões.  
E' um livro que todas as senhoras de bom gosto devem ler. A edição, feita pela "Revista Feminina", é um  
primor de arte typographica e illustrada com encantadoras gravuras. Vende-se nesta redacção. Preço, 4\$000.

## PELO RIO BRANCO

Singularíssima região por sem dúvida a que se estende entre os contrafortes das serras Paracaina e Parima, balizas de nossas fronteiras com os territórios ingleses e os rios da inigualável bacia do Amazonas.

Campos de interminável extensão, como que reproduzem na região das grandes águas trechos das pampas do extremo sul.

Aqui e além, no terreno apaulado das margens dos afluentes do Amazonas, erguem-se soberbos os magníficos representantes da flora equatorial, galgando as ondulações do terreno e adensando-se mais na floresta impenetrável até chegar aos contrafortes das cordilheiras.

Aqui, cessa a mata; da elevada barranca da margem, em planura sempre coalhada de vegetação rasteira, começa a sabana enorme.

Não ondula o terreno; é a perenne horizontalidade fatigante à vista.

De quando em quando, vasta toalha líquida como que mais chata torna a terra. É a região lacustre. Desses vastos depósitos de água fluem minúsculos rios que buscam a grande rede fluvial por entre as granimíneas das pastagens opulentas.

Ahi é que se cria o gado que á custa de sacrificios enormes, viagens dispendiosissimas, cheias de perigos, desce até Manaus a abastecer o mercado. Gado ás mais das vezes criado á solta, á lei da natureza. Raros campeiros, montados em ardegos cavallos de pequena estatura mas robustos e fortes, vigiam de longe em longe as manadas.

Mas nos campos enormes, rezes ha que jamais conheceram a sujeição, — só á bala do rifle as conterà na carreira, tal como os

bisões das savanas da America do Norte. E como nos pampas, servem de alimento a quem as apanha, tanto ao viajante civilizado, como ao nativo que vagueia em

hordas mais ou menos numerosas por aquellas ermas regiões.

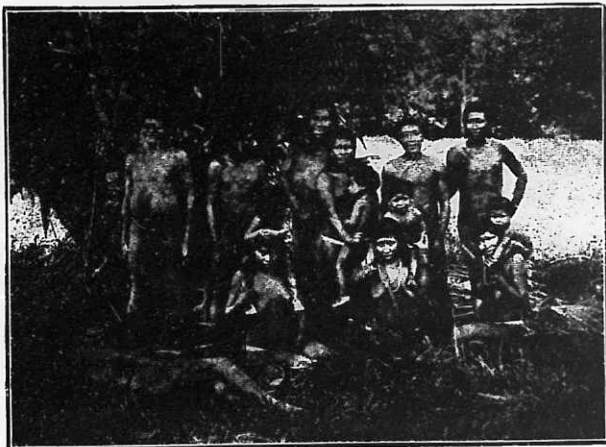
Destroços de poderosas nações que dominaram outrora a bacia amazonica, fogem hoje ao contacto aviltante do branco portador da civilização e do vicio, e na fuga abandonando os ampos do Rio Branco, vão procurar abrigo na cordilheira, além das fronteiras, em territorio estranho mas livres das brutalidades dos conquistadores.

São os Oyacás ferozes e indomaveis, que da região venezuelana descem ás vezes e em temerosas razzias extinguem caravanas numerosas que demandam as regiões desconhecidas de que são senhores.

São os Macuxis outrora regularmente aldeados mas volvidos á existencia selvagem para evitar a completa extincção em meio dos



No banho. Cena da vida amazonica.



Grupo de indios Uapichanas (Rio Branco).

brancos civilizados, e que hoje tornam inhospitas as regiões do Mahú e Tucutú no limite da Guyana in-

gleza. Apesar de contacto continuo com os criadores dos campos do Rio Branco, jamais conseguiram estes que elles abandonassem as suas malocas situadas nos altos serros inacessiveis.

Assim tambem os Crixanás, os Porocotós, os Jauaperis, para os lados do Majary.

Nos campos vastissimos encontram-se ainda numerosas hordas dos Uapichanas, tribu que o contacto com a vida civilizada vae extinguindo lentamente. Nas cabeceiras do Tututú desperceem miseravelmente os Aturais dantes numerosos e aguerridos. E assim os Caripunas de Macaparan, e os Pauxianas do Coratirimani.

Tribus inteiras desapareceram ou devastadas pelas guerras ferozes com as nações vizinhas ou retiradas para além-fronteira, em busca de abrigo nas selvagens regiões do Alto Orenoco.

Tal se deu com os Quimará, os Acaparis, do Arimas, os Aoaquis.

Em 1778, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio dizia o seguinte dos indios do Rio Branco:

"As nações que habitam aquellas povoações são as seguintes: Paraviana, Uapixána, Saporá, Aturairú, Tapicari, Uaiumará, Amarijá, Pauxiana.

As nações conhecidas mas que ainda se não acham reduzidas, são as seguintes: Caripuna, Macuxi, Uaica, Securi, Carapi, Ipurucutú, Seperú, Umaiana.

"Entre todas as referidas nações a dominante é a Pataviana da qual escolheremos os principaes usos e costumes que pela maior parte differem pouco dos das outras.

Primeiramente os distinctivos destas nações eram os seguintes: Os indios na nação Paraviana trazem um risco preto na testa até a barba, e outro que sae dos cantos da bocca até a face.

Os indios da nação Uapixana e Macuxi furem o beijo inferior e no orificio introduzem, como ornato, um osso do animal Capivara. E os dentes desse



Um chefe. O Tachiana Ildefonso

mesmo animal lhes servem de pendentes das orelhas.

Os Sarapás, Uaiumarás e Pauxianas, ornam o peito com riscos que com direcção obliqua vão terminar ás costas. Trazem tambem as orelhas furadas e nos buracos pedaços de flechas; as mulheres lhe introduzem o caroço da fruta "tucumá". Aquelles riscos são feitos com espinhos agudos e lhe expremem o summo de uma certa folha que deixa o signal preto e perpetuo.

As mais nações não tem distinctivo algum. Todas ellas não usam de vestido, o que é commum ás nações selvagens da America Meridional. Porém, os Paravianas, Macuxis e Uapixanas se cobrem por deante panno de algodão. E as mucos com uma faixa pendente de lheres se ornam exquisitamente de missangas grossas pelos braços, pernas e outras a tiracolo; e por diante usam um avental tecido de missangas.

.....  
Todas as referidas nações são guerreiras e valorosas,

A causa de suas guerras é fazer escravos para vender aos holandezes. Usam de flechas

hervadas e armas de fogo que lhes vendem os mesmos. Mas entre essas nações a mais bellicosa e a mais tyranna é a Cariponá. E' a que conserva o maior com-



O sertão do Amazonas. O banho num riacho.

## REVISTA FEMININA

mercio de escravos com os hollandezes, recebendo em troca armas de fogo de que se acha armada toda a nação e usando principalmente de bacarmartes.

Esta nação é authrophaga e faz guerra a todas as mais".

Grupos pequenos vivem aldeados aqui e alem nos extensos campos do Rio Branco. Destrocos de nações formidaveis pelo numero de seus arcos de guerra, extinguem-se paulatinamente.

Seus "tucháuas" são hoje capitães e vestem uma farda que o governo lhes fornece, velhos uniformes arancados das arcecações, decahidos de uso nas classes armadas. A's vezes, simples fantiasas com botões auriluzentes e largos galões rebrihantes.

E essa mascarada agrada o indio aviltado. Na sua simpleza não percebe o sorriso de mofa que acompanha a dadia carnavalesca.

Trocadas as plumas dos kanitares pelo chapéu armado, está civilisado o selvagem.

E então os seus serviços são requisitados para diligencias do poder publico. E' a paga do uniforme, é o custo do diploma de official que se lhe exige.

Não ha expedição feita ás nossas fronteiras que tenha dispensado essas requisições. Tambem é raro o que depois de gosar dos serviços do selvicola delle dê boas informações.

Indolentes, dissimulados, traiçoeiros, egoistas, vingativos todo um rosario de defeitos recae sobre o pobre

antochtone, na opinião dos que estiveram com elle por largo tempo em contacto.

Mas não falam jamais nas violencias de que são victimas constantemente, por parte do civilisado, que o escravise, acostuma-o ao uso immoderado do alcool deprimente, afim de por meio da embriaguez obter por uma ninharia o resultado do trabalho dessa pobre gente.

Desconfiados são, e ariscos. Mas se o modo de cumprimntar o indio no deserto é a bala do rifle!

Os campos do Rio Branco parecem destinados ao futuro celloiro da região amazonica.

Voltem-se para ellas as vistas protectoras dos governantes, melhorem-se as vias de comunicação e o numero de seus povoadores logo se adensará.

E para esse aproveitamento, que trará inculcaveis beneficios ao Norte do Brazil quem melhor que o nativo, tratado com benignidade, considerado não como um escravo ou uma creança, mas como um cidadão?

Filho daquellas regiões que elle conhece palmo a palmo, eis alli os futuros peões das enormes partidas de gado que em futuro talvez não remoto povoarão as campinas do Rio Branco a par daquellas que vivem nos pampas do Rio Grande do Sul.

E d'ahi quem sabe? com o aproveitamento dessas numerosas pastagens quasi atiradas hoje aos cuidados dessas tribus vagabundas, soará talvez a hora do completo exterminio para esses ultimos e miserimos representantes daquellas mesmas nações cuja esbelteza de formas espantando Orellana foi consagrada no nome por elle dado ao rio mar.

### A hygiene da bocca

|   |            |
|---|------------|
| Pó de carvão vegetal porphyrizado . . . . . | 30 grammas |
| Pó de quina vermelha porphyrizado . . . . . | 30 grammas |
| Carbonato de magnesia . . . . .             | 10 grammes |

Os paes devem acostumar seus filhos desde a mais tenra idade a lavar a bocca depois de comer, antes de deitar e ao levantar da cama. Este costume é excellento para a conservação da dentadura e pureza do hallto.

Se, por descuido ou em resultado de doença, a base dos dentes se cobriu d'uma capa amarelenta, é fozoso não se obstinar em querer tirar esta incrustação com a escova e os pós, pois cansar-se-ia inutilmente a gengiva com o attrito. O meio unico de restituir aos dentes a sua primitiva brancura é raspar o tartaro com instrumentos do dentista, e só depois d'essa operação se póde lançar mão com vantagem da escova e dos pós. Refirimo-nos ás pessoas que passaram a idade de puberdade, pois deve ter-se o cuidado de não limpar a dentadura das creanças com instrumentos d'aço, por que o esmalte n'elles ainda não chegou á sua completa dureza.

Até aos quinze ou dezeseis annos não se póde, ainda que o caso o exija, fazer uso destes instrumentos.

Antes de falar do mão hallto, diremos algumas palavras sobre a odontologia ou dor de dentes. Esta dór, sempre violenta e algumas vezes atroz, acalma-se quasi sempre com os seguintes odontalgicos, que podem compór por si as pessoas expostas a tão insofrível enfermidade.

### PARAGUAY VERMELHO

|                                   |         |
|-----------------------------------|---------|
| Folhas e flores d'inula . . . . . | 1 parte |
| Flores d'agriões . . . . .        | 4 parte |
| Ralze de depyretro . . . . .      | 1 parte |

Faça-se macerar durante quinze dias em oito partes d'alcool de 36 graos e filtra-se.

Lança-se uma gota d'esta tintura no dente cariado, ou introduz-se uma bolinha d'algodão molhada n'ella, e a dór cessa immediatamente.

### TUDO AMA !

*Pelas copas dos arvores bizarras,  
dos pecegueiros que florindo vão,  
rechinam, rangem, roucas, as cigarras,  
as doudas vagabundas do verão.*

*Ouçõ oboés, violoncellos e guitarras,  
sons de gaita e repiques do violão.  
Ha um voseio de insectos e algacarras...  
Saltam grillos ariscos pelo chão...*

*Cantam passaros no ar, e nos telhados  
noivam amando os pombos namorados:  
tudo ama e canta em gloria o amor liberto.*

*Eu só, sentindo as lagrimas em jorro,  
eu só não amo, eu só ÷adeço e morro  
estrangulando o coração deserto.*

ASTROGILDO CESAR

# Como enfeitar minha casa

## BORDADOS A COR

### CENTRO DE MESA

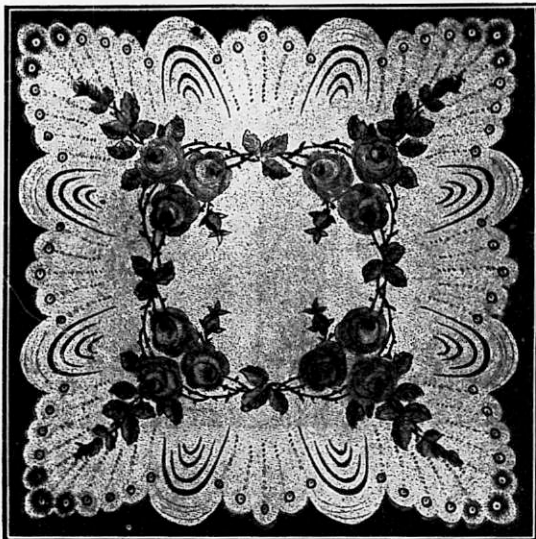
A primeira destas ilustrações representa um famoso centro de mesa, de muito efeito como decoração e, entretanto, de execução relativamente fácil.

É um panno de linho bordado, de linho grosso, onde ha, como se observa logo á primeira vista, muita estylisação e uma elegancia imprevisita. Ha, talvez, uma certa ingenuidade na sua concepção, mas é isso tambem que concorre para o seu encanto. A fazenda preferida é, como se disse, o linho grosso, de aspecto solido e rustico. E' a unica que convem para este genero de trabalho. Como as leitoras sabem, os centros de mesa, os pannos bordados para coberta não convem ser executados com fazenda fina, mal-leavel, molle, porque se enrugam facilmente e obriga a pessoa a estar continuamente a arranjá-los. Quando são engommados, esses inconvenientes diminuem, mas nem por isso

deixam de existir. O melhor, pois, é o linho aspero.

A belleza principal desse trabalho reside na ornamentação de rosas do centro, copiadas quasi que directamente do natural, com as simplificações naturaes, que, em vez de diminuir o valor do desenho, lhe dão, ao contrario, mais relevo. A decoração do contorno é, talvez, mais difícil de ser executada, devido ao seu recorte caprichoso e rigorosamente symetrico.

Os motivos estão harmoniosamente de accordo com os rebordos festonados, e contribuem, pela



Bello centro de mesa

sua coloração, para fazer sobresahir o effeito da ornamentação central.



Quebra-luz

O bordado é inteiramente executado com linha grossa "perlé"; rosas e folhas em ponto de haste e realçadas de pontos lançados, conservando as suas cores naturaes, rosa e verde, com as tres tonalidades gradativas. Hastes e rebordo empregam-se o ponto lançado, e a mesma tonalidade que se

empregou nas rosas. Corolla e hastes em ponto de nó, uma em preto, outras em branco e amarello. Os ornatos que acompanham os grandes bicos redondos, são "au passé", e agrupam tres tons de amarello. Um azul pardacento faz realçar o festão dos pequenos bicos, enquanto que os outros são em branco.

Esse panno deve ter 80 centímetros de cada lado, e é muito proprio para uma casa de campo ou de praia.

### QUEBRA - LUZ

Na decoração do quebra-luz, que desempenha um papel tão importante no mobiliario moderno, ha muita dificuldade em conciliar o gosto actual com o gosto de certo mobiliario de estylo antigo. Isto cria um pequeno problema, que embaraça as pessoas que tomam a serio esses assumptos de arte ornamental. O modelo, porém, que offerecemos ás leitoras, resolve o problema, porque é francamente moderno e não destoa ao lado de velhas peças de mobilia.

Como se vê, ha, nesse modelo, uma nota modernista notavelmente audaciosa, tendo sido, entretanto, aproveitados sómente os elementos ornamentaes classicos. O effeito é maravilhoso, graças á pintura rubra do fundo sobre a qual o desenho se destaca.

Já temos dito por diversas vezes e repetimos ainda que o quebra-luz é um ornato de sala duplamente vantajoso, quer como gosto, quer como hygiene para a vista. Os olhos devem sempre evitar a luz directa. O "abat-jour", attenuando a luz, tem a virtude de proteger os olhos. A sua qualidade como decoração nem se discute. E' mais agradável ver a luz coada atravez de um quebra-luz de seda

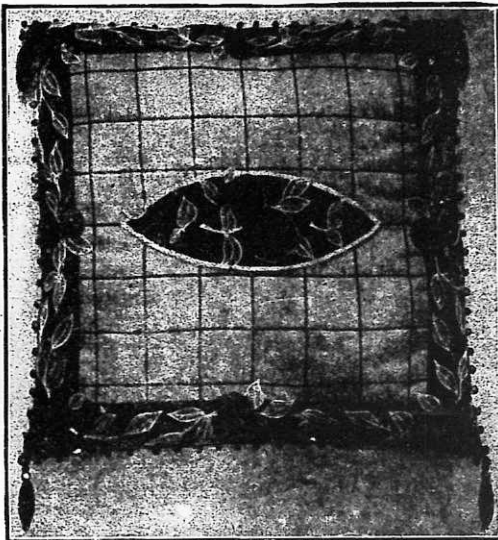
vermelha (que é a cor preferivel) que vel-a nua com toda a sua violencia.

### ALMOFADA QUADRADA

Sobre um fundo de quadrados desenhados em preto fazendo destacar um azul celeste meio desbotado, um ornato em oval de setim preto bordado de vermelho. No centro, numa combinação harmoniosa, um pomo e algumas folhas, para dar mais composição. No enquadramento, executado com as mesmas cores, é reproduzido o mesmo motivo central. As frutas, ao contrario de toda logica, são verdes enquanto que a folhagem é de ouro. Pontos de haste para os contornos. Pontos lançados para o relevo.

Numerosos fios de "simili" preto collocados em chato sobre o fundo e fixados por pontos transversaes, formam os quadrados. As partes applicadas são bordadas por quatro fitas obtidas segundo o mesmo processo, proprios para o oval.

No conjuncto ha uma alta originalidade e muita inspiração.



Uma almofada moderna

### PO' D'ARROZ "SILHUETTE"

As senhoras de habitos elegantes difficilmente encontram uma marca de pó d'arroz que lhes satisfaca plenamente. A essas aconselhamos o pó d'arroz "Silhouette", que é de uma delicadeza insuperavel e que dispensa qualquer outro artificial, porque tem a propriedade de adherir á cutis, branqueal-a, tornando-a fina e avelludada.

Dentre os artigos do mesmo genero não ha nenhum que se lhe avanteje. Seu perfume é delicadissimo. Todas as senhoras elegantes de S. Paulo e Rio não o dispensam em seu toucador e preferem-n'o a qualquer outra marca.

Vende-se nesta redacção pelo mesmo preço por que se vende no deposito. 5\$000 a caixinha. Pelo correio, sob registro, 5\$500.

# Breve allocução

Breve allocução pronunciada no Esternato de S. Ignacio, do Rio de Janeiro, dos Revs. P.P. Jesuítas, por nosso collaborador de Claudio de Souza, na festa de DIGNIDADES ESCOLARES, realizada sob sua presidência, no mez passado.

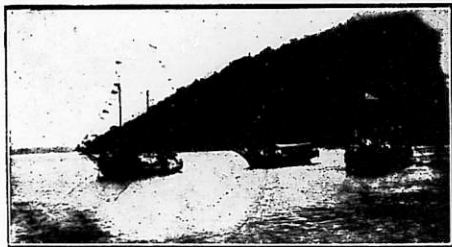
Meus senhores.

Ao encerrar esta cerimonia sejam-me permitidas algumas palavras



Cananéia. Proissão de Nossa Senhora dos Navegantes na bahia de Cananéia.

de agradecimento que o adiantado da hora me obriga a resumir. São ellas votadas ao orador que me acolheu com tão bondosas quo imerecidas expressões, e a meus antigos mestres que me foram colher em minha obscuridade para a distincção desta presidência, no intuito, talvez, de resgatarem no celloiro que me deixaram na alma as sementes que alli guardaram. Se este foi seu carinhoso intuito, bem certos andaram sua trilha que se vieram encontrar no mais intimo de meu espirito com as aguas lentas, mas perennes, da saudade que, nesta casa e nesta hora, me rejuvenesce aos tempos em que suas sabias lições me afeiçoavam o caracter nos moldes de imperituras doutrinas. Delles eternicemente me lembro, e aos alumnos que acabam de receber o justo premio de seus esforços auguro que nunca de tão sabio patrimonio se desherdem, nem tirem orgulho desta primeira victoria senão estimulo para se abeberarem com afervorada sôde em tão abundante manancial. Para sua edificação moral sirva-lhes de exemplo a belleza serena e majestosa de seus mestres. Nelles tudo é saber, e tudo é humildade. São os semeadores contentes e obscuros que semeam sem ambição, pelo prazer, apenas, de perpetuar a boa semente. Lavradores da noite



Cananéia. Proissão de Senhora dos Navegantes. Parte das embarcações que tomaram parte nella, voltando para atacar no cães.

vestem-se de roupas escuras e egues para que se confundam com a propria sombra, e se sumam no anonymato. Não pesam seus alforges

vutridos de gemmas raras, nem medem sua luz crescida em esplendores. O sol não os delumbra. A notoriedade apouenta-os. A gala escorraça-os. A ambição desterra-os. Enquanto a vida flameja no fastigio do pastoreio rico de seus sôes, delles não espalha noticia a tuba da fama, porque nem elles plantam para trahir nem traficam com o que plantam. Porque plantam, enão, e onde plantam suas lavouras? Ide aos campos abandonados da noite. O crepusculo fechou os olhos no dia. As cidades maravilhosas do orgulho, a pouco e pouco sossobram na treva. Enterram-se os socalcos, afundam-se os embasamentos, somem-se as escadas, abysmam-se as galerias, engolham-se os salões, ruem os andares, mergulham as cariatides, immergem-se as torres, apagam-se as ogivas, desmoranam-se as cornijas, destravam-se os tectos, e minaretes, e flechas e corucheus agitam-se ainda um momento, para se submergir, de vez, nas mesmas aguas profundas em que se afogam, em seus plinthos, as estatuas com que a vaidade povoara as alamedas da vida. Toda a cidade tumultuaria, febril, orgulhosa de sua belleza e de sua força, some-se sem um gemido, sepulta-se sem um epitaphio, desaparece sem prestigio. O que era facta é morte, o que era dança é immobilidade. Sobre o grande naufragio do dia impera, agora, o silencio da noite... Ninguém mais vale sobre os campos abandonados. E' a hora asada da flotilha negra das aves maleficas vir colher sua rapina na lavoura abandonada dos lavradores imprudentes. Ouve-se um crochiar. Um pio. Um chitriar. Um gusnar. Olhos redondos afictos á treva ellas



Cananéia. Desembarque da proissão no cães Municipal.

surgem de ninhos escusos, espiam, sondam, escutam, conellam-se, abrem as azas, cortam o espoço, e em vôos concentricos vão reduzindo seus ambitos, fechando seus círculos, escolhendo seus alvos, acertando seu bote, aguçando seu appetite, pregosando o festim proximo e indisputado. E', então, que surgem aquelles lavradores. Desprendidos, humildes, felizes com a intima exaltação de sua humildade correm a espancar as aves do mal, e levam aos que ainda vivem o cordial de sua fé, aos que já morreram o requiem de sua caridade, aos que mal feridos se estorcem em dores o balsamo de seu conselho, e aos que apenas alvorecem. e se vêm orphanados pela noite da descrença, a seguinte redemptora da creença e do perdão! E quando pela manha se acalma a tragedia da treva e sobre o scenario immenso cae o panno branco do primeiro alvorecer que afugenta as aves do mal, quando as cidades comecam a reerguer-se do oceano negro e insondavel como se cabres invisiveis a desguercassem e a guindassem á tona, e cristas e flechas, e corucheus, e cornijas, e columnas, e andares, tudo se vae reedificando na gloria da resurreição da ante manha, não procureis por elles, que já se apressuraram em se evadir dos campos onde se vae continuar a lavoura da vida, e ignorado além do credito que abre o ceu em moeda incorruptivel aos que velam sem sa-

lario a lavoura da piedade. Venho encontrar-vos, justamente, no momento daquela aurora. Succedeis como o dia á noite a uma geração que se extingue. Sois manhan de esperanças que vindes da noite da desillusão. Aqui aos poucos, nas mãos daquelles lavradores previdentes, se abrem vossos olhos. Tudo vos é deslumbra-mento. A cidade que idea habitar se vos afigura maravilhosa, inundada de sol, tumultuaria de desejos, alegre de festa, engalanada de riquezas. Anceias por conquistá-la. A custo vos retém os mestres porque vosso impeto é de correr para vos queimardes em seus fogos mal aprechebidos que estars. O mar que ideis singrar, dentro em pouco, é porém, cheio de insídias, os ventos que vos partecem bonanças são tempestades, as aguas que calmas vos abrem passagem, furiosas se esguelarão para vos sossobrar. Aprecæ, pois o thesouro que comvosco levas desta casa, a aчуlha de marcar que norteará vossa leme; o thesouro da creença que vos tornará invencíveis porque vos fará immortæ. Não vos deixeis embriagar pela sciencia falsa cujos axiomas para vos dar o nó do espirito se devem replantar a cada replanta do trigo na terra. Levas comvosco o melhor dos trigos, o candial que se não replanta porque não se planta, o candial dos celloiros divinos, a farinha luminosa da Via-Lactea com que podeis, vós mesmos, preparar o pão confortador de vossa com unhão.

Aos tomos pobres da sciencia humana, que se emboloram e se destrocam nas prateleiras húmidas do tempo, preferi o grande livro do Universo. Não ha sol que lhe creste as paginas, humidade que o corrompa, traça que o rúa. Incorpore-vos com ella, porque delle não somos mais do que sombras espectaculares e ephemeræ.

Nelle aprenderéis uma só lição, da gloria de suas manhan á tristeza de seus crepusculos, da humildade de seus vallos ao orgulho de seus pincaros, do sussurro de seus regatos ao bramido de suas torrentes, da belleza de suas flores á utilidade de seus fructos, da fraqueza de seus arbutos á força de suas arvoreds e á exuberancia de suas florestas; uma só lição vos herdarão seus rios como seus lagos, seus mares como seus oceanos, seus chãos como seus comoros, seus comoros como suas collinas, suas collinas como suas montanhas: a gloria eterna de Deus nas alturas.

E do thesouro de creença que daqui levas apreçæ com carinho de filhos, como a medianeira de nossa miseria junto á misericordia suprema, a imãgem de Maria, a mãe formosissima, perfeição das perfeições, virtude das virtudes, caridade das caridades, fulgor dos fulgores, incommensuravel dos incommensuraveis, infinito dos infinitos, jardim dos jardins, miseria humana e exaltação divina, lagrima que se fez sorriso, sombra que se faz halo, hausto de terra que se transformou em bençãem do ceu, orvalho que se derramou em chuva, gota de resina que embalsamou a arvored ferida, aroma que se crystallizou em essencia, pyrillãmo que se fixou em estrella, chama de almotola que se dilatou em sol, ventre augusto que gerou a redempção, virgindade sublime que proceou inviolada a suprema belleza que é a harmonia das harmonias, o som dos sons, a luz das luzes, a tinta das tintas, o sol dos sóes, a essencia das essencias, a

belleza imponderavel, emfim, das bellezas ponderaveis... Seja ella vossa padroeira; acostae-vos á sua devoção como a uma arvored redolente de sombra e de frescura a cada estação de vossa vida, de dôr ou de pesar. Erguei-lhe a imãgem á quilha de vosso barco: accendi-lhe por toda vossa frota velas que se emendam em devoção e se continuam em fervor e podeis ir tranquillo, por mares revesos ou ventos padrastrs porque para que se aplaquem em vosso caminho todas as tempestades, e para que morram a vossos pés todas as serpentes basta que seu olhar vos proteja, seus labios vos sorriam, e sua mão vos abençõe... Dentro em pouco voltareis a vossas casas, e fchareis os olhos para o somno feliz de vossa primeira victoria: antes de os fechar, porém, ajoelhae-vos a seus pés: extendei por terra os braços e acabes de conquistar: offerta-lh'os: pedi-lhe humildemente, que aceite vossa offerta em sua pobreza sincera porque é vossa primeira riqueza: e dormi, em seguida, feliz, porque no silencio da noite um luar banhará vosso appento, e uma voz com a harmonia doce dos zephiros mysteriosos cantará junto a vosso leito, em vosso sonho, o mais tenro dos acalantos maternæ, o "dorme filhinho" da mãe de todas as mães, da bençãem de todas as bençãems, do amor de todos os amores. Seja ella omvosco e por vós!..."

CLAUDIO DE SOUZA.



A linda Maria, filha do sr. Armando Pitta de Santos, passeando ao lado de um alicerce da ponte do Uruguay, sobre o rio do mesmo nome.

## CANANÉA

Cidade verdadeiramente maritima, com assento na ilha de seu nome e cercada de ilhas como as do Cardoso, da Casca, Ilha Comprida e outras, — teve, por isso mesmo, desde os tempos coloniaes, a sua população os olhos voltados para o mar.

As suas praias, hoje desertas, abrigaram numerosos estaleiros para as construcções navæes, que alcançaram o seu desenvolvimento maximo no anno de 1782, sendo que a

*Nau de Cananéa*, a qual foi conduzido para Lishóa, onde por sua originalidade e tradição foi conservada por longos annos, foi construída em 1711.

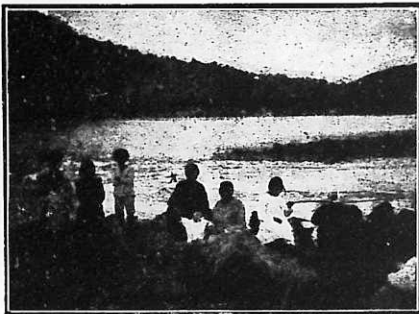
Berço da primeira bandeira paulista, cuja expedição, encaminhando-se para o interior pereceu junto ás margens do Iguassu! — poder-se-ia denominar tambem Abrigo de pescadores, ninho de homens do mar.

Affeita ás luctas com o seu elemento, a sua população dedica um culto respeitoso á Virgem dos Navegantes, para quem, nas horas do perigo, chieo de fé, volve os olhos.

Por esse motivo, emquanto as demais festividades religiosas parecem

desaparecer, o culto á Rainha dos Mares, é ahi cada vez mais brilhante.

A nossa photographia mostra um dos aspectos da proçissão no mar, realizada no dia 15 de Agosto do corrente anno, dia esse consagrado á excelsa Estrella do Mar.



Exma. sra. d. Cesarina, esposa do sr. Armando P. de Santos, em companhia de suas filhinhas e outras pessoas nus rochedos do rio Uruguay.

# A Alma de Mary Walter

(Novella de costumes norte-americanos)

RENE' BORGIA

*Ilustrações de Keller*

A manhã era fria, doirada por um sol triste de outono. O transatlântico deixou Cesar em Bronklyn. A maravilha da metropole immensa erguia-se ante elle, como a desafial-o. Aquellas casas altissimas como torres fizeram-n'o pensativo. Elle sentiu-se como esmagado ao peso de tanta grandeza. Depois de alguns minutos de indecisão, encheu-se de animo e entrou na cidade, que o havia de tragar. A vida teria para elle um aspecto muito differente, e Nova-York o transformaria de uma maneira absoluta. O milagre fatal começou a operar-se.

O inverno foi aspero, como poucos. As suas carnes, ha-

nha recitar-lhe esses versos para o embalar e distrahir. Leu a versão ingleza e achou-a encantadora.

Depois de ler e meditar fundamente a traducção de Mary Walter, o moço escreveu-lhe uma carta, uma carta gentil e expressiva, louvando-a por offerer aos seus compatriotas aquelle mimo da alma latina, conservando-lhe, intactos, o seu sabor e perfume.

Ao cabo de alguns dias, Cesar recebeu uma carta entusiastica e cordial de Mary Walter, dizendo-lhe que tinha em alta conta os seus louvores, por serem os mais galantes que recebera na vida.

Desde esse momento ficou entre ambos estabelecida uma correspondencia fixa. A Cesar lhe eram tão necessarias as cartas de Mary, que, quando não chegavam a tempo, se punha mal humorado e nervoso. Como ella habitava uma



... Levou-o a uma festa de bohemios da alta roda, em Broadway.

bituadas aos tropicos, soffreram terrivelmente. Sua natureza supplicava-lhe, com queixas mudas, o retorno á patria distante. Sua cidade natal apparecia-lhe então em toda a sua belleza quente, illuminada de sol e varrida de ventos mornos, rindo pelas mil boccas das suas patricias formosas. Sentiu-se perdido.

Tres mezes depois da sua chegada á metropole, numa noite de fevereiro, horrivelmente gelada, Cesar, encolhido sob suas pelles, lia distrahidamente um numero de "The Woman's Journal". Seus olhos, surpreendidos, viram o nome de um poeta patricio, o mais querido dos seus poetas assignando uma longa poesia em alexandrinos inglezes. Mary Walter, poetisa americana, tinha-a traduzido. A poesia era-lhe tão familiar no idioma patricio, que a sabia de cor. Certa vez, quando esteve doente, sua irmanzinha vi-

cidade distante, em Ohio, não podia receber cartas della senão uma ou duas vezes por semana. Nos dias felizes, isto é, nos dias em que o carteiro lhe trazia cartas da poetisa, ficava agitado, impaciente, sacudido por extranhas sensações. Pensava nas coisas novas que lhe diria Mary, na sua opinião acerca da sua ultima epistola, na maneira como responderia a um outro pormenor do seu sentimento... Mas Mary, com sua natureza fina, quieta, fiel á sua origem anglo-saxonia, não comprehendia aquellas expressões violentas e transbordantes.

Depois de um mez de silencio, causado pela má interpretação de uma phrase, Cesar recebeu uma carta de Mary que o impressionou fundamente e marcou uma nova direcção em sua vida. Ao longo da missiva, entendeu elle, surpreso e com o coração aos arrancos, que Mary come-

çava a amal-o. Isso era evidente. E elle releu a carta: "Caro amigo: quinta-feira passada, numa tarde azul, muito azul, era eu uma sombra negra, com meu traje de luto, disposta a assistir ao enterro de uma velha amiga de minha mãe. O caso era triste, mas a chegada da tua carta poz-me alegre, com perdão das que choravam. Como o senhor sabe dar esmola aos humildes que batem á sua porta... Como soffro por não poder dizer-lhe todas as coisas confusas e vehementes que me vão n'alma! Receio, a cada passo, perder a sua amizade, embora o senhor me considere sua amiga. Sua amiga? Não! alguma coisa mais! São tão mãos os amigos, que tenho medo de proporcionar-lhe algum dia uma dor, uma magua sequer. Quero ser tudo: sua amiga, sua irmã, sua mãe... a mão que arranca o espinho e delta o balsamo. Se a felicidade, como o senhor diz, consiste na maior quantidade de angustias que se soffrem, sou então perfeitamente feliz. Penso como aquella mulher de Ibsen, que é preferivel uma hora de tragedia a toda uma existencia de quietude."

Enquanto Cesar lia, essas mãos tremiam. Quanta coisa bella e triste sugeria aquellas linhas em que a alma atormentada de Mary se offerecia desnuda, palpitante!

— Mary Walter! Mary Walter, como te amo! gritou, commovido.

Desde esse momento, unico em sua vida, Cesar resolveu falar-lhe claramente. Dir-lhe-ia que a amava, convidal-a-ia a juntar os seus destinos. A terra para elle estava deserta, e só distinguia, em meio á sua allucinação, a alma de Mary Walter. Só lhe conhecia a alma; faltava-lhe conhecer o envolvero physico. Como seria ella? Pouco lhe importava. Se é a alma que plasma o corpo, ella deveria ser bella como a sua alma...

A resposta de Mary foi breve e profunda: "Tua, tu! não te escrevo mais porque não posso!" A resposta de Cesar foi mais longa, mas não menos eloquente. Enviava-lhe um retrato rogando-lhe que lhe enviase o seu. A carta de Mary foi entusiasta, mas, no fundo, deixava transparecer um pouco de dor. Negava-se a enviar-lhe o retrato, e para que Cesar não duvidasse da sua juventude e belleza, dizia-lhe: "Não sou uma Venus nem tão pouco um abantesma. Verás. Vou fazer-te o meu retrato: tenho os cabellos de ouro (entre poetas a phrase é permitida); olhos de azul profundo; bocca breve, mãos finas e dós longos. Quanto ao corpo, é fino, esbelto, de movimentos ageis educados pelo sport.

\* \* \*

Esta carta deixou o rapaz pensativo. Porque não lhe mandou o seu retrato? Aquella recusa exasperava-o. Queria ter a sua photographia 'alli, ao alcance da mão, sobre a sua mesa de trabalho. Um dia, cansado de esperar, escreveu-lhe dizendo-lhe que se não lhe enviasse o retrato romperia o pacto de amor, porque necessitava conhecer o seu rosto tão perfeitamente como conhecia a sua alma.

As phrases imperativas de Cesar impressionaram-na fundamente, e ella se resolveu então a mandar-lhe a sua photographia acompanhada de uma carta em que o orgulho e a dor transpareciam. Cesar, com o envolvero entre as mãos, permaneceu largo tempo, indeciso, sem animo de o abrir. Pensava: "Será feia como a maior parte das mulheres literatas? Ah! não, por certo! Com uma alma tão bella havia de ser bella forçosamente".

Fazendo um esforço inaudito rompeu o envolvero, e — oh! meu Deus! — Mary Walter appareceu-lhe feia, não de todo, mas o sufficiente para desilludir um estheta como elle, que só sentia verdadeira fascinação pela fórma e pela linha. Os seus olhos eram grandes e bellos, o perfil energetico e distincto, mas havia no conjunto uma desharmonia que lhe desagradava. Achou-a varonil, antipathica.

Foi tão grande a sua desillusão, que, á noite, ao deitar-se, sentiu febre. Escreveu á enamorada miss uma carta quasi descortez, dizendo-lhe que se havia enganado e propondo-lhe uma ruptura nas intimidades sentimentaes. Tudo isto escrevia elle, procurando attenuar, tanto quanto possível, as asperezas, sem o conseguir porém.

\* \* \*

Cesar não era adolescente, mas tinha a alma de sonhador, saturada de Musset e de Lamartine. A indole romantica

não lhe permitira ainda sahir dessa idade em que a pistola de Werther é a unica solução para os conflictos do amor. Tinha amado muito, em todas as linguas, e de todos esses amores só recolhera desillusões e infortunios. Porisso, quando conheceu a alma de Mary Walter, enamorou-se logo della e de tal maneira que a lembrança de todos os outros amores se apagou.

Aquelle desengano abalou-o fundamente. Na manhã seguinte levantou-se tarde, mal humorado. O amor de Mary, que fora a melhor illusão da sua vida, converteu-se va mais cruel das suas dores. As suas distrações constantes, o seu nenhum apego ao trabalho, resultantes dos seus soffrimentos, foram a causa de ser elle despedido do escriptorio em que trabalhava. Tratou de collocar-se novamente mas a sua boa estrella começou a empanar-se. Entrou a descuidar-se da toilette, em que antes se apurava com muito rigor. Deixou crescer os cabellos, e entre versos e copos de whisky decorria a sua vida. Certa vez, um amigo levou-o a uma festa, em Broadway, onde se reunia a alta bohemia. Entre as mulheres achava-se uma antiga conhecida sua, uma violinista russa, Alla Petrova, que o havia fascinado de tal maneira em outro tempo, que o obrigou a fugir de Londres para evitar o contacto daquella belleza que tinha a brancura das steppes e o fogo de um temperamento meridional. Naquelle corpo maravilhosamente bello, de linhas perturbadoras, escondia-se uma alma mediocre, sem elevação nem espiritualidade. Cesar havia amado nella a apothese da perfeição carnal.

Quando o amigo de Cesar annunciou aos seus companheiros que tinha a honra de lhes apresentar o maior artista da palavra na America Latina, Alla Petrova empallidou, e, levantando-se da cadeira, apressou-se de Cesar, toda risonha, envolvendo-o com olhos de piedade de doçura.

— Meu Deus! és tu, Cesar! Como podeste chegar a este estado?

O rapaz, meio embaraçado, atreveu-se a dizer-lhe:

— Coisas da vida, que não permite aos artistas ser felizes e ricos.

E como os bohemios, já alegres pela acção do vinho, se rissem daquellas ternuras por um cavalleiro de tão má apparencia, ella, cheia de colera, falou, para que todos a ouvissem:

— Vem commigo. Não quero que sirvas de alvo para troça de garotos embriagados.

E dando-lhe o braço, arrancou-o d'alli.

\* \* \*

Dez dias depois Cesar e Alla se casaram. Cesar comprehendeu que a vida era bella e que ainda lhe reservava coisas agradaveis. Toda aquella ternura que se accumulou em sua alma durante o longo periodo de amores com Mary, necessitava transbordar sob pena de afogal-o. A russa foi a valvula de escapamento. Ella recebia os carinhos de Cesar, aturdida, assombrada e sem os comprehender, porque sempre o conheceu de genio secco.

Passada a lua de mel, que foi curtissima, passou a embriaguez. Aquelle casamento sem base no amor não podia ter bom exito. Quanto a Alla, amava-o sinceramente.

Era culpa sua que a sua pobre alma vulgar não satisfizesse aquella sede de amor puro, de ternuras espirituas que torturavam o poeta?

Inquieta, vendo derruir por terra seu castello de illusões, Alla interrogava-o apprehensiva:

— Que te aconteceu, Cesar? Porque foges de mim? Que mal te fiz?

— Nada, mas isto não pôde continuar.

— Que é que não pôde continuar?

— Nossa vida em commum. Somos tão differentes! Não posso amar-te.

A dançarina, ferida em seu amor proprio, chorou muito. O orgulho despertou-lhe a revolta e foi ella quem promoveu o divorcio.

A dôr do fracasso com Mary voltou a visitar-lhe a alma e a atormental-a. As vezes sentia vergonha de si mesmo, parecendo-lhe que aquelle amor fora uma burla em sua vida. Pouco a pouco foi-se tornando misanthropo. O de-

sasseio, á falta de alimento davam-lhe um ar de mendigo. Foi viver então para a Terceira Avenida, numa casa de pensão de baixa categoria.

A fome não se fez esperar. Cesar soffreu-a com a serenidade de um estoico. Elle sabia que fartar-se de fome era, depois de saber esperar, a maior das virtudes humanas. Como a vida se lhe ia tornando cada vez mais difficil, teve que aceitar, para viver, as tarefas mais rudes.

\* \* \*

Nem Balzac se aventajou a elle na diversidade dos of-

alma, recorria ao whisky para afugental-a. Uma tarde em que, devido a excessivas libações, Cesar governava mal o seu carro, um tramway o atropelou e atirou-o fóra da bo léa. Ao cair, um auto que vinha em sentido contrario, pisou-lhe uma perna. Depois, a inconsciencia, a vertigem, o prologo da morte.

Alguns dias após, quando o poeta voltou á vida, encontrou-se numa sala grande e fria. Pelos gemidos que ouvia e pelo cheiro acre das drogas e dos antisepticos, adivinhou logo que estava num hospital. Uma enfermeira debruçou-se sobre elle, solicita.



— Que te aconteceu, Cesar, porque fuges de mim?

ficios. Foi casteiro, vendedor de jornaes, guarda rural, e foi mais: estreou como fabricante de quinquilharias, desceu a limpador de chaminés, guiou automoveis na praça, fez-se catador de papeis sujos. Quantas manhãs deliciosas passou elle pela Quinta Avenida na bolça de um carro! Muitas vezes cuidou que não se tratava de um vehiculo miseravel de recolher lixo, e sim do proprio carro do sol! Agitava o chicote com o orgulho digno de um Apollo. Como a recordação de Mary Walter estava sempre em sua

Crendo que sonhava, quiz esfregar os olhos para despertar, mas não poudo fazel-o porque as mãos e braços estavam envolvidos em pannos.

— Quem é a senhora, perguntou.

— Sou eu, Mary.

— Tu, e como o soubeste?

— Por um desses acasos, tão raros na vida, caíhu em minhas mãos um jornal que noticiou o desastre. A priaci-

pio duvidei que se tratava de ti, e sim de outra pessoa com o mesmo nome.

A dor e o prazer de Cesar eram inexplicaveis. Mary Walter estava alli. Como eram grandes e bellos os seus olhos! Falava como se cantasse, dando ás palavras uma sonoridade que elle jamais ouvia. Sua mão, pallida, longa e fina, posou de manso sobre sua fronte. Era uma mão transparente, afada, feita para pegar uma rosa ou um ramo florido. Suas mãos, como sua voz e como seus olhos, eram celestes, absolutamente immateriaes.

A' noite Mary sahiu. No dia seguinte, pela manhã, o poeta falou-lhe:

— Ouve, Mary, quero que me fales muito, que me olhes muito e que me deixes sentir o contacto das tuas mãos. Tuas mãos, teus olhos e tua voz são as tres unicas maravilhas que conheço no mundo. Fala-me. Conta-me tudo quanto soffreste quando não te escrevi mais.

— Ella falava e dizia o seu soffrimento como se cantasse uma sonata.

— Dá-me a tua mão, Mary. Como são suaves!

— Gostas das minhas mãos?

— E da tua alma, tão estranha!

— Tão estranha, não; tão dolorida...

— Pobre alma minha! Como soffreste! Mas vaes perdoar-me, não é verdade?

— Sim, perdoo-te. Não só te perdoo, mas até agradeço porque foste tu quem me disse as primeiras phrases galantes.

— Quaes?

— Que meus olhos, minhas mãos e minha voz são as tres unicas maravilhas que conhecesse.

\* \* \*

Foi Mary quem fez o poeta voltar á vida. Uma manhã, muito cedo, apresentou-se alegrissima com um ramalhete de rosas.

— Cesar, o medico disse-me que podes ir embora.

— Para onde, se não tenho casa?

— Isso cres tu. Um amigo preparou-te um quarto lindissimo. Quero acompanhar-te até lá.

— Pello braço da moça sahiu do hospital.

— Chegando á casa de pensão ella apertou-lhe fortemente as mãos e começou a chorar, sacudida de soluços.

— Adeus, vou-me embora.

— E porque?

— Porque já terminou minha missão.

— Ah! não sejas cruel, Mary. Tua missão não terminou. Muitas são as feridas que tens de curar e muitas as lagrimas a enxugar.

— Que queres então que eu faça?

— Uma luz estranha, sobrenatural illuminou-lhe o rosto com relampagos de belleza e entendendo ao poeta as mãos tremulas, falou-lhe com a voz entrecortada pela commoção:

— Queres que eu fique contigo para sempre?

— Sim, Mary, se o quizeres, para sempre...

## NOSSA EDIÇÃO DO NATAL

Já estamos preparando, desde muito tempo, a nossa edição especial destinada á commemoração do Natal e a ser offercida, como um precioso mimo, ás nossas numerosas assignatas. As senhoras que conhecem as collecções da "Revista Feminina", sabem bem o capricho que pomos na confecção dessas edições, que constam, geralmente, de duzentas e mais paginas e são ornadas de muitas centenas de formosas illustrações coloridas. Mas a nossa proxima edição, pelo seu luxo, pela sua belleza, pela qualidade do papel, pelo grande numero de chromos e pela sua variadissima materia, será muito mais rica que todas as edições anteriores, constituindo, porisso, não um simples numero de revista, mas uma verdadeira obra de luxo, propria para presente.

Se fossemos cobrar por ella o preço por que, em São Paulo, se vendem as obras de identica confecção typographica, teriamos de marcar-lhe um preço talvez superior ao da assignatura annual. Quer isto dizer que essa edição, em vez de garantir algum lucro, como se possa suppor, para a direcção da revista, é, antes, um sacrificio, o que não é para admirar porque a "Revista Feminina" não foi creada para intulos commerciaes, senão para o alto apostolado de derramar um pouco de luz entre as nossas companheiras de sexo.

Para os que nos conhecem é ocioso encarecer o nosso esforço. No interesse de pôr as nossas leitoras ao corrente das idéas adeantadas, pelas quaes, actualmente, se está guiando todo o mundo civilisado, entrámos em contacto com as mais altas personalidades femininas do Brasil e do estrangeiro. Temos correspondentes em diversas cidades da Europa e da America, e entre essas correspondentes citamos com orgulho Carmen de Burgos, em Hespanha, que é a mais fecunda e uma das mais brillantes escriptoras da actualidade. Concepción Hernández de Roca, de Saragoça,

escriptoras de merito; a escriptora Angelica Palma, de Perú, applaudida novellista, e um grupo de senhoras da nova Republica Tchecoslovaca, que se nos offerceram para nos guiar na campanha de propaganda em favor da mulher, preparando-a para os futuros destinos que a aguardam. Entre as nossas victorias recordamos tambem, com desvanecimento, a que obtive a nossa companheira de trabalho Laura Vaz, cujos contos didacticos estão sendo traduzidos para o castelhano pelo distincto jornalista peruano sr. Miguel U. Redegui, destinados ás escolas primarias do Perú. As magnificas chronicas de Anna Rita Malheiros são sempre transcritas pelos jornaes do país, e são ellas que estão despertando nas senhoras brasileiras esse espirito de combatividade de que precisamos para fazer valer, de futuro, os seus justos direitos.

Tal é a obra da "Revista Feminina", cujos pródromos foram religiosamente traçados pela sua inolvidavel typographica, Virgínia de Souza Salles.

A nossa proxima edição do Natal será toda ella impressa em optimo papel "glacé" e constará de muitas centenas de encantadoras gravuras, das quaes muitas em trichromia e chromo.

Será collaborada pelas mais brillantes pennas do Brasil e do estrangeiro. Terá secções desenvolvidas sobre arte, sciencia, critica, litteratura, viagens, arte decorativa, hygienic, medicina, feminismo, modas, trabalhos domesticos, humorismo, cozinha, curiosidades, etc., etc. Todos os contos e novellas serão illustrados com lindos desenhos dos mais notaveis artistas norte-americanos e hespanhões. Da secção destinada ás creanças incumbiram-se o illustre escriptor Monteiro Lobato e o popular caricaturista Voltolino. Será, em summa, um numero sumptuoso, uma verdadeira obra-prima de arte typographica.

As senhoras que desejem possuir o numero do Natal, devem tomar desde já assignatura ou renovar a se estão em atraso.

## O CASTELLO DE HAMLET

Quando viajamos pela Dinamarca e visitamos, em Helsingoer, o castello historico de Kronborg, sentimentos penetrados dessa extranha commoção que nos provoca ao ver levantar-se ante nossos olhos o espectro de um sér querido; porque essa antiga morada real, convertida hoje em fortaleza, é o poetico castello de Elsenour onde Shakespeare fez transcorrer a acção da sua melhor tragedia: é o castello de Hamlet

Este castello serviu tambem de scenario para outras tragedias vivas. Andersens nos fez conhecer esta guarda montada por Holger Danske, no fundo das casamatas do castello de Kronborg. Decoraram ahi os amores criminosos da rainha Carolina Mathilde com o favorito do inepto Christiano IV, e foi ahi que culminou a tragedia quando os cortejos arrancaram ao rei, durante o festim, a ordem de morte para o favorito e de prisão para a soberana. Ahi estão as habitações que lhe serviram de carcere, e parece que esse logar tem uma fatalidade mysteriosa para os enamorados.

Mas o que mais impressiona é a evocação de Hamlet. Entendiamos o ir e vir de visitantes, as vozes vulgares dos soldados que cruzam os grandes patios. Para avivar a nossa emoção e o nosso sonho, refugiámo-nos na Flag-batterie, se é que podemos sonhar entre uma soberba bateria de canhões enfleirados até ao mar! E' necessario invocar poderosamente a impressão que a figura de Hamlet nos causa para reconhecer neste logar o "terraço do castello de Elsenour", onde o poeta inglez collocou a scena mais emocionante do seu drama.

Nunca nenhuma decoração logrará obter este effeito. E' impossivel descrever a paizagem, a luz deste céu do Norte, azul escuro, ardente e intenso, que se não asse-

melha a nenhum outro céu, a brisa ligeira que faz tremular as bandeiras e erija as aguas do Sund; e, além, ao longe, as encostas fronteiras da Suecia, com suas enormes rochas de granito e as suas selvas verdes que parece caminharem...

O castello se alça rodeado de muralhas e de fossos, ouriçado de canhões, em meio aos rochedos, numa paizagem agreste e selvatica, á margem da agua. Sua grande mole assemelha-se a uma cidadella. Quatro enormes torres flanqueiam as angulos, e no meio se vê um confuso conjunto de torresinhas, telhados, frontões salientes, muros com ameias e a alta torre do sino, sempre alerta sobre o perigo do mar...

Sua belleza grandiosa, desigual, é bem digna da grande tragedia. Porque não se poderá visitar este castello á noite? Ofendem o nosso sentimento as imposições do horario, a promiscuidade dos forasteiros e esta indifferença da sentinella que passeia, arma ao hombro, com seu passo uniforme e medido. Porque este terraço e o sitio onde apparece, ante os olhos do desventurado principe, o espectro do seu pae pedindo-lhe justiça; neste terraço passeando em frente ao mar, entre a serenidade dos céos e a das aguas, soffreu Hamlet a luta gigantesca e titanica entre seus sentimentos e o seu dever de vingança. Hamlet é um deus de vingança, formoso e terrivel, A sua primeira victima é elle proprio; sacri-



A sombra de Hamlet

fica a sua propria mãe, immola a pallida e debil Ophelia, a doce menina que morreu cantando. Ophelia amou a Hamlet porque o admirou. Ninguem como Shakespeare sabe dar a sensação dos amores nobres. Os homens de Shakespeare amam porque se compadecem; as mulheres, porque admiram. — A força creadora do bardo inglez é tão poderosa, que nestes logares, theatro da

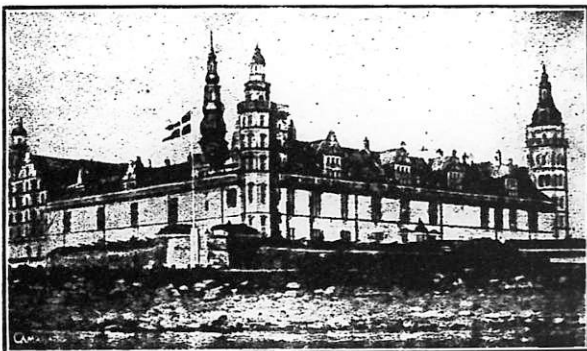
## REVISTA FEMININA

acção do drama, os personagens destacam na nossa imaginação em carne e realidade. Dir-se-ia que já os conhecíamos em outra idade, dir-se-ia que já aqui estivemos e aqui voltamos de novo para os encontrar.

A capella do castello é a mesma que acolheu ao pé do Crucifixo o infame padrao, hypocrita e covarde. Naquelle salão vermelho sentou-se a mãe criminoso. Esses tapetes occultaram a espionagem e o veneno. Os traidores deslisaram por traz destas portas, ao longo destes corredores sombrios. Tudo toma corpo e realidade. Estes edificios engendram o crime, a paixão e a loucura! Um escabello collocado perto de uma poltrona, faz-nos recordar Ophélie sentada aos pés do seu principe, contemplando, silenciosa e enamorada, aquelle bello rosto justiciero, amando sem saber que amava.

Como se faz clara a linguagem torturada de Hamlet, como comprehende toda a grandeza do seu dever de vingador! Elle, como os corsos, sabe vingar-se. Vinganças e zelos são as duas unicas paixões que dão vida ás grandes tragedias. São anormaes essas paixões, mas são grandes, são humanas, são bellas, quando os que sentem são, os fortes, os justos. Em Kronberg, em plena natureza, sente-se o dominio da paixão, comprehende-se a voluptuosidade de morrer, a concentração do pensamento ante a voluptuosidade das coisas, a revolta desesperada da impotencia na paixão dolorosa. Vê-se a encarnação de Hamlet com seu traje negro. O traje negro de Hamlet é um complemento a que a exquisita sensibilidade de Shakespeare recorreu para o rythmo da sua obra; não o reconheceriamos com roupagens de outra cor; seu semblante grave e repousado perderia a austeridade se fosse branco o seu traje, e elle proprio perderia o seu relevô. Vestido de negro, silencioso e lento, apparece elle em Kronborg. A unica figura que se confunde com a sua é a de Shakespeare. Ha uma estatua do poeta num dos salões do castello; ao vel-a veriamos um retrato do herô. Tambem o poeta se vestia de negro, com o mesmo traje negro de Hamlet, o traje negro do vingador. Dir-se-ia que elle se encornou no principe e que a paixão de Hamlet é a sua propria paixão.

Tanto a existencia do poeta como a do seu herô são igualmente discutidas. Em vão, perto de Londrer nós apontamos o poetico suburbio em que nasceu Shakespeare e nos suggerem as suas recordações; em vão a historia dinamarqueza nos conta que Hamlet foi filho do desventurado rei Hornendill, assassinado por Fengô, que se casou com sua viuva; e a analyse dos sabios nos quer roubar esta fé humana e apagar a crença de que podem existir seres tão superiores. Eu fecho os olhos á analyse. Para mim elles existiram sempre e foi com immensa commoção que me inclinei ante uma pyramide de pedra que me mostraram no caminho que vae de Kronborg a Marienlyst, onde os habitantes da região assignalam, por tradição, a sepultura de Hamlet.



O castello de Hamlet

Eu deixei sobre esta sepultura uma pedra, uma pedra piedosa como uma oração, a exemplo do que vi fazerem, na minha infancia, os camponezes de Almeria, que conservam este rito pagão de lançar pedras sobre as separecem solicitar uma oração. Crêem elles que, deste modo, descança o espirito que ficou vagando perto dos corpos que não repousam em logar sagrado.

Para mim o espirito de Hamlet tem aqui uma existencia real. Shakespeare esteve por certo aqui quando viajou a Dinamarca, e elle certo escutou a historia das suas desventuras, numa noite de lua, no terraço do castello de Kronborg.

Carmen de Burgos

## UMA RECTIFICAÇÃO

Em nossa edição anterior foi publicada uma phantasia litteraria a proposito das mulheres. As leitoras que, por acaso, passaram os olhos por essa composição, ficaram surprehendidas com certos conceitos brutos, com certa cruzeza de expressão que não encontram nunca nas composições litterarias dos nossos collaboradores. Reciosas de que algumas das nossas leitoras, justamente escandalizadas, nos venham pedir contas pela inserção de tão malsinada phantasia em que a mulher é rudemente rebaixada, apres-

samo-nos em declarar que ella foi publicada por inadvertencia de uma das redactoras. Só depois de impresso o artigo é que advertimos o quanto elle encerra de injusto e de perverso. Era tarde, porém. Já não podiamos voltar atraz. A's leitoras intelligentes não precisamos dizer que as idéas que o tal artigo contem são absolutamente oppostas ás que prégamos.

Perdoem-nos as nossas boas amigas a inadvertencia.

Em rigor, o titulo "Uma rectificação", com que encabeçamos esta noticia, deveria ser antes "Um engano", porque foi realmente por engano que o tal artigo foi publicado.

# O Papel da mulher

Na sociedade actual, é cada vez mais complexo o papel da mulher. Se attentarmos ás condições de vida, já não podemos deixar de considerar que á mulher está affecta, talvez, a porção mais difficil na tarefa de formação da sociedade, a cellula fundamental do organismo social.

A escola domestica profissional deve organizar-se de modo que a mulher se baste a si mesma e seja um elemento de evolução commum.

Para isso a mulher tem deveres e direitos: educar-se, dirigir o lar e trabalhar.

Educando-se, ella adquire as qualidades precisas para armar o seu espirito e fazer-se cada vez melhor; elevar-se e comprehender a sua alta função social, as suas responsabilidades no magno problema da educação dos filhos, na orientação do esposo, no governo do lar, e na preparação dos cidadãos para a patria. Dirigindo o lar, mãe de familia, ella está no seu verdadeiro papel, no seu throno de majestade, onde, plasmando o caracter dos filhos, formando-lhes a alma, contendo e aconselhando o esposo, é causa de grandeza e de valor da sua patria. Trabalhando, ella vem cooperar para a riqueza e o bem estar do seu paiz, e, não só satisfaz a imposição da lei biologica do trabalho, como, ante as difficuldades actuaes da vida, presta o seu auxilio ao progresso social e augmento da riqueza commum.

Hoje como diz Kropotkin, homens e mulheres, todos devem trabalhar e ganhar a vida com o seu proprio esforço. No mundo não ha mais lugar para os inuteis.

A escola tem de encarar estes problemas e organizar-se de modo a ser o que deve — meio de formação, de preparação. A escola tem de encarar a mulher sob duas faces: a mulher casada e a mulher solteira.

Nessa interferencia organizar-se para que ella cumpra a sua missão — mãe de familia, esposa, quando necessario fór; trabalhadora, ao lado do homem, para se manter, sem dependencias ou humilhações.

Ser mãe de familia, dirigir o lar, é a missão que Deus lhe marcou. Mas, como nem todas as mulheres são mães

de familia e dirigentes do lar, a escola deve organizar-se para a função principal sem deixar de preparar-se para a immediata. Na maioria dos casos, attendendo á maior natalidade das mulheres, ás difficuldades da existencia, que fazem os homens tenderem para o celibatarismo, á incuria dos paes, que não cuidam de preparar as filhas para a vida como se nos apresenta, commumente as mulheres se encontram em grandes difficuldades para viver. Os paes, quando ricos, dão-lhes educação de salão: piano, canto, esporte, dansas e outras prendas. Os que estão muito bem e as ricas têm o direito de desconhecer o trabalho da educação dos filhos e a direcção do lar; mas, para a classe pobre, só na escola domestica está a salvação. Na escola domestica a mulher deve aprender a ser boa dona de casa. Mas, o que se deve aprender e como aprender, é a questão formal. A escola tem de visar a formação da

mãe de familia, e a sciencia que nos deve preoccupar é a "economia domestica", ou antes, a "sciencia do lar".

Avulta na sciencia do lar a educação dos filhos: formar uma criança desde o seu nascimento; dar-lhe os cuidados physicos que o seu tenro corpo reclama, advinhar suas emoções, acompanhar o despertar de sua intelligencia, observar e orientar a sua vontade, corrigir e amparar, zelar de sua juventude, guiar o filho nos primeiros passos da vida, são problemas que, cada vez mais, augmentam com o crescer dos filhos.

APRIGIO GONZAGA.



Uma encantadora menina, filha da exma. sra. d. Francisca Franco de Moraes, digna representante da "Revista Feminina" em Pirassununga.



A intelligente e graciosas senhora Jurema de Almeida, nossa preciosa representante em Bependy, Estado de Minas, á qual a causa feminista deve os mais assignalados esforços.

## Da "Arte de Amar"

de Julio Cesar da Silva.

Porque és mulher, não te importes  
Se só te cabem deveres;  
Os direitos e os poderes  
Têm os homens, que são fortes.  
Mas em amor, as mulheres  
Têm o direito da escolha;  
Não queiras que homem te escolha  
E escolha aquelle que queres.

# Resurreição

Cantae, sinos vibrantes e alegres! Sobre os campos embalsamados e quietos, sobre os jardins cheios de flores, sobre as ruas fidalgas cheias de palácios, sobre os bairros pobres cheios de pardieiros — deramam a harmonia maravilhosa das vossas vozes concertadas, ó sinos da Resurreição!

Aqui está o que dizem os Homens todós, neste dia de concordia e de esperança, ó bronzes da Igreja:

“Homens, a morte é uma illusão! Só a vida é verdadeira e eterna! Nem só os Deuses resuscitam á clara luz da manhã, depois da noite do supplicio e do opprobio... Todos resuscitam e tudo resuscita: — deuses e vermes, criadores e criaturas, estrellas e insectos, aves e pedras. Este que, no dia de hoje, depois de morto e enterrado, appareceu á Maria Magdalena, tocado de luz celeste, dentro de um nimbo resplandecente, sobre a pedra revolvida do sepulcro — este mesmo, quando reaccendeu a chamma da vida no corpo frio de Lazaro, quiz mostrar-vos que a vida é eterna! Ninguém morre, enquanto ama e espera. Aquillo a que daes o nome de morte, é uma syncope ligeira: tambem o sol desaparece todos os dias á vossos olhos, — mas não morre: vae deslumbra e alegrar outros olhos. Homens, amae a vida, que é eterna!

Se a morte não existe, tambem não existe a magua... Vós, que soffreis, vós que vos rebellais, vós que amaldiçoas o dia em que nascestes, vós, que vos tendes como desherdados e os orphãos dos bens da vida — amae e esperae! Ninguém sabe quando vem a ventura: ella, porém, nunca deixa de vir, por este ou aquelle caminho, com este ou com aquelle aspecto! Homens, a minha voz, é a voz da eterna vida e da eterna esperança! Reconciliae-vos, abraçae-vos, esquecei os vossos

odios e os vossos despeitos... Se sois ricos, não desprezeis os pobres; se sois pobres, não amaldiçoais os ricos. Esta vida de hoje, não é toda a vida: é uma das muitas vidas que formam as estações de parada da grande vida infindavel.

¶ Risos e lagrimas, alegrias e tristezas, festas e lutos succedem-se, equilibram-se, compensam-se. O que hoje vos parece desgraça, e apenas, o resultado do vosso erro e do vosso desatino. Para que uma alma seja radiantemente feliz uma só coisa lhe basta: — amar. Amar não é emprestar amor, nem trocar um amor por outro amor. Amar é simplesmente amar, sem pedir pagamento, sem esperar indemnisação. Ser amado é bom: mas amar é optimo. Amor é renuncia, é dedicação, é ternura instinctiva, irresponsavel, espontanea, universal.

Em geral, todos os egoismos são torpes: mas ha um egoismo sublime, que é esse egoismo de amar pelo gozo do amor. Amae e sereis felizes—porque, amado.

não tereis logar no coração para a inveja, nem para o despeito, nem para o desespero. Inveja de que? despeito, para que? desespero, porque? Os bens e os males são patrimonio commum: não ha ventura que não tenha um dia uma lagrima, não ha desgraça que não tenha um dia um sorriso.

Nem as dores, nem os prazeres, nem os premios, nem os castigos são eternos; só é eterna a vida, que é uma infinita serie de quedas e de ascensões, de desastres e de victorias, de humilhações e de apothoses: e nesse baralhamento de bens e males, desaparecem, confundidos, prazeres e dores, castigos e premios...

Homens! amae e esperae — isto é: vivei!

OLAVO BILAC.



A intelligente e linda senhorita Bertha Kilme, nossa representante em S. Cruz do Rio Pardo, e a sua prima, a graciosa senhorita Olive Züege.



A distincta e graciosa senhorita Claudina Villela, Mocinha, de Carmo do Rio Claro.

## Apologia do Silêncio



Esther e Sylvia, interessantes filhinhos da exma. sra. d. Paula Mercadante e sr. João Victor Maria, importantes commerciantes em Avaré.

DIETA VERBAL, SEGUNDO UM CRITICO ESTRANGEIRO. ENDEMLIA NACIONAL.

Nos costumes contemporaneos vai-se manifestando o curioso phenomeno que mais de um observador já tem assinalado.

E' a lassidão verbal, a instinctiva preguiça de exprimir o pensamento a falta de assumpto para as conversações, a propensão para

mentos refinados, ás confidencias delicadas e discretas dos espiritos finos e cultos.

Gradativamente, a polidez inclina os conversadores a se fazerem mutuos sacrificios, a se dissimularem convicções demasiado intransigentes.

Creou-se assim uma especie de unificação, ao menos exterior, das consciencias que, eliminando controversias tornou um tanto inuteis ás troças de idéas e enfraqueceu singularmente o interesse das *prosas*. A imprensa parece que teve certa responsabilidade nesta evolução.

Levando silenciosamente todos os dias a cada casa as mais completas informações cortou ou restringiu a palavra a brilhantes portadores de novidades aos bem informados cujas revelações eram avidamente recolhidas e que tinham a alegria de sentir o auditorio suspenso aos seus labios.

Secou, da mesma sorte, grande parte da correspondencia. Vieram depois, o telegrapho e o telephone. Não houve mais necessidade de compridas cartas; quando muito bilhetes postaes.

Acresce a questão orçamentaria para limitar o consumo de palavras que devem ser contadas: taxas prohibitivas ameaçam e cohibem os pernosticos. Tudo conduz ao laconismo universal e ao mutismo unificado. Era previsto o phenomeno.

Escreveu o philosopho Tarde: "A" medida que as informações sobre todas as cousas as tornam mais precisas e mais numerosas e que se têm dados numericos sobre as distancias, a população das cidades e dos Estados, etc., ficam sem objecto as discussões violentas que o amor proprio collectivo suscitava.

Cada informação nova extingue uma antiga fonte de discussões. O silencio é, pois, um indicio de felicidade social. O homem moderno deve praticar a sobriedade verbal. Cumpre, infelizmente, observar que, não obstante as interessantes ponderações do critico estrangeiro acima compendeadas, no Brasil, pelo menos, a rethorica e a parolagem continuam a contar numerosos adeptos e grassam endemicamente os discursos de legua e meia.—A. C.

Desappareceram, aos poucos, as casas em que se conversava, os jantares em que se trocavam idéas.

Não mais se admite o conferenciado do salão, a commentar acontecimentos e pessoas, subjugando ao encanto do seu dizer o auditorio complacente.

Hoje o falador inspira horror sagrado.

Em temperança verbal a alguns se affigura como signal mais tranquillizador do que inquietante do equilibrio moral.

Gabriel Tarde que estudou as origens e a evolução da palestra notou-lhe tendencia constante para moderar-se e suavizar-se.

Nos povos primitivos, é aggressiva, violenta, incoherente.

As idéas são impetuosamente atiradas á refréga com generosa desordem.

Os interlocutores sentem-se levados a falar todos ao mesmo tempo e a. sem cessar, interromper-se uns aos outros.

Sabe-se que é isso um defeito difficilissimo de ser corrigido nas crianças e nos... parlamentares.

Foram necessarios seculos de apuramento para se chegar ás discussões subteis, pacificas e ordenadas dos antigos deitados em seus triclinia, ás cortezes permutas de pensa-



Luiz e Paulo Bastos Cruz, lindos filhinhos da exma. sra. d. Isabel Bastos Cruz e sr. João Baptista da Cruz, de Avaré.



A linda Walkyria, filha da exma. sra. d. Francisca de Paula Noronha e sr. cap. Pedro Avaro de Noronha, de Cabo Verde, Minas.



# LEITURA PARA CRIANÇAS

## CODIGO DE MORAL

### IV

As meninas e os meninos que são bons brasileiros, esforçar-se-ão por se fazerem vigorosos e uteis, afirm de que nosso país seja cada vez maior e sempre melhor.

Por isso observam as leis da boa conducta seguida pelos melhores brasileiros.

### I

#### Porta-te bem.

O bom brasileiro esforça-se por adquirir saúde perfeita e conservá-la.

*O porvir do nosso país depende dos que tratam de ser physicamente aptos para os trabalhos diários.*

Por isso:

1.º — Terei limpos minha roupa, meu corpo e minha alma.

2.º — Não adquirirei os hábitos que possam prejudicar-me. Contrahirei e não abandonarei jamais os que me possam ser uteis.

3.º — Limitar-me-ei a tomar nada mais que o necessário em materia de alimentos, de somno e de exercício, a fim de manter-me em bom estado de saúde.

### II

#### Sê senhor de ti mesmo.

O bom brasileiro é senhor de si mesmo.

*Os homens mais senhores de si mesmo são os que servem melhor a seu país.*

Por isso:

1.º — Serei senhor de minha lingua e não lhe permitirei nenhuma palavra vulgar, baixa ou profana.

2.º — Serei senhor de meu character e não me encolerizarei quando as pessoas ou as cousas me contrariem.

3.º — Serei senhor de meus pensamentos e não permitirei que um desejo estúpido destrua uma intenção razoavel.

### III

#### Tem confiança em ti mesmo.

O bom brasileiro tem confiança em si mesmo.

*A vaidade é uma tolice; mas a confiança em si mesmo é necessaria ao menino que quer ser forte e util.*

Por isso:

1.º — Escutarei com gosto os conselhos das pessoas de mais idade e mais ajuizadas do que eu, mas aprenderei a pensar por mim mesmo, a decidir por mim mesmo e a trabalhar por mim mesmo.

2.º — Não pensarei que de mim façam zombaria.

3.º — Terei a coragem de praticar o bem, ainda quando as multidões que me rodeiam pratiquem o mal.

#### Sê digno de confiança.

O bom brasileiro é digno de confiança.

*Nosso país será tanto maior e tanto melhor, na medida que seus cidadãos possam fiar-se completamente uns nos outros.*

Por isso:

1.º — Serei honesto de palavra e acção. Não mentirei nunca; não fingirei; não dissimularei. Não occultarei a verdade aos que têm o direito de conhecê-la.

2.º — Não farei o mal ainda quando creia não ser descoberto. Não posso occultar a verdade a mim mesmo e não a occultarei jamais ao proximo.

3.º — Não me apossarei sem permissão d'aquillo que me não pertence.

4.º — Farei immediatamente o que prometti fazer. Se tiver feito uma promessa estúpida, confessarei em seguida que é estúpida, e esforçar-me-ei em reparar o mal que meu erro possa haver occasionado. Falarei e obrarei sempre de modo que os homens procurem mais facilmente confiar-se entre si.

### V

#### Joga lealmente.

O bom brasileiro é franco no jogo (1).

*O jogo leal exercita e augmenta o nosso vigor, ajudando-nos a ser mais uteis ao nosso país.*

Por isso:

1.º — Não farei trapaças. Não jogarei apostando, nem por dinheiro. Não se jogando lealmente, o perdedor não encontrará prazer no jogo, e dessa forma o ganhador perderá a estima de si mesmo e o jogo não será mais que uma occupação desprezível e a meudo cruel.

2.º — Tratarei o meu adversario com urbanidade.

3.º — Se participar do jogo numa *equipe*, jogarei não por minha gloria pessoal, mas pelo exito do meu grupo e pelo prazer do jogo.

4.º — Perderei sem odio e ganharei sem orgulho.

### VI

#### Cumpra o teu dever.

O bom brasileiro cumpre o seu dever.

*Aquelle que se esquivava de um dever ou permanecia voluntariamente ocioso, prejudica o trabalho alheio. Sobre-carrega os demais com o trabalho que elle proprio devia fazer. Dammifica a seus concidadãos e por conseguinte ao país.*

1.º — Esforçar-me-ei em descobrir qual é o meu dever, em saber o que devo fazer e cumprirei esse dever, quer seja facil, quer seja penoso.

O que se *deve* fazer, *pode* se fazer.

(1) O autor refere-se aos jogos desportivos.

## VII

*Executa bem o teu trabalho.*

O bom brasileiro faz bem o que deve fazer.

*A prosperidade do nosso país depende dos homens que tenham aprendido a fazer as cousas do melhor modo possível.*

Por isso:

1.º — Adquirirei a melhor instrução possível e aprenderei tudo o que possa, imitando os que sabem fazer as cousas como devem ser feitas.

2.º — Porei o melhor interesse em minha obra e não me contentarei com um trabalho descuidado ou simplesmente passável. Uma roda, uma cavilha, ou um trilho mal feitos podem causar a morte de centenas de pessoas.

3.º — Esforçar-me-ei por fazer o que devo do melhor modo possível, ainda quando ninguém me veja ou me elogie.

Quando haja feito o meu trabalho tão bem como me seja possível, não invejarei aos que saibam fazê-lo melhor ou hajam recebido maior recompensa. A inveja deita a perder a obra e o artifice.

## VIII

*Aprende a trabalhar com os demais.*

O bom brasileiro trabalha em amistosa cooperação com os seus companheiros.

*Um só homem não poderia edificar uma cidade nem construir uma estrada de ferro. A um homem isolado seria-lhe-a difícil edificar uma casa ou construir uma ponte. Para que eu tenha pão, é necessário que alguns homens tenham semeado e colhido trigo; que outros hajam fabricado arados e segadoras; outros, construído moinhos; outros extrahido carvão, e outros, erigido fornos e armazéns. A medida que trabalhamos melhor em commun, mais aumenta a prosperidade de nosso país.*

Por isso:

1.º — Em todo o trabalho effectuado em commun, farei a minha tarefa e ajudarei a meus companheiros a fazer a sua.

2.º — Conservarei em ordem os objectos de que me sirvo. Quando as cousas não estão em seu lugar, causam estorvo e é difficil tornar a encontrá-las. A desordem significa confusão, perda de tempo e de paciência.

3.º — Quando trabalhe em commun estarei sempre de bom humor. O mau humor deprime os obréiros e prejudica a obra.

4.º — Quando receba a paga do meu trabalho, não me mostrarei avaro nem prodigo; gastarei e economizarei como um bom trabalhador brasileiro.

## IX

*Sê bom.*

O bom brasileiro tem bom coração.

*Na República devem viver juntos os que são de raças, de cores ou de condições distinctas. Somos diferentes, todavia formamos o mesmo povo. Qualquer falta de bondade prejudica a vida commun; os actos de bondade favorecem-na.*

Por isso:

1.º — Serei bom em todos os meus pensamentos; não experimentarei ciúmes nem odios. Não me considerarei superior a ninguém porque seja de outra raça, de outra cor ou de outra condição. Não desprezarei a ninguém.

2.º — Serei bom em todas as minhas palavras. Não serei intrigante, nem falarei mal de ninguém. Ha palavras que ferem e outras que curam.

3.º — Serei bom em todos os meus actos. Não exigirei, como egoista, que todo o mundo ceda a meus desejos. Serei sempre cortez. Não causarei nenhum mal inutil aos que trabalham para mim. Farei todo o possível para evitar actos de crueldade e ajudarei como melhor possa a todos que necessitem do meu auxilio.

## X

*Sê fiel.*

O bom brasileiro é fiel.

*Se nossa Republica deve ser cada vez maior e melhor, é necessario que seus cidadãos sejam leaes, religiosamente fiéis em todas as relações a que a vida os expõe.*

Por isso:

1.º — Serei fiel á minha familia. Com toda lealdade, obedecerei alegremente a meus paes ou a quem os substitua. Farei todo o possível para ajudar a cada membro da familia, afim de que seja forte e util.

2.º — Serei fiel á minha escola. Com toda lealdade, obedecerei e contribuirei para que os demais alumnos obedeam aos regulamentos que são feitos para o bem commun.

3.º — Serei fiel á minha Cidade, ao meu Estado, á minha Nação. Com toda lealdade respeitarei e tratarei conseguir que os demais respeitem as leis e as decisões juridicas.

4.º — Serei fiel á Humanidade. Com toda lealdade farei o possível para melhorar as relações de meu paiz com os demais paizes, assim como para dar a cada homem, em qualquer paiz, a melhor sorte no porvir.

Se busco unicamente ser fiel á minha familia, exponho-me a não sel-o para a minha escola; se busco unicamente ser fiel á minha escola, exponho-me a deixar de sel-o para a minha Cidade, meu Estado, minha Nação; se busco unicamente ser fiel á minha Cidade, ao meu Estado, á minha Nação, exponho-me a deixar de o ser para a Humanidade. Antes de tudo, esforçar-me-ei por ser fiel á Humanidade: então serei seguramente fiel á minha Nação, ao meu Estado, á minha Cidade, á minha escola, á minha familia.

Aquelle que obedece á lei da fidelidade, obetece ás outras nove leis que constituem o bom brasileiro.

SE ALGUM DIA, ESTANDO A PONTO DE FAZER QUALQUER COUSA, TEMAS ENRUBECER DE VERGONHA SE O FACTO VIER A SER DESCOBERTO, MENINO! A MELHOR SOLUÇÃO SERA' DE ABSTER-TE, ISTO E', A DE NÃO REALISAR.

M. WILLIAN J. HACTCHINS.

(Adaptação do nosso distincto collaborador sr. José Chevalier).

## JARDIM FECHADO

(Nesta secção publicaremos pequenas communicações de nossas leitoras, bem como produções literarias que não excedam de 60 linhas em prosa e 14 em verso.)

E' nosso intuito desenvolver assim o gosto litterario entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondencia util e interessante. As produções litterarias deverão ser ausgadas, sem o que não serão publicadas.)

## CONSIDERANDO...

A vida é um rosario de illusões, com uma cruz pendente de esperanças

(Pinto da Rocha)

Feneceem as illusões, renovam-se as esperanças; castello que se esvae, novo sol que se ergue; chimera que desaparece, novo sonho que surge... E é essa a nossa vida. Cheia de tristezas que ficam; repleta de alegrias que se vão... Os momentos de gozo passam cêleres.

Mas a vida não é só de sofrimentos, dizem os felizes; deve ser encrada de uma outra maneira: quando vem as alegrias, devem ser aproveitadas; quando apparecem os aborrecimentos, devem ser esquecidos.

Mas... são tão grandes as tristezas, que seria triste o tempo consumido em remedial-as!

E'os momentos de prazer são tão curtos...

"Sondaes o coração... no paroxismo

ou no transporte entrai, mergulhador!

E a tona ou bem no fundo d'esse abysmo,

encontrareis a dôr..."

Desfiamos rapidas as contas das illusões, e guardemos junto ao peito, tão somente, a Cruz das esperanças

E quasi sempre culmina essa Cruz, um nome; adorna esse symbolo, uma imagem por nós querida.

E o pharol que nos guia atravez do mar incerto e procelloso da existencia. Seu halito, é o soprao que dá energia e vigor quando nos sentimos cheios de desanimo e prestes a succumbir. Seu coração, é o manancial inextinguível de coragem que nos alenta; a fonte perenne de forças quando pretendemos fraquear; é o ponto seguro onde repousar o nosso ser, já saturado de illusões e ainda cheio de esperanças...

(Sul de Minas)

## ROMANCE INACABADO

Foi n'um domingo de Março, na capital do Paraná, que elles se viram pela primeira vez. Nesse domingo em que o calor embriagando os sentidos fazia asphar, viram-se e amaram-se. O amor e companheiro inseparavel da juventude.

Elle, elegante, distincto, com vinte e cinco annos, um typo de perito cavalheiro, andava em excursão pelo Brasil, viagem de premio conferido por seu paiz, riquissimo estancieiro do sul, como recompensa aos brilhantes estudos de medicina que terminára, havia pouco, em Berlim. Alto, moreno, corado, com um sympathico sorriso frequentemente nos labios a deixar entrever sus lindos dentes e a esplendida reverberação do seu esmalte.

Ella, dezoto annos, esbelta, loira, pallida; dona de uns olhos verdes, sonhadores, em cuja côr se reflectia toda a esperanza de sua alma n'aquelle amor o primeiro da sua vida e que lhe roubára a alegria do seu coração e a travessura do seu olhar.

Iguez, era este o seu nome, vivia no seio da opulencia e pertencia a uma das familias mais distinctas e antigas do logar; herdára de seus paes uma nobreza de caracter inexcêdível; era educada, mas de uma educação mais innata que cultivada; tinha grande intelligencia e superior instrução. Julgava, no seu modo de entender que a grande amor só se poderia render um culto secreto. Assim sendo, não externou a sua felicidade e não a compartilha com nenhuma das suas amiguinhas. D'esse modo queria n'um gesto de egoismo muito louvavel, guardar só para si a lembrança do objecto do seu amor.

Henrique, era o nome d'elle, não pensava do mesmo modo e confiou o seu amor a um intimo amigo que o acompanhava.

Assim viviam ambos; ella embalsada no seu doce secho pelo segredo do seu grande amor; elle mergulhado na felicidade que lhe proporcionava a mocidade, o amor e o seu sincero confidente a quem communicava toda a vibração alegre da sua alma venturosa.

Mas a vida não foi só feita para chimera. Um dia ella chama á realidade as pessoas que só vivem de illusões; por isso Henrique que sonhava n'um mundo de phantasias, acordou d'esse divinal lethargo com uma carta de seu paiz que lhe dizia estar

quasi terminado o prazo da sua viagem recreativa, e que o esperava como unico filho que era e portador do seu nome, para que fosse crear uma posição digna e compativel com os estudos que fizera.

"Aqui te espera tambem", dizia o bom velho entre outras cousas mais, "a grande saudade de tua mãe, que não tem o prazer ha seis annos de ter-te ao seu lado durante um mez. As semanas que passate comosco não lograram satisfazel-a."

Apesar da grande amizade que Henrique devotava a sua pae, sentia-se fraco para deixar a cidade onde dera o seu coração. Havia seis annos partira elle para a Europa e a sua alma, portadora de todos os bons sentimentos, não conhecia outro amor sendo o filial. Seis annos passara-os na loira Germania e em pregar todo o seu tempo em estudos, na falta de angustiar conhecimentos uteis. Eis porque, aos vinte e cinco annos, em viagem por um Estado brasileiro, sente-se ferido pelas settas de Cupido e sem forças para regressar ao seu paiz natal.

Forçoso é voltar; seu paiz espera-o para o trabalho, sua mãe para o cumular de caricias.

Que fazer? Avisar Iguez da necessidade da sua volta? Mas como? Como falar-lhe?

Supportará ella a sua ausencia, ella que o ama tanto? Supportará elle a saudade, saudade immensa que já começa a sentir só com a idéa da separação?

Não, não lhe direi nada, pensou; partirei sem lhe falar e de longe escrever-lhe-ei dando-lhe adeus. Será mesmo penoso.

Pensou e partiu... mas o seu pensamento ficou preso á sua pallida e loira Iguez. Coritiba era um imao que o atrahia. A voz da sua razão mostrava-lhe o acto da sua cobardia ante os sentimentos affectivos da bella menina.

Henrique reflectiu, meditou e voltou enfim para fazer a despedida que não fizera, e que lhe despedaçaria o coração e tambem o coração sensivel da sua esbelta enamorada.

A despedida foi triste. Uma scena pathetica indescriptivel. Na manhã da partida ainda se viram... e houve promessas... e houve juras...

Depois... só a saudade foi companheira dos dois jovens; saudade profunda e dorida... saudade de amor!

— E elle?  
— Partiu e prometteu voltar.

— E ella?  
— Espera-o sempre, com todo o ardor da sua alma juvenil. Entretanto perdeu a alegria do seu coração e a travessura do seu olhar; mas vive de esperanza. A esperanza é o sol da vida. Vive embalada de illusões e de chimera. Sonha que n'um recantozinho florido ao sul do Brasil, ha um outro ser que tem o seu mesmo ideal, um outro coração que palpita pelo seu e uma outra alma que vibra com a sua e que é a alma irmã de sua alma!

Alcina Macêdo Kocha.

## SCENA INTIMA

Um quadro simples, suggestivo e lindo. Da luz do gaz aos reverberos de ouro. Uma formosa e doce mãe, sorrindo. Mina nos braços um bambino louro...

Lê-se no seu olhar do gozo infindo

Caricias d'um affecto immoreduro;

Olhar que nos parece repetindo:

"E' meu filho, meu sangue, meu thezouro!"

Abfindo mansamente o repostoiro, Entra no quarto um bello cavalleiro, De semblante gentil e fronte ouzada;

E cheio de um prazer quaze divino,

Beija na face o filho pequenino

Beija na bocca a espoza idolatrada.

Armindó

Palmyra Santos.

## SILHUETAS

(Danilo)

VIII

Graciosa e intelligente, mlle. tem nos traços irregulares do rosto moreno um encanto suave, feito de bondade e sym.athia. Mlle. tem a tez moreno-pallida,

cabelos castanhos, testá grande, olhos escuros e vivos, nariz pequeno e grosso (o desespero de mil!) e a graça de um sorriso garoto que lhe abre covinhas nas faces.

Economica e trabalhadeira, mlle. saberá dirigir perfeitamente o seu menage, mesmo porque ella não comprehende que se faça sozinha a peregrinação da vida e espera encontrar um rapaz alegre e bom, que lhe dê o braço em tão aspera jornada.

Mlle. não sai si devo diz-lo, tem um defeito (um só) que eu reputo grave: é uma pessima estudante. Detesta a historia, aborrece a geographia, odia a grammatica... Os livros são da antipathia de mlle, excepção feita para os romances.

Toca bandolim, mas muito inconstante, deixa-o dormir silencioso, das e dias.

Muito modesta, mlle. faz a si mesma a maior das injustiças e é simplesmente encantadora, quando diz que é feia, muito feia, sublinhando a phrase mentirosa com um gesto de desanimo e leve tristeza nos olhos vivos.

1917.

Marilda Palinia.

## IX

Mlle. falava-me da saudade com voz branda e meiga e seus olhos azues se encheram de lagrimas ao dizer estes versos:

a saudade seja de quem fôr  
é sempre o amargo doce que crucia

Depois, sacudiu a cabecinha loira como para effastar uma idéa importuna e sorrindo lembrou o delicioso esquecimento que adormece o passado...

1915.

Marilda Palinia.

## X

Só um pintor com a magia de um pincel de artista saberia esboçar a gracil silhueta de Mlle. e só um poeta saberia dizer da espiritalidade angelical do seu perfil.

Tentarie em vão:

Olhos azues, grandes olhos interrogativos de creança, cheios de sciomas, sublinhados de vagas olheiras e a bocca vermelha e delicada, sorrindo sempre. Corpo esguio, franzino, mimoso.

Cabellos castanho-claros, — moldura de oiro do rosto delicado, e a luz mysteriosa dos vinte annos — belleza e sonho — saúde e graça — fulgindo-lhe no olhar, no sorriso, na voz...

Um coração de creança, dizem todos. Um coração de mulher, digo eu. Coração de anjo que sofre á recordação de um passado — amor chimérea. E para esse alguém, mlle. escreve paginas sentimentaes, que ninguém lê, e que são a historia de uma illusão e de uma saudade.

E para não ser terrivel indiscreta, vou terminar este perfil, dizendo que mlle. toca piano e adora... o tango.

## XI

Mlle. julga-se uma belleza... e é mesmo!

Seu rosto de um moreno lindo tem os traços perfeitos do typo grego e seus olhos negros sabem fitar com orgulho.

A mais insignificante palavra dita por mlle. tem um recondito encanto e seu mais distraído gesto, harmonia e graça.

... e mlle. encanta, vence, domina escravisava...

Sabe a arte encantadora de dizer pouco e sorrir muito e sabe chamar a attenção de todos, mas... (que pena, haja sempre um más, quebrando a perfeição das deusas humanas!), mas, mlle. seria mil vezes mais bella, si fosse um pouquinho mais modesta, porque afinal, cansa e aborrece, enfastia e entristece, vê-la descerrar

os labios carminados só para falar de si, gabando-se tão orgulhosamente dos dotes que Deus lhe deu e... e o diabo augmentou!

Marilda Palinia.

## NAIR VEIGA

A collaboração que mais me interessa, nesta secção, é a "enquete" para saber qual o melhor soneto brasileiro, segundo o gosto particular de cada uma das collaboradoras. Para mim, o mais bello soneto é "Coração calmo", do poeta paulista Julio Cesar da Silva. Eil-o:

## Coração calmo

Disse-me ella que lera, (não sabia  
Onde nem quando) que, por mais cuidado  
Que se tenha em trazer o amor guardado,  
Batendo, o coração logo o annuncia.

Disse, e logo auscultando o esquerdo lado  
Do meu peito, notou, naquella dia,  
Que, regular, o coração batia,  
Nem mais forte, nem menos apressado.

A tudo alheio, indifferente ás penas,  
Na arca funda do peito, onde o domno,  
Suas paucadas lentas e serenas,

Sem precipitação nem desatino,  
Calmo batia o coração, apenas  
Por dever de bater, que é seu destino.

Que tal? Acho que pôde figurar na sua escolhida collecção.

Uruguayana

Zizi Valfrido



Oh amigo!

Que é isto?



**C**ONHECEMOS o que é que afflige a este amigo. Elle sofre de uma debilidade nos rins, que o impede de trabalhar com tranquillidade e prohibi-lhe de gozar a vida. Na mesma forma encontram-se soffrendo infirmitades de pessoas por não terem encontrado um medicamento que ajude o funcionamento regular dos rins. Os alimentos irritantes, o trabalho continuo numa mesma posição, a absorção de chetro de pinturas etc., debilitam os rins, e estes como consequencias não podem filtrar perfeitamente o sangue, deixando-o cheio de venenos uricos e trazendo como resultado dores terribes que geralmente se conhecem com o nome de "rheumaticas".

As **Pilulas de Foster para os Rins**, constituem um remédio que ha muito tempo passou do periodo experimental. Por mais de meio seculo as têm usado efficazmente milhares de pessoas atacadas por enfermidades dos rins, e dores nas costas, e si o senhor soffre de dores nas costas não espere, porque essa pôde trazer-lhe fataes consequencias. Sem perder tempo entre na primeira pharmacia e compre um vidro de **Pilulas de Foster para os Rins**.

Vende-se em todas as pharmacias. Solicite nosso folheto sobre as enfermidades renaes, que lho enviaremos absolutamente gratis.

FOSTER-McCLELLAN Co.

CAIXA POSTAL 1062

RIO DE JANEIRO



Correspondencia  
da  
Revista Feminina

D. Libânia de Mello Padua — (Cassia) — Não se importe com o pouco que obtém. A's vezes o meio é árduo e torna a victoria difficil. Somos-lhe muito gratas.

D. Raymunda Chevalier. — Sua carta nos lisonjea muito, sobretudo porque vem de uma senhora tão intellectual. Um dos nossos companheiros de trabalho recebeu, acompanhada de uma emavel dedicatória, a versão de Hachichins feita pelo distincto homem de letras sr. José Chevalier. Esse trabalho foi publicado num dos nossos ultimos numeros.

D. Ernestina M. Branco — (Nova Lorrain) — Sabemos que o meio social em que a boa amiga vai agir é bastante acanhado e não oferece grandes probabilidades de exito. Sem embargo, não desanimem. A nossa luta é mais complexa e mais violenta que a sua, mas não desanimamos. Seja bem vinda a gentili companheira.

D. Julião Negreiro — (Bariry) Sua carta vale por um apostolado em favor da boa causa pelo qual combatemos.

D. Lola de Oliveira — (Jahoticabal) — Muito gratas pelas referencias elogiosas.

D. Celisa Rocha — (Rio Preto) — Recebemos a sua adhesão de liricos abortos.

D. Jurema de Almeida — (Baependy) — Sabemos de ante-mão que todas as suas generosas promessas serão fielmente cumpridas. A sua intelligencia e distincção pessoal são elementos seguros de victoria.

D. Bertha Kühne — (S. Luiz do Rio Pardo) — Não se descoraçoe. Seremos victoriosas.

D. Maria Antonietta Camargo Fonseca — (Parahybuna) — Aguardamos esperancosas a sua acção e auguramos que seja sempre victoriosa. Sempre amigas.

D. Sebastiana Morato Leite — (Boreby) — É patricias como a senhora, dedicadas á boa causa, e que nós proscriamos para apressar o advento do nosso triumpho.

D. Leopoldina Maria de Sá — (Bon Nome, Estado de Pernambuco) — Recebemos com alegria as suas promessas, e sabemos que as realizará.

D. Concepción Hernández de Roca — (Saragosa, Hespanha) — Recebemos a sua magnifica correspondencia, que já está traduzida para o portuguez e será publicada proximoamente. Esperamos que a sua preciosa collaboraçao seja mais assídua.

D. Aracy Lima Dosselles — (Passo Fundo) — Sabíamos da sua adhesão e estamos contentissimas. Não imaginamos que já está traduzida e publicada.

D. Joannita Greto — (Entre Rios, Estado do Paraná) — O seu auxilio é indispensavel, e por pequeno que seja valerá como um estímulo.

D. Laura P. Rocha — (Nuporanga) — Esperamos que facta alguma coisa, por pouco que seja. Sempre amigas.

D. Leopoldina Silva — (S. Sebastião do Paraíso, Estado da Minas) — Muito gratas.

D. Sophia de Almeida Prado — (S. Joaquim) — Esta revista sente-se honrada com a sua preciosa coadjuvação.

D. Rosalina Costa — (P. Alto) — Estamos seguras de que fará muito pela revista.

D. Isaura da Costa e Silva — (Pilar) — Suas palavras encorajaram-nos. Muito gratas.

D. Irene M. Muniz — (Guape) — De uma patricia intelligente e estorcada como a senhora, é que estamos precisando. Bem vinda seja.

D. Maria Augusta Ferreira — (Bica de Pedra) — Basta que, entre as suas amigas, diga a que pensa desta revista. Isso já constitue propaganda.

D. Lydia de Moura Santos — (Ubatuba) — Sabemos que serão proveitosos os seus esforços em favor da nossa causa.

D. Aurora Chaves — (Campo Belo do Prata) — Sua carta é muito gentil. A' nobre patricia desejamos as boas vindas.

D. Juyra C. Pinheiro Ramos — (de Piranji) — Muito gratas á boa e preciosa amiguinha.

D. Jurema Cabral de Barros — (Porto Alegre) — A sua carta é tão lisonjeira e revela tanta sinceridade, que tomámos o alvitre de transcrever-a na integra na secção competente.

D. Dalvina Palhano — (Palmeira, Pernambuco) — Antecedemos os nossos agradecimentos, e pode contar com a nossa amizade.

D. Candida Sampayo Silva — (Nazaré, Pernambuco) — Seja bem vinda a preciosa companheira.

D. Marietta Caldas Guedes Nogueira (Macedo, Alagoas) — Contavamos com a sua adhesão, e estamos contentissimas.

D. A. das Mercês Curado — (Corumbá) — Recebeu um abraço affectuoso de todos nós gratos á estimamos com sinceridade e a admiramos com ardor.

D. Adelia Falcão — (Itambé) — Antecedemos os nossos agradecimentos e applaudimos o seu esforço.

Sr. Erico Curado — (Corumbá) — Foi um erro de revisio. Perdoe-nos o talentoso collaborador. Far-se-a a rectificaçao opportuna.

D. Luiz D'Alessandre (Passo-Quatro) — Sua cartinha tão gentil foi recebida com grande satisfacção. Temol-a, pois, no nosso lado.

Sra. Concepción Hernández de Roca — (San Sebastian, Hespanha) — Recebemos a sua collaboraçao, que já está traduzida e sahirá brevemente, illustradas com as vistas da linda praia de San Sebastian.

Sr. Tito Livio Ferreira — (Bica de Pedra) — É' com immenso prazer que recebemos o nobre amigo entre as nossas fileiras.

D. Esther de Oliveira — (Ouro Preto) — Confiamos na sua acção e antecedemos os nossos agradecimentos.

D. Pureza Chaves da Luz — (Victoria) — Aguardamos com ansiedade sua resoluçao.

D. Maria de Campos Vergal — (Serra Negra) — Não sabemos como significar-lhe os nossos agradecimentos. Sempre amigas.

D. Sylvia de Castro — (Oliveira, Minas) — Da nobre, da distincta e bondosa patricinha esperamos muito. Sabemos que muito fará pela nossa causa commum.

D. Honorina Bezerra Teixeira — (Icó, Rio Grande do Norte) — Fazemos votos para que tenham os melhores resultados os seus esforços, para gloria da causa.

D. Alice de Barros Pimentel — (Itacotiara, Estado do Amazonas) — Sua carta é tão gentil, que não podemos deixar de transcrever della, na secção competente, a guns topicos. Muito gratas pelas promessas.

D. Aurea Velloso — (Luiz Barreto) — Muito gratas pelas suas promessas. Estamos sempre promptos para servi-la.

D. Brizilina Rocha Moraes — (Olympia) — Saheemos que se desempenhará bem da sua missao. Agradecemos.

Sr. dr. Paulo Corrêa de Oliveira — (Barceiros) — Com o seu helho pessoal, com as boas relações que tem e com a solidão da sua intelligencia, muito poderá fazer pela revista. Antecedemos os nossos agradecimentos.

D. Arlinda M. de Souza — (Cachoeira, Estado da Bahia) — Sabemos que fará muito pela nobre causa feminista e consideramola-nos a companheira de luta.

D. Aracy V. Surreaux — (Cruzayana, Rio Grande do Sul) — Muito gentis as suas expressões e ellas revelam uma moça culta e intelligentissima. Confiamos na sua acção.

D. Alina Rocha — (Coritiba) — Recebemos o seu trabalho, que é muito interessante. Será publicado na primeira oportunidade.

D. Leonor Santos — (Bará) — Recebemos a sua gentilissima cartinha e as promessas, que, sabemos, serão cumpridas.

D. Aracy Villela Junqueira — (Santa Isabel) — Muito gratas pelas expressões com que nos distinguio. Aguardamos a sua acção como companheira que é das nossas lutas.

D. Maria Augusta Bezerra de Medeiros — (Acaré) — Sabemos que a amiguinha tão ao espirito alcançado e muito poderá fazer pela nossa causa.

Sr. Antonio Lisboa Britto — (Guipará) — Muito gratas pelas expressões de lavor com que nos distinguio. Amigos sempre.

D. Esther Pimentel Vianna — (Piripituba) — Sabemos que se desempenhará da sua incumbencia com o ardor que promete. Seremos victoriosas.

D. Nina Prado — (Itatinga) — Muito gratas pela sua sra. de. O seu auxilio nós trouxe muita alegria.

Exma. sra. d. Felício Costa Lima de Albuquerque — (Ipú, Ceará) — A' boa e distincta amiga agradeçamos os nossos agradecimentos pela cooperaçao preciosa que nos tem trazido e pelas promessas que nos faz.

D. Maria Ant. Ercelán Santos — (Parahybuna) — Sabíamos que aceitaria, porque sabemos que a amiga é uma convertida da causa feminista. Apertamos-lhe a mão com affecto.

D. Maria Rodrigues Machado — (Bocavava) — Antecedemos os nossos agradecimentos e sabemos que será victoriosa.

D. Antonia Avilino Franco — (Uberabim) — Suas expressões são muito gentis. Pode contar sempre commoço, assim como contamos com a senhora.

D. Maria S. Villela — (Corenetas, Estado de Minas) — Sentimo-nos satisfeitos por constar-nos do nosso lado, cooperando commoço.

D. Anna Finschi — (Tovassy) — Muito gratas pelo obsequio. Contamos com o seu auxilio, que será efficaz.

D. Maria Genidia Romano — (Tatubá) — Temos confiança em que realizará galhardamente as suas promessas. Pode contar commoço.

D. Maria L. de Toledo Raposo — (Villa Americana) — Pouco importa. Basta-nos a sua amizade.

D. Vera Carneiro Barbosa — (Rio Pardo da Leopoldina) — Seja bem vinda a boa amiga. Aguardamos a realisação das promessas.

D. Carolina Virmond de Queiroz — (Guarapuava) — Seremos breve victoriosas, e a coadjuvação de amigas como a senhora se torna preciosissima.

D. Carlota de Lima Brandão — (Aguas Virtuosas, Minas) — Aguardamos a sua acção, que sabemos, será efficaz.

D. Stella S. Costa — (São Paulo) — Disponha sempre de nós a boa e excellente amiga. Sabemos que o seu trabalho será proveitoso.



Vida Feminina Arce  
ciencia  
Lettas

O feminismo triunfante no Ministério da Agricultura

Naquelle secretaría de Estado as moças podem occupar quaisquer cargos. A propósito desse assumto, eis o que escreveu "A Noite":

"Destas vez sim, bem se pode dizer que o feminismo triumphou! Triumphou, e no Brasil! O triumpho é geral: nas lettras, nas artes, na sciencia e na administração, que em todos estes departamentos ha um nome de mulher em foco. Pelo que diz então com a administração publica a victoria é completa. Até hontem, salvas raras excepções, as mulheres só eram admittidas no exercicio de meninos, na venda de sellos e registos postaes e na dactylographia, um mister quasi pianissimo. Os outros cargos, porém, continuaram privilegio do sexo forte. Não havia, em geral, mulheres 3.º officias, nem officiaes-maiores, nem chefes de secção. Agora, tudo mudou, como no historia do Estudante Alaciano! O Ministerio da Agricultura abriu a porta á onda feminina. Elle que tinha mais de cem creaturas francas em seus secretarios, senão duzentas, resolveu que podia admittir qualquer delias nos outros postos. Apareceu então a primeira 3.º officia lettrina. A nomeação foi impugnada. O Sr. ministro apellou para as lazes do consultor juridico, que resolveu o caso, de accordo com os mestres e interpretes da Constituição. O consultor, Dr. Raul Pendo, escou o firmamento juridico do parecer, colheu um pouco de luz de todos os astros que ahí resplandecem e redigiu seu parecer á favor das mulheres, sem necessidade de citar Michélet.

Está de paralyse o Brasil. A Europa que mais uma vez se curve diante dele, que enquanto a liberal Inglaterra, terra de feminismo, discute o assumto em seu parlamento, estabelecendo restricções, antipathicas e querendo exigir estagios de tres annos de experiencia, a fim de ver se as mulheres dão ou não para a coisa, nós vamos abrimo o livro do ponto ás milmoas mãos femininas, depois de havermos aberto os livros da lei para esclarecer a materia. Foi isto ao menos o que fez o Dr. Raul Pendo no seguinte parecer apresentado ao Sr. ministro da Agricultura:

"Exmo. Sr. ministro. — Emitto parecer sobre a duvida suscitada pelo director da 1.ª Secção da Directoria Geral de Agricultura demandando de expedir a portaria de nomeação feita por V. Ex. da dactylographa do Serviço de Povoaemento, para internamente servir como 3.º official.

Decore a impugnação, segundo declara, da conceisa disposição do art. 49 do decreto 11.436 de 13 de janeiro de 1915 que estatue: "Os cargos de dactylography na Secretaría de Estado poderão ser exercidos por pessoas de um e outro sexo." Parece, portanto, duclara o impugnante, "que se para os cargos de dactylography podem concorrer pessoas de sexo feminino", adoptando na interpretação do art. 49 o argumento a "contrario sensu" baseado no principio de Gouffroy sobre a L. Comp. Prostor L. 12 principio do Dig. de judic. — "inclusio unius alterius est exclusio."

E' improcedente a impugnação e só agora trazida á baila, quando já neste Ministerio é doutrina pacifica e mansa o direito, que assiste ás mulheres, para concorrerem a cargos publicos. De ha muito, são nomeadas para cargos publicos pessoas do sexo feminino, e em 1919 creveu-se a concurso para

o lugar de secretario do Museu Nacional a Sr. D. Bertha Lutz tendo sido nomeada pelo Exmo. Sr. presidente da Republica para exercel-o. Não soffreu esta nomeação qualquer opposição causando assim estranheza que, só agora, motivada por V. Ex. E' de poucos dias o acto de V. Ex. nomeando, por proposta da Directoria de Contabilidade, uma dactylographa para internamente servir como 3.º official, ficando patente já ser, por mais de um facto, doutrina incontestada e fóra de toda duvida a legalidade das nomeações feitas por V. Ex. O facto do Exmo. Sr. presidente da Republica, abalizado juristicamente, ter nomeado para um cargo effectivo pessoa do sexo feminino, na vigencia do art. 49 do decreto 10.436, bastaria para dissipar qualquer duvida existente se não fosse já o facto de a mesma pessoa ter sido nomeada para os cargos publicos que occupam cargos publicos. Varias nomeações foram feitas pelo governo actual neste Ministerio e no do Interlor, no Departamento Nacional de Saude Publica, Ministerio da Viação, Prefeitura do Districto Federal, recolhido em pessoa do sexo feminino, e pelo governo transacto no Ministerio do Exterior.

Consultado quando foi aberto concurso para secretario do Museu Nacional, sobre o direito, que assiste ás mulheres, de serem investidas em cargos publicos, emittiu fundamentado parecer baseando-me no dispositivo claro e taxativo do art. 73 da Constituição Federal, a qual, no dizer dos mestres, "revoza todas as disposições das leis secundarias" o que respecta ao reconhecimento e garantias dos direitos induzidos" — e a nullo dos constitucionalistas e doutores de Direito Administrativo. Reproduzo o parecer daão então:

"O art. 73 da Constituição Federal dispõe: "Os cargos publicos, civis ou militares, são accessiveis a todos os brasileiros" observadas as condições de capacidade especial que a lei estatuir." Dahi deprehende-se que comprehende-se a expressão — "brasileiros" — homens e mulheres, não podendo estas ser legalmente privadas do direito indicativo de serem investidas nos cargos publicos. Brasileiros são homens e mulheres, com as qualidades e requisitos do art. 69 da Constituição. Assim o accesso aos cargos publicos pela Constituição só depende dos dois requisitos: ser brasileiro e ha prova de possuir a capacidade especial exigida em lei ou regulamento. O Codice Civil, art. 243 § unico e 271. "As condições gerais de investidura, dos cargos publicos, onina Ponzada, dependem da natureza do Estado e sendo site de índole social e abrangendo "por igual" a todos os seus membros e sua organização administrativa, obedecem aos principios que so resumem no seguinte: "todos os membros do Estado devem ser admittidos, como taes, no desempenho de suas funções sem outra limitação que não seja a resultante das condições exigidas pelas proprias funções. Consequentemente, "outros", o accesso aos cargos "depende exclusivamente" da capacidade pessoal, a qual

deve ser examinada sob os quatro pontos de vista: politico, juridico, physico e intelectual. "A capacidade geral politica se resolve na necessidade de ser membro do Estado"; a juridica não coincide com a civil bastando que tenha boa conducta notoria (capacidade moral); a physica refere-se ao minimo e maximo de estatura; a intellectual pôde ser geral ou scientifica." Em a nota pgs. 572: "O sexo masculino, dis Menezi, era outro nome a um complexo existia para as funcções publicas e tambem para o desempenho das profissões liberes; mas este principio não soffrido numerosas excepções. "Actualmente" (em 1918) profunde-se a opinião de não ser possivel recusar á mulher a idoneidade precisa para o exercicio de algumas profissões; verificando que o sexo não a impede de attingir a um grão elevado de vigor mental e de caracter; pouco a pouco ella tem conquistado o direito de exercer a sua actividade em vasto campo dos serviços publicos, "excluidos apenas aquellos" em que razões de moralidade ou necessidade de grande força physica, como as funcções militares, se oppõem ao seu exercicio." Na mesma occasião o emérito Jcto. Dr. Clovis Bevilacqua, em luminoso e juridico parecer, firmava a doutrina de serem os cargos publicos accessiveis ás mulheres, observadas as condições de capacidade estatuidas em lei. Carlos Maximiliano, "Comentarios á Constituição Brasileira" se expressa: "Em sua primeira parte o art. 73 reaffirma e consolida o principio da equaldade dos cidadãos perante a lei. "Qualquer pode aspirar" aos cargos publicos desde que satisfaga a dous requisitos apenas: "ser brasileiro" e dar prova de possuir a capacidade especial exigida em lei ou regulamento."

Nada mais seria necessário acrescentar a este parecer, que foi acceito e adoptado neste ministerio e adaptado pelo poder executivo, por que varios actos e nos diversos departamentos tem nomeado mulheres para occupar cargos publicos, tendo sido, até, uma delias nomeada para directora de Instrução Municipal, cargo de confiança. Pretende-se, agora, sem precedencia reviver um caso já decidida varias vezes, sem reclamação ou protesto, mormente quando por occasião da nomeação da secretaría do Museu, repartição deste ministerio, sujeita ao art. 49 do decreto n. 11.436, objecção alguma foi opposta ao decreto de nomeação, assignado pelo Exmo. Sr. presidente da Republica. O art. 49 do decreto n. 11.436 não ante de uma innovação nesta secretaría, pois antes delle existiram os cargos de dactylographos, sem que a elle fizesse referencia o decreto 8.892 de 1911 (regulamento da secretaría); não era cargo de quadro e apenas o decreto 11.436 tornou-os effectivos declarando poderem ser concidos por pessoas de um e outro sexo. Repetir, assim, o principio constitucional, sem o intento por parte de excluir dos outros cargos publicos as mulheres. Não ha em todo corpo do decreto 11.436 um só dispositivo que autorize a exclusão de modo a poder ser applicado a argumentar a favor de não se applicar em interpretação quando permitida e necessaria e empregado quando de uma disposição clara e precisa sobre uma especie conclue-se que a especie contraria está implicitamente excluida e refere-se por principios contrarios. Conforme a duvida na applicação das leis serão as razões contrarias a elle, e os metodos de interpretação. Doutrina Paula Baptista (Hermenetica juridica): "O me-

thodo mais frequente é o que se funda nos motivos e razão da lei (ratione legis), indispensavel para saber-se o verdadeiro espirito que a anima (ratione legis), e para se applicarem a elle nos casos em que se dá identidade de razão ou mais forte razão (ampliação) e abstenção de applicar a aos casos em que essa razão della carece de razão contraria (restrição). O espirito da lei resulta do ajuntamento de todas as disposições concernentes á mesma materia, devendo umas ser amplias e outras restringidas. "A razão "ubi lex non dicit" contrario não se colligir della evidentemente, "tinguit nec interpretis disingitro potest" nem sempre se applica a proposito. "Saber quando se não deve distinguir nos casos em que cabem distincções é este um dos pontos em que se manifesta o grande merecimento do juriconsulto", é a lição de um grande mestre de direito. Se o art. 49 do decreto 11.436 determina que as mulheres sejam funcionarias como dactylographas e se não prohibe, em qualquer de seus artigos, que occupem outros cargos, deve o interprete applicar os sabios principios da legislação romana: "ubi accedem causa ibi idem jus statuendum e Ea quae in radice et statu conveniunt in effectu", e mais que tudo a regra: "a quibus in paribus causis paria iura desiderat".

Quando as leis dispõem sobre direitos regulando o seu exercicio não se fazem precisas a repetição das disposições sobre outros casos desde que não disponha cousas contrarias; é um dos principios de hermenutica jurídica. Dando-se a este artigo a disposição desde que haja "identidade" de razão ou mais forte razão. "A interpretação por analogia dá-se quando a lei não dispõe sobre casos não previstos por ella e nos quaes se dá os mesmos motivos fundamentaes e geraes que no caso previsto". (2) Baptista Hermenutica Juridica, pag. 43. É um dos meios de supprir lacunas de lei a respeito de certos factos sujeitos ao dominio do direito em sua universalidade. A interpretação analogica é a consequencia tirada não designando o que o legislador quiz determinar; mas o que ao certo determinaria se providenciasse sobre o caso que escapara ás suas previsões; é a traducção de uma vontade que se presume com alto grau de certeza e funda-se nos principios de equidade e cabivel no direito commum.

O decreto 11.436, de 1915, declarando apenas que os cargos de dactylographas podem ser exercidos por pessoas de um ou outro sexo e omitindo tal declaração quanto aos outros cargos, permittiu implicitamente que as mulheres exercessem qualquer outros; a omissão quanto aos demais cargos, não importa na sua exclusão como se pretende. A declaração do art. 49 era desnecessaria, como dissemos, pois que era já um direito que assistia ás mulheres, garantido pelo art. 73 da Constituição, e os mesmos motivos fundamentaes e geraes que existiam para serem providos nos cargos de dactylographas assistia-lhes para serem providos nos demais não sendo necessaria a repetição desde que não disponha o decreto coisa contraria. Onde dá-se a mesma razão dá-se a mesma disposição (L. 32 and Jexem Aquil) ou a lei deve reger em todos os casos semelhantes se o contrario não se colligir della evidentemente.

Podéramos ainda fazer o estudo comparativo do art. 73 da Constituição Federal com o art. 79, n. XIV da Constituição do Imperio, mostrando que este empresa a expressão — "todo o cidadão" — ao passo que aquella emprega — "todos os brasileiros" — estabelecendo a differença entre nacionalidade e cidadania, o exercicio dos direitos políticos dos direitos individuais, de modo a determinar que, perante os principios geraes de direito, são as mulheres capazes de usar e ocupar de outros. Para o caso, porém, torna-se descabida tal investigação, fundamentada como se acha a opinião que adoptamos. Se a Constituição no capitulo da — "Declaração de direitos" — usa no art. 73 da expressão — "todos os brasileiros" — quiz empregando o adjectivo collectivo "todos" — "todos" — comprehendendo homens e mulheres, não havendo attribuido limitativo que autorize a exclusão do elemento feminino que possua o característico da nacionalidade. Além disto, nas leis é sempre empregado o genero masculino comprehendendo o feminino, o qual excluiu este do campo que motivos de ordem juridica ou legal expressamente impeça de estar naquelles comprehendidos. E, finalmente, o art. 73 da Constituição que não veda e antes clara e terminantemente dá ás mulheres o direito á investitura dos cargos publicos, outra qualquer disposição que o contrarie será

como não escripta e inexistente, por inconstitucional.

É de poucos dias a decisão do Tribunal de Contas sobre o direito que assiste as mulheres da investitura nos cargos publicos e na qual o ministro Valladao provou, com irrefragaveis argumentos, este inductivo direito não podendo impedir a exigencia da carteira de reservista estatuida em lei e não applicavel a ellas. Varias mulheres apresentaram-se a concurso no Departamento da Saude Publica e foram nomeadas.

Assim, na nossa legislação, hoje, é doutrina pacifica o direito de exercerem as mulheres cargos publicos e se o podem exercer effectivamente logica e legalmente podem exercelos interinamente. São, pois, de parecer que devem ser expedidas as portarias de nomeação referendadas por V. Ex., nomeando, interinamente, para o cargo de 3.º official a dactylographa do Serviço de Fomento, julgada improcedente a daviila levantada. S. M. J. — O consultor juridico, Raul Penlho.

O Sr. ministro da Agricultura, concordando com o parecer acima, mandou, por acto de portaria de nomeação de Dona Mercedes Rocha Leão para o cargo de 3.º official do Serviço do Fomento".

**Pela emancipação politica da mulher**

Tem muita oportunidade, e, sobretudo, verdade esse excellento artigo do sr. Luiz Antonio, subordinado á epigraphie supra:

Não vemos razão para que se deva negar, ás mulheres, o direito politico de votar e serem votadas nas eleições para a investitura dos cargos publicos e tomar parte nas sessões do Jury, posto que já lhes é permittido, entre nós, o exercicio das profissões liberais e o de determinadas funcções publicas.

Aquillo que no tempo de Hellogabalo, 222 annos depois de Jesus Christo, constituiu uma louca extravagancia, isto é, a admissoão das mulheres no Senado, hoje, quizi deoito seculos depois, se nos apresenta como uma das mais justas reivindicacões sociaes. E que as leis romanas, as liberas, jamais supportariam que se concedesse ás mulheres o direito politico activo, restando-lhes apenas direito passivo de liberdade relativa e protecção para as suas pessoas e

bens. E tão arraigados eram esses principios nascidos dos costumes dos mais antigos povos, que, atravessando todas as phases da Historia, as invações dos Barbaros e a influencia do Christianismo, o direito germanico, as instituições feudaes, a Reforma, até a época das descobertas scientificas e o raiz das modernas organizações politicas liberas, muitos delles conservaram nas legislações contemporaneas traços tão relevantes que somente as civilizações modernas conseguiram de todo apagar. Ao dominio do patrio poder, succedia a subordinacão á "mansus", ao poder do marido e senhor. Incapaz pela lei, a posicão da mulher romana era a do menor e do protegido.

Não foi sem grande repugnancia que as civilizações posteriores olharem os movimentos de algumas religiões e as theorias de alguns philosophos, que como Platão, pleitavam para as mulheres uma parte nos trabalhos, nos deveres e nos privilegios dos homens. As instituições dos Francos Salicos, segundo as quaes "da terra salica nenhuma porção aditria ás mulheres", foram muitas vezes trazidas como argumentos poderosos pelos que na Média Edade pretendiam excluir a successão á coroa. Entretanto, a grande repugnancia ás lidas de emancipação politica da mulher e os fundamentos da lei salica não obstaram que innumeras soberanas governassem com brilho e gloria. Branca de Castela na França, Isabel na Inglaterra, Maria Theresia na Austria, Catharina na Russia e recentemente a rainha Victoria se notabilizaram em seus governos, e poucos homens igualaram em tenacidade e força de animo á descecaçada Margarida de Anjou, esposa do pusillanime Henrique VI. mulher emprendedora e corajosa que no opinioão dos historiadores ingleses "possua todos os talentos de governo e todas as virtudes guerreiras". Joanna Montford, a quem Froisart attribue "uma coraçem de homem e um coraçem de leão" fez a guerra ao Breantão e Joanna D'Arc salvou a França do dominio estrangeiro fazendo renascer o "patriotismo". Esses exemplos servem tambem para mostrar que não faltam ás mulheres virtudes guerreiras, tino administrativo, os interesse politico para que sejam julgados incapazes de exercer os direitos politicos activos.

Os maiores acontecimentos da Historia moderna vem corroborar na prova dessa capacidade e muitas das legislações contemporaneas já toleram a admissoão das mulheres ás funcções publicas que somente aos homens eram até hoje permittidas. A revolução abolicionista da escravidoão nos Estados Unidos veio revelar ao mundo o grande devotamento ao bem publico de que são capazes até as mulheres. Estabeleceram ali os seus direitos politicos, participando dos perigos do combate e das glorias da victoria, pois que, escreve Bryce, foram ellas os operarios mais zelosos e uteis do movimento anti-escravagista, mostrando tanta coragem em face dos reveses e perigos quanto Garrison ou Lovejoy. E sabido, que foi Henriette Beecher-Stoew com o seu romance "A Cabana do Tio Tom", que iniciou a campanha abolicionista nos E. Unidos. Desde entio, todas as revoluções sociaes não prescindiram do concurso das mulheres. Aos movimentos philanthropicos, ás campanhas prohibicionistas (contra o uso das bebidas alcoolicas), ás revoluções politicas, ás convulsões operarias e mesmo aos embates das nações em armas, ellas affluiram corajosamente para participar da luta e decidir muitas vezes da victoria.

A unanimidade das legislações lhes conferiu o direito de commerciar e gerir os proprios bens, e, quantas vezes, observa Lovejoy, a viuva pela sua prudencia e sagacidade, não reabilita o nome do marido defuncto salvando a fortuna compromettida?

A maioria das leis administrativas, das leis industriaes e operarias lhes permittiu o accesso aos cargos nas repartições publicas, ás profissões liberas e ao trabalho nas fabricas. As leis eleitoraes de diversos Estados lhes concederam o direito de suffragio nas eleições escolares, nas municipaes e mesmo nas legislativas provincias.

Hoje, que o vendaval da Grande Guerra varreu das instituições politicas os preconceitos sociaes, as mulheres, substituindo suas occupações diarias os operarios mobilizados pelos exercitos e com elles competindo nos arsenaes e nos proprio campo de luta, vieram provar que a diversidade do sexo não é mais do que "accidente", como chamava S. Mill, e que esse "accidente" não basta para que a Lei as considere incapaz de ter uma opinioão e exprimir uma



Do especialista Francez dr. ED. PICARO, de Pepsina, Pancreatina e Diastasa

Representa a ultima palavra da therapeutica moderna no que diz respeito a um tonico digestivo assimilante. Formula de fermentos digestivos empregada com surpreendentes resultados em todos os paizes europeus durante os ultimos oitenta annos.

**SEMPRE EFFICAZ**

Nas diferentes formas de dyspepsia nervosa, atonica ou flautenta e nas gastrites antigas ou recentes. Produz bem estar gastrico-estomacal rapidamente nas Indigestões eckez embaraços gastricos e elimina todos os symptoms de deficiencia digestiva, de estomago, lingua suja, nausea, ardor na garganta e bocca, gosto desagradavel na bocca, magreza, Irritações da pelle, pração de ventre, enjoo e restrição das saõs e pé. A venda nas drogarias. Unico depositario no Brasil:

LOUIS S. CURT. — CAISA POSTAL, 1875. — RIO DE JANEIRO

preferencia sobre os assumptos de interesse politico, vedando-lhes a participacao no governo e nos destinos da coisa publica.

Não existe hoje em dia paz civilizada que lhes não tenha concedido ou não esteja inclinado a conceder-lhes o gozo e exercicio dos direitos politicos, desde que o unico argumento serio que a isto se oppunha — a tradição do direito romano, trazia quasi inalterada através de toda a Historia. Este argumento, a propria Historia acabou por destruir e não é sem grande confiança nos dias felizes que o destino reserva á Humanidade que vemos a Inglaterra, a depositaria das mais bellas liberdades liberas, admitir na Camara dos communs como deputado por Plymouth — Lady Nancy Astor, na vaga aberta pelo Visconde Astor a quem o titulo nobiliarchico elevou á Camara de Lords.

As outras objecções á capacidade politica das mulheres não repouam sobre principio algum bastante seguro para fazer hesitar o espirito de uma pessoa culta.

A objecção de que não podem prescindir do estado de procreação por serem physicamente mais fracas, está responsavel por si mesma porque, bastamente por desmerecer mais da lei e da sociedade para a sua protecção, mais precisamos ellas de influir directamente na votacao e applicação da lei na sociedade.

A razão de que votariam ao sabor do poder accedente dos paes ou maridos, encontra resposta sufficiente nas seguintes palavras de Catio, o Censor, palavras de opiniao de Plutarcho foram tiradas dos Apophthegmas de Themistocles — todos os homens, desde ella, governam as mulheres, — nós, governamos todos os homens — e nossas mulheres nos governam. Note-se que a esposa de Catio nenhuma influencia tinha sobre o seu marido e era tido pouco dada á ternuras que somente o abraçava nos momentos de temperança, atemorizada pelos relampagos, o que fazia com que o illustre, romano affirmasse pilheriando, somente ser feliz quando Jupiter trovejava.

Nem se diga que as paixões politicas, penetrando no lar, viriam abalar a harmonia da sociedade conjugal, ameaçando a paz e o sossego da familia. As observações imparciais do escriptor inglez Horace luntet no territorio norte-americano de Yonning (1890), onde as mulheres sufragam a exercer as funcões de jurados, vêm demonstrar que a igualdade politica dos sexos nenhuma influencia exerce na vida familiar e tampouco acarreta discórdias domesticas.

Tambem, a allegação de que, auferindo as vantagens do direito do voto ellas não por natureza impossibilitadas de prestar serviços militares, o que é um defeito de todo cõdido, não tem precedencia, porque, substituindo os soldados nos estaleiros, arsenaes e fabricas de munições e com elles comparatilhando as vicissitudes dos combates prestam com os trabalhos de Cruz Vermelha, tantos serviços á Patria como se combatentes fossem. A balança das compensações permanece equilibrada.

Depois, a emancipação politica da mulher, traz a grande vantagem socia de devial-o do ocio, dos caprichos e das "frivolidades" da vida domestica para o terreno das preoccupações dos interesses geraes; ella deixará de agir como uma força dissolvente sobre a consciencia politica do homem, para adquirir um sentimento proprio de responsabilidade pessoal. E se a repugnancia que inspiraria ver-se mergulhar a mulher na "politica" tal qual é actualmente praticada, poderia ser invocada contra a admissão do suffragio feminino, então, mais do que nunca faz-se preciso o conceito das mulheres, e o melhor comprehensão da politica, já que sozinhos não conseguimos bem pratical-a.

Nos tribunales populares, o seu concurso é mais necessario ainda pois, se o Jury o tribunal eminentemente democratico que constitui directamente a consciencia popular, não ha como excluir as da parte que occupam na sociedade. Demais, nenhum juiz é tanto melhor do que as mulheres para julgar dos crimes das outras mulheres e das acções delictuosas dos proprios homens. E se a unica objecção que neste ponto nos aponta a experiencia é o facto de serem ellas inflexiveis e demasiado severas nas suas decisões, tal qual se verificou no territorio de Washington quando fizeram parte do jury que perseguio os infractores da prohibição do jogo e da venda de bebidas alcoholicas, então, esse argumento converte-se em razão poderosa para justificar a intervenção das mulheres no Jury como um elemento redutor dessa instituicao um agente capaz



**ROBUSTEZ NA VELHICE**

Gozar a vida nas ultimas decadas não só é logico, mas possivel.

Provae-o tomando

**EMULSÃO DE SCOTT**



de salval-o do relaxamento que o tem desadmitido no conceito da opiniao publica.

Vemos assim que em todos os ramos da actividade politica o esforço e a cooperacao da mulher é uma necessidade.

As forças que actualmente agem a favor de sua completa emancipação politica, longe de obedecerem á uma orientação theoretica heilada nos principios abstractos de justiça democratica, têm o caracter positivo de uma iniciativa pratica movida pelo aguilhão das necessidades organicas e culturais da sociedade moderna.

**AS MULHERES NA POLITICA**

Opinio ponderada — Os deveres domesticos

Na revista "Inter-Americana", orgão de intercambio internacional entre os povos do Novo Mundo, editada em Nova York, publicos a Sra. Corinna Roosevelt Robinson, irman do fallecido Theodoro Roosevelt, autora de varios volumes de poesias e de numerosos escriptos sobre assumptos literarios, civicos e philanthropicos, interessante estudo com o mesmo titulo que o do presente artigo.

Indagou a Sra. Corinna Roosevelt Robinson qual a forma mais util da influencia feminina na vida publica, agora que as mulheres dispõem de voto, donde lhes emanam, ao mesmo tempo, direitos e deveres politicos.

A fim de que a influencia feminina seja positivamente benéfica e effizaz, recommenda a autora a suas compatriotas que procedam com prudencia e cautela nas decisões e actos referentes aos negocios publicos, enquanto não adquirem o preparo e a pratica indispensaveis para tratal-os e manejar-os com idoneidade.

Assignalou algum dos perigos e erros accretados pela inexperiencia feminina em politica, convencida, porém, de que o idealismo e a sinceridade das mulheres podem fazer grandes cousas para bem da patria e da humanidade.

E' essa, segundo a redacção de "Inter-America", a synthese do trabalho em questião.

Ha nelle, entretanto, conceitos e apreciações que convem divulgar.

Si é certo, — diz a Sra. Corinna Roosevelt Robinson, — o adagio antigo de que a vassoura nova varre com limpeza, não o é menos a proposição inversa, a saber: a vassoura limpa varre como si fosse nova.

Ao pensar nas mulheres dentro da politica, preferivel é consideral-a ao ponto de vista de vassoura limpa e não ao ponto de vista da vassoura nova, conquanto neste momento bem se poderia tambem consideral-a como novas.

Tudo quanto é completamente novo é, por força, potencial em parte e a importancia de sua potencialidade varia conforme possa ser util ou não.

A unica forma de poderem as mulheres tornar-se de positiva utilidade em politica é mostrarem-se sinceras e francas ante os acontecimentos e um partido de mulheres não deve existir sem a participação de mulheres mas cabe a estas trabalhar ao lado dos homens, aproveitando os conhecimentos masculinos e offerecendo-lhes a vantagem de pontos de vista isentas de transações de principios.

Ha transações legítimas e necessarias na vida, mas cumprir eider a ellas como absoluta pureza de intenções.

Se devem as mulheres votar em candidatos que lhes inspirem plena confiança e trabalhar por elles com a perseverancia, energia, a inequevabilidade dos desejos femininos.

As mulheres desajam as cousas com a mesma força do que os homens; são mais velhementes e concentradas, o que pode ser proficuo ao futuro da nação.

O que é necessario é mais instrucção nos methodos politicos.

Na hora actual, as mulheres parecem-se ceder aos principios de uma gran universidade: são intelligentes e apana-se a ancia horrada de adiamento; mas, ignorantes, bisnhas, inexperientes, precisam aprender com a antiga classe, sem tentativas, nem demasiadas pretensões.

Nada, por ora, de occupar cargos de alta direcção e responsabilidade, para os quaes ainda lhes falta aprendizagem e pratica.

Nas escolas e bibliothecas, poderão ellas, desde já, prestar inestimaveis servicos, bem como contribuir com a sua influencia politica para a diffusão da instrucção e da educação popular.

O espirito feminino, — continúa a Sra. Corinna Roosevelt Robinson, — é propenso a confundir a independencia com a rectidão.

A rectidão, que significa somente proceder bem, pode pratical-a tanto o que trabalha filiado a uma associação como o espectador independente, mas, do primeiro modo pode-se realizar em um dia, do segundo, não.

O que importa, antes de tudo, é conseguir bons resultados e o espectador raroamente faz alguma coisa de bom, o que permanece apartado e constrangido tudo.

As mulheres podem ser uteis em politica só até com o exemplo mudo no concenrente a um cumprimento.

Pouquissimos homens tomam parte activa na politica de sua patria e si as mulheres assumirem essa parte diligente, basta-lhes a exemplo silencio para produzir beneficas consequencias praticas.

Não é o voto em si mesmo o elemento preponderante nos novos privilegios e responsabilidades da mulher, ainda bem mais a associação da mulher no tocante ao voto e destino solemne de que esse voto pactue em anjo da justiça.

Em resumo, aconselha a Sra. Corinna Roosevelt Robinson ás mulheres americanas, em particular, e a todo o seu sexo, em geral, que procedam como ella propria espera proceder, isto é, que concorram á escola, não já escola que out'ora frequentaram, mas sim á dura escola da vida publica.

Isto, — releva accentuar, — sem o menor intuito de prejudicar os deveres domesticos.

Si as mulheres se desintegram dos deveres domesticos, enfraquecerão, em vez de augmentar a sua influencia.

Assim como estudaram as outras artes, estudem agora a diffil arte de se prepararem para ser cidadãs uteis.

Tratem de eliminar ahi o sentimentalismo, porém, de mostrar algum entusiasmo sincero e ao idealismo pratico, esforçando-se por ascender ao nivel da classe mais adiantada da politica.

Acclhem os conhecimentos que o acesso a tal classe supple, sem sacrificar o amor pela justiça, ou a determinação de converter a vida politica e publica numa carreira onde nada destrua ou que não entusiasme dos homens, nem o das mulheres.

**Na America Central**

Segundo um telegramma de S. Salvador, a Assembla da Republicas Centro Americanas, reunida em Teguaiguala, approvou uma moção favoravel ao suffragio feminino.

## A DOR DE AMAR

(Continuação de numero anterior)

— Ia ella a exclamar: "Não o sou absolutamente!" Mas pensou logo em Margarida, a quem ardentemente desejava auxiliar...

— Mas, é que... eu sou exigente... replicou ella, com um sorriso, que pedía desculpa. — Desejaria tanto possuir algum dinheiro ganho por mim!... E' tão desagradavel o ver-se sempre uma pessoa na contingencia de o pedir!...

O velho editor poz-se de novo a rir, todo amavel, paternalmente bom:

— Um pouco de paciencia, minha menina!... A mocidade deve resignar-se a soffrer a tutela. Tempo virá, talvez muito breve, em que deverá contar sómente com as suas proprias forças...

Ella não respondeu... A porta do salão abriu-se para dar passagem á senhora Danestal, que regressava da praia. A mãe estacou, surpresa, vendo a filha deante do piano, ao lado de um homenzinho desgrenhado, que logo se inclinou polidamente para ella.

Machinalmente interrogou:

— Quem é, Chiquinha?

— Apresente-a aqui, mamã, o senhor Flamin, director da Revista-Malva, o qual se mostra deseioso de publicar o meu poema.

— Tu poema!... Publicar o teu poema?... Que poema?... E como conheces este senhor?

— Essa incrível noticia a surprezava de tal modo que toda a sua pratica mundana não vingara triumphar da confusão das suas idéas. Foi o proprio Flamin, quem, achando engraçado o conflicto, se encarregou de lhe dar as explicações necessarias. Colette, que parava á entrada do salão, ouvia, interessada e curiosa.

Flamin, muito cortez, concluiu:

— Estou que v. ex. não verá inconveniente algum em que eu trate com sua filha, não é verdade?

— Absolutamente! Aliás, neste assumpto, só ella é que pode decidir o que lhe convém fazer dos seus versos. Estou satisfeita por ver que o senhor encontrou algum valor nesses ensaios.

— Algum valor! repetiu o bom do velho, quase agastado... Oh! minha senhora! Elles o possuem, e tã real que, desde o momento em que o acenso mo fez ouvir em parte, puz-me á procura da menina para que mo desse o conhecer inteiramente. afim de que eu tenha a satisfação de os offerecer aos meus leitores!

E deixando a bella senhora, que lhe parecia cruelmente desprovida do senso poetico, voltou-se para Chiquinha, que estava de olhos abstractos:

— Estará brevemente em Paris, não é assim, menina?

— Dentro em algumas semanas, penso eu.

— Nunca antes interveio Colette com tal certeza na voz que Chiquinha a encarou, repentinamente efftenta.

— Aguardarei, então, o seu manuscripto por essa época...

— E, certamente ainda disposto a editá-lo, não é verdade?...

O velho sorriu, bem humorado, achando graça naquello seu ar de menina supplicante.

— Certamente, sobre isto não mudarei de opinião. Minha senhora, as minhas homenagens... Menina, até á vista. Espero que me perdõe a ousadia de tê-la vindo importunar mesmo aqui no seu hotel.

— Perdoar-lhe? Ora, essa! Eu é que lhe agradeço... Fico-lhe até muito agradecida!

Estendeu-lhe a mão, que elle apertou cordialmente. Depois de uma ultima reverência, o

velhinho desapareceu na onça dos passantes, apellidados pela garrida do almoço, enquanto a senhora Danestal, sempre obcecada pela exactidão, subia á toda a pressa para o quarto a desvestir os trajes de passeio.

Colette, essa permanecera immóvel. De pé, no meio do salão, com um sorriso mysterioso nos bellos lábios, contemplava com os olhos scintillantes o arrendado trémulo dos ramos que a brisa balançava. Ao rumôr dos passos da irmã, voltou a cabeça, fitando os olhos no semblante de Chiquinha, rosado pela febre do contentamento.

— Ora, viva, Chiquinha! Eis-te, afinal, a caminho da celebridade!... Este dia é decididamente favoravel aos Danestals...

Calou-se um instante, e depois continuou:

— Tenho tambem uma noticia a dar-te... Sou nova! E foi a própria senhora Asseline quem me pediu que lhe aceitasse o filho!

Uma orgulhosa alegria vibrava triumphalmente na voz de Colette. Vencera, afinal, essa partida em que se empenhara com tão ousada vontade!

Chiquinha, por sua vez, encarou na irmã, buscando destacar a espécie de vergonha que, súbito, lhe amaranhara o coração. Ella já havia dito, uma vez, a Colette o juizo que formava dessas ambiciosas manobras. Não lho devia repetir... Foi, pois, com a voz um tanto trémula, que ella articulou:

— Tanto melhor, Colette, si estás contente... Okeira Deus nunca te arrependas do que quizeses hoje!

Colette aguardava, de certo, outras congratulações... A fronte vincou-se-lhe de uma ruga severa fez meia volta, e, sem dizer palavra, retirou do salão.

Chiquinha, immóvel, não pensou sequer em seguir-a. Parecia-lhe que, com as palavras da irmã, fóra-se-lhe do coração toda a alegria, tanto a mortificava o sentimento de humilhação que lhe invadia a alma. E arrancando á ebriedade do seu proprio sonho, murmurou:

— Oh! por que será forçoso que Colette se case assim!...

## VII

Sem attender aos prudentes avisos do Tourinçub, Chiquinha lançou em vertiginosa corrida a sua bicyclêta pela ladeira de Houlgate abaixo. Súbito, porém, diminuiu a velocidade com grande surpresa de Cláudio, que pedalaria a seu lado, enquanto, atrás d'elles, Asseline escoltava a sua noiva Colette.

— Está cansada? perguntou Rozenne.

— Não, mas deu-me desejo de gozar a linda vista do valle, pois é esta, de certo, a última vez, pelo menos este anno, que passo por aqui! Para bem contemplá-lo, quero fazer a descida a pé...

Travara a máchina, saltando ao chão com essa



ELIXIR DE NOGUEIRA — Grande depurativo do sangue

TOLUOL --

TO-SE, BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA.  
VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

graça flexível que tanto encantava, como no primeiro dia, o olhar de Cláudio Rozenne. Este seguiu-lhe logo o exemplo. Um instante, permaneceram ambos imóveis, a contemplar a magnífica paisagem de verdura, água e claridade. Longe, sobre Dives e Cauburgo, pairava uma bruma de ouro; mas, a seus pés, Houlgate apparecia muito clara, semelhante a um immenso ramillete de árvores que sobrevamam terrecos floridos, descendo para o mar.

E Rozenne dizia então entre si que era um prazer dos deuses o vêr a seu lado, nesse quadro luminoso, uma esbelta e entusiastica criatura, como a que caminhava ao pé delle, toda córada pela velocidade da carreira, os lábios entreabertos para melhor aspirar a brisa do descampado que lhe banhava o ardor da pelle fresca.

Mesmo sob os trajes de cyclista, ella ainda conservava a sua harmoniosa silheta. A sala escura moldava-lhe estreitamente os quadris de jovem nymphá; e sob a blusa de um azul-néllido de perivina, adivinhava-se-lhe o busto modelado numa linha impecável, na esbelteza da sua mocidade.

E um amargo pesar crescia dentro em Rozenne, á idéa de que, em breves dias, não mais lhe seria dado sentir viver ao pé de si essa seductora criatura... Certo, em Paris, poderia tornar a vê-la; mas já não seria a mesma coisa. Encontrá-la-ia nos salões cheios de gente, onde, sob pena de pôr em movimento e corrilhão dos mexericos, já não poderia livremente tagarellar com ella, buscá-la sempre que lhe desse a companhia, saborear o perfume da sua mocidade.

— Parte sempre na segunda-feira?

— Parto. Agora que o casamento de Colette já está decidido, cumpre regressarmos a Paris para apresentar ao papá, já de volta da Alemanha, o futuro genro, e, principalmente, para dar começo a grandes preparativos dessas justas nupcias. Paulo e Colette lesiam calibrá-las em fins de outubro... Têm, portanto, apenas seis semanas...

— Sim... compreheendo... disse elle distraído. Depois, interrogando-a:

— Leva saudades?

— Muitas! Eu sou um pouco como os gatos... Affecção-me, deploravelmente!... aos lugares onde vivo, e as partidas são sempre para mim uma espécie de arrancada mais ou menos dolorosa... Como sabe, já o disse um poeta: "Partir é morrer um pouco!" E eu o sinto perfeitamente... Sim, levo saudades de Villers por si mesma... E, com tudo, nasce-me bem vazio desde que Margarida partiu... E tão abruptamente!

Rozenne, immercivelmente, estremeceu. Bem sabia elle que não entrava em nada na vida de Chiquinha Danestal; mas: era-lhe sobremaneira desagradavel o receber assim a confirmação desse íntimo sentimento.

Por mais despojo que fosse da fatuidade, achava duro para o seu ambr-órpio masculino uma tal indifferença; e, pois que essa menina indpendente o interessava sobrenesse, sentia-se humilhado por não ter podido accordar nella alguma coisa dessa imperiosa attracção que ella exercia sobre elle.

A seu lado Chiquinha caminhava, concentrada, sem pensar nelle, recordando-se com certeza da irmã, que se vira obrigada a partir — sabia-o Rozenne — á conta da loucura de André, que tivera grosso prejuizo nas apostas do Grande Prémio de Deauville.

Elle havia sinceramente deplorado a pobre senhora; mas, nesse momento, quase a ualdizia por absorver o pensamento de Chiquinha. Sentiu, por

isso, um grande prazer ao ouvir a voz de Colétté que gritava:

— Chiquinha! Não fujas assim!... Vamo-nos sentar um momento, para descansar; no alto do Bosque de Bolonha.

— Vamos! aprovou ella, destrahido dos seus devaneios...

Foi então que notou a sombria expressão do rosto de Rozenne; e, admirada, perguntou brevemente:

— Por que está o senhor com este ar tão triste? Desagrada-lhe o ir sentar-se no bosque?

— De modo nenhum!... O que me entristece é saber que a menina vai partir...

— E' muito gentil, principalmente si é sincero...

— Do fundo d'alma, Não acredita?

Chiquinha ergueu para elle um olhar estreme de zombaria.

— Acredito... Creio mesmo que... realmente... não lhe cause nenhum tédio... E aceito essa honra pelo que significa!

Recuperara já o seu sorriso trocista e satisfeito. Rozenne sentiu-se invadido de uma extranha sensação de cólera. Como uma onda furiosa, o desejo crescia dentro nelle de a tomar nos braços como a uma criança rebelde; arrancá-la, fôsse como fôsse, áquella irritante serenidade; vê-la estremeecer sob a fúria dos seus beijos, que lhe magoariam a pelle fresca, frezcalando á mocidade...

Tentação louca, cujo alcance elle logo mediu. Decididamente, essa menina dava-lhe volta ao juizo! Irritado consigo próprio, contra ella mesma, remançou o passo para que o alcargassem Asseline e Colette, que vinham atraz.

Si Chiquinha percebeu esse súbito abandono, não o deu a conhecer, continuando a avançar com o seu passinho leve que mais parecia um voo... Quando elle tornou a alcançar-a, já estava sentada á beira do caminho, os cotovellos fincados nos joelhos, o queixo apoiado ás mãos juntas contemplando o horizonte onde resplandeciam vagas longinquoas...

Nas nuellas, de um azul de águas profundas, fluctuava-lhe uma como expressão de sonho... Elle recouu que ella lhe tornasse a fugir num desses seus frequentes devaneios, em que se abismava de bom grado, justamente agora que ella sentia, immovisa, a sede de lhe restar ainda o delicioso encanto, dentro em breve fugitivo, de sua interessante natureza.

Com voz, que mais parecia uma prece, perguntou, de pé, em frente della:

— Teria a menina Chiquinha feito repentinamente vazio do silencio?

Elle ergueu os olhos para ella, com uma resposta prompta nos lábios; mas encontrou-lhe o olhar, e a réplica não vingou articulada. Disse, apenas, com uma ruza maliciosa a lhe vincar a boca:

— Que delicada maneira de me dar a lembrar que as pessoas bem educadas não ficam silenciosas em companhia dos seus semelhantes!... Mas, ha já dez semanas que o senhor me conhece, e ainda não percebeu que sou uma menina mal educada?...

Interrompeu-se: depois, alegremente:

— Ora, vamos! Não me feche desse modo o rosto!... E sente-se aqui, que está muito agradável!... Prometto-lhe que hei de ser muito polida, e talvez até conversei!

— Muito bem! — disse Rozenne, affectando de sério. — Tomo nota da promessa, e lha recordarei sem piedade: si preciso for. Ficaremos aqui, sentados neste talude?

— Sim; penso que aqui estaremos sufficientemente afastados dos noivos para que os não incomodemos. Porque, neste momento, representamos os

**KOLA SOFL**

Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago. Util no crescimento das creanças

país que os vigiam, e o nosso papel é o de sermos discretos!

— Sê-lo-emos, reverenda senhora, disse elle, em ar tão grave, que ella se pôz a rir.

Sobre as suas cabeças, as agulhas dos abetos vibravam ao sópvo da larga brisa, animando com um indefinivel acalento o ar luminoso e tépido, onde fluctuavam, confundidos, o aroma dos pinheiros, o cheiro do mar, os vagos perfumes que espalhavam em derredór os massivos floridos das "villas".

— Como isto é bom! murmurou Chiquinha, sorvendo ávidamente o vento que vinha do mar.

Rozenne respondeu alguma coisa que ella não ouviu, pois a attenção desviara-se-lhe para a irmã e Asselina, sentados um pouco mais abaixo; com o olhar penetrante, ella observava o jôgo das physionomias de ambos. Levantou então a voz:

— Permite que lhe recorde a sua promessa, e lhe pergunte a causa que a faz ficar assim tão abstrahida?... Não é nada agradável o sermos condemnados ao silêncio quando sentimos um irreprimivel desejo de conversar!

— Meu Deus! disse Chiquinha, sorrindo. — Como o senhor está hoje curioso e falador!... Pois bem! pensava em Paulo Asselina, que, contemplando Colette com aquellos olhos do côzinho fraldiqueiro, tinha o ar de um bom rapaz que, em verdade, merece que ella faça alguma coisa pela felicidade d'elle!...

— Ha de fazer muito! murmurou Rozenne.

Mes arrependeu-se logo de semelhante reflexão, ao ver o ligeiro franzir das sobrancelhas de Chiquinha, que continuou, sem pagar na deixa:

— Espero que Colette não lhe deixará sentir demasiado que o tem de corpo inteiro em sua mão... — De corpo inteiro... e isso fá-lo radiante!

E ambos, um momento, como dois velhos prudentes que observam os brincos das crianças, contemplaram os noivos... Paulo, quasi aos pés de Colette envolvia-a num olhar de adoração, ouvindo as palavras que ella lhe dizia com o ar de linda soberana, a dictar as suas ordens do alto do seu direito... Ah! certo, tudo que ella desejasse, elle o faria, agradecendo-lhe ainda o haver-se dignado de o querer, feliz por lhe poder prestar um culto digno de sua belleza...

Chiquinha teve a intuição de tudo isso.

— Ah! sim! — murmurou ella, com um sorriso a franzir-lhe um pouco os lábios. — Elle é bem o seu humilde súbdito! E, realmente, quando o vejo assim ao pé della, entro a pensar que, com tudo, o amor podê, por acaso, existir alhures, que não só nos romances e nos contos de fadas!

— Por acaso!... Confesse que, neste momento, a senhora não diz o que pensa!

Chiquinha voltou contra elle a cabeça, e Cláudio pôde ver então no profundo das suas pupillas uma absoluta sinceridade.

— Ao contrário, digo absolutamente o que penso. Creio que o bello, o fiel, o generoso amor, o único que vale a pena de nos entregarmos a elle, esse amor nós o encontramos principalmente nos livros,

cujos autores se persuadem de que dar uma illusão é um beneficio... Mes na vida?... Amor eterno que se não gasta com o uso?... Isso não existe... ou quase não existe! Confesse-o, por, sua vez!

— E' raro!... Todavia, pode-se nos deparar... obtemperou Rozenne, que esmagava furiosamente debaixo dos pés as agulhas dos pinheiros...

— Sim, pode-se nos deparar, como o senhor diz, mas por acaso... As meninas prudentes e de bom senso não esperam se lhes depare semelhante thezouro!

— E a menina faz parte dêsse número?

— Claro!... E é essa a razão por que tenho todas as probabilidades de ficar uma velha solteirona... O que, aliás, não me causa medo algum!

— Uma velha solteirona? Por quê?

Brincando com a opala do anel, de água similhante á côr do mar, Chiquinha explicou tranquillamente:

— Porque sómente me casarei si tiver a ventura de encontrar um homem a quem possa amar... como amo por exemplo, a música, a poesia, as coisas bellas, — e não vai nisto uma comparação, ociosa, — com a mesma fé absoluta, fortificadora... Um homem que me ame tambem como é força que eu seja amada, para que eu possa ser feliz! E tudo isso é pedir demais para esperar alcançá-lo! Conclusão, ficarei solteira toda a vida... sem dâvida, para minha maior felicidade!

Com um gesto abrupto, Rozenne quebrou uma varinha secca que lhe estava ao alcance da mão. Volvia-se-lhe intoleravel o tranquillo desdém dessa criança, por isso mesmo que era uma menina originalmente moderna, e tanto mais seductora quanto não se preocupava absolutamente com elle!... Nesse instante, teria comprado, mesmo a fôro de uma loucura, o segredo para se fazer amar dessa mulher... Quasi áspero, elle repositou:

— A menina, fala como uma criança, do que não sabe!

Isto mesmo Margarida tambem já lho dissera um dia... Disso, lembrou-se Chiquinha vagamente...

— Oh! si sei... Sei mais que o sufficiente!... E é por isso que duvido, e nada espero... Mas não importa! Ha tantas outras coisas, boas e bellas, que valem tanto si não mais que o amor!...

Elle compreendeu que queria referir-se á Poesia, á Arte, que adorava com ardor de criança apaixonada. E, na revolta do seu orgulho de homem, replicou-lhe, sacudido por uma cega necessidade de desforra e de conquista:

— Talvez que nem sempre pense assim!

— Talvez... E' possível... Mas, neste momento, penso... tudo o que lhe acabo de dizer!... e ainda muitas outras coisas mais! Vivo no presente, e por isto, estou resolvida, — oh! bem resolvida! — a não consentir que o homem me faça soffrer... como vejo soffrerem pobres mulheres demasiado generosas ou demasiado pusillanimes!

— Soffrer! Mas onde foi a menina buscar similhantes idéas falsas?!

(Continua no proximo numero)



Silhouette

**Pé de amor da actualidade**  
*Hoje assim da forçosa  
 enjoanimentar esta qualidade  
 cartiva.*



## O MENU' DE MEU MARIDO

**Sopa Juliana.** — Um pouco de azedinhas, tres cenouras, tres nabos, dois alhos poireaux, uma cebola, um pedaço de repolho, um pé de alface e um aipo. Cortam-se os legumes bem fininhos, lavam-se e enxugam-se. Poem-se duas colheres de manteiga numa caçarola quente, juntam-se-lhe os legumes, e mais uma colherinha de sal, duas pitadas de pimenta do reino e um litro de agua. Faz-se cozinhar lentamente durante duas horas em fogo brando. Quando os legumes estiverem cozidos, põe-se a alface e a azedinha. Pode se servir em fatias de pão torrado, com manteiga.

**Peixes de vagens.** — Cozinham-se as vagens com agua e sal, cortam-se em tiras finas e amarra-se como feixes de lenha. Passa-se na massa de fregar, frigi-se e servem-se quente. Podem tambem servir para enfeitar pratos. Ficam bonitas arrumadas num prato sobre um guardanapo e com ovos cozidos á volta, cortados em rodas.

**Costeletas de porco a milaneza.** — Depois de preparadas e temperadas as costeletas quebre-se tres ovos num prato, juntam-se-lhe sal, pimenta, uma colher de azeite fino e uma colher de agua. Passa-se as costeletas na farinha de pão, depois nos ovos e novamente na farinha de pão. Frege-se em gordura quente. Pode-se servir com espargos ou palmito de molho branco.

**Entrecosto de porco.** — Corta-se em pedaços, tempera-se com limão, sal pimenta, deixando-se assim por espaço de duas horas. Vai uma cassarola ao fogo com gordura e quando estiver um pouco quente nella collica-se o entrecosto, com a parte gordurosa para baixo. Tampa-se a cassarola, para que cosinhe durante alguns tempo, ao bafo. Depois descobre-se e deixa-se frigar. Serve-se com virado de feijão ou couve a mineira, mexida com farinha de milho.

**Bombas** — Fazem-se com a mesma massa dos sonhos, que se tira com uma colher e dispõem-se em taboleiro ligeiramente unido com manteiga; pinta-se com gemma de ovo. Assa-se em forno quente. Estando assada abre-se um dos lados com uma faca de ponta

e enche-se com creme de baunilha; polvilha-se com assucar.

**Beefs com fígado á viennese.** — Corta-se o fígado em beefs de um centimetro de grossura, mais ou menos. Faz-se um molho com caldo de limão, sal, pimenta, na qual se põem os beefs e deixa-se quinze minutos para tomar gosto. No momento de fazer os beefs enxuga-se e passa-se cada um na farinha de trigo. Fregem-se os beefs dois a dois e servem-se com o seguinte molho: uma colher de manteiga ligeiramente derretida, uma pitada de pimenta, sal e salsa bem fina, retira-se bem e põe-se sobre os beefs no momento de ir para a mesa. Pode-se servir com batatas cozidas á volta.

**Rim de carneiro.** — O rim é coberto com uma pellicula fina que se deve tirar, o que se obtém mergulhando-o na agua. Depois de arrancada a pelle, corta-se o rim e todo o comprimento do lado, sem entretanto separar completamente uma parte de outra. Depois de aberto, ladeia-se com tiras de toucinho, mergulha-se em gordura derretida e colloca-se sobre uma grelha a fogo vivo, durante seis minutos, assentando-se primeiro a parte que apresenta e concavidade.

### UM NOVO APARELHO DE TECER E SERZIR

O acto de serzir um rasgão na fazenda ou fazer "pontos" nas meias ou remendar é sempre demorado e sempre imperfeito. Urgia, pois, crear um aparelho para facilitar essa tarefa e, sobretudo, destinado a executar-o com perfeição. O novo aparelho "Anão" de serzir e tecer é o que ha de melhor porque facilita notavelmente o trabalho e os seus remendos e sirzaduras são sempre perfectos. O seu modo de usar não offerece difficuldades, e a sua aprendizagem se faz tão sómente com a leitura e observação do prospecto que acompanha cada aparelho.

As nossas leitoras aconselhamos que adoptem o aparelho "Anão", que é indispensavel em todos os lares. Oculoso é encarecer a sua utilidade.

Pedidos a esta redacção. Um aparelho registado pelo correio, 6\$000.

Córt e envie sem demóra  
este coupon á redacção  
da Revista Feminina

de ..... de 192.....

Sr. JOÃO SALLES DIRECTOR DA "REVISTA FEMININA"  
AVENIDA S JOÃO 87-1.º ANDAR— S. PAULO.

Peço-lhe inscrever-me como assignante da Revista Feminina, por um anno, a começar em .....  
de 192..... e a terminar em ..... de 192.....  
para cujo pagamento encontrará aneixa a importancia de Rs  
15\$000 caso prefira receber a Revista registrada deveis enviar mais cinco  
mil réis ou sejam 20\$000 (em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

As cartas com as importancias devem vir sob o registro e valor declarado

Endereço .....

Logar .....

Estado .....

Observações .....

# JOIAS

Não façam suas compras sem primeiro verificar os nossos preços

## CASA HENRIQUE

A MAIOR E A MAIS BARATEIRA FABRICA DE JOIAS  
RUA 15 DE NOVEMBRO N. 18

## Carrapaticida "Kiltik,"

DOS FABRICANTES  
THE SHERWIN — WILLIAMS CO.

O melhor e mais economico dos carrapaticidas até hoje conhecidos. Acaba de ser experimentado e aprovado pelo Ministerio da Agricultura, em virtude dos resultados surprehendedentes obtidos nas experiencias a que foi sujeito na Fazenda de Santa Monica.

Eis alguns trechos do certificado obtido das experiencias feitas na Fazenda de Santa Monica:

"Ao fim de uma semana, mais ou menos, verificou-se que todos os carrapatos grandes e pequenos, machos e femeas, haviam morrido e alguns que ainda se achavam agarrados á pelle estavam inteiramente seccos.

Offerece vantagens que não devem ser despresadas. Assim é que para um banheiro de doze mil e oitocentos litros, que foi a capacidade com que trabalhamos em Santa Monica, gastou-se OITENTA E OITO LITROS do preparado "Kiltik", enquanto que de SARNOL e COOPER seriam necessarios CENTO E VINTE E OITO LITROS, uma differença de QUARENTA LITROS".

Para mais informações e preços, na

Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo

RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 36

## “O PILOGENIO” serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.  
Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.  
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

**Ainda para a extinção da caspa**

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette-ÓPILOGENIO

**Sempre “O PILOGENIO”**

**“PILOGENIO” SEMPRE**

**A' VENDA em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias**

**LYCETOL**  
GRANULADO  
**GIFFONI**  
DISSOLVE E EXPELLE  
o ACIDO URICO

RECOMENDADO DIARIAMENTE PELAS SECRETARIAS MEDICAS  
CONTRA  
DIATHESE URICA—POLICIAS NEPHRITICAS  
CALCULOS BILIARES  
ARTHRITISMO—RHEUMATISMO  
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL  
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI  
DE  
FRANCISCO GIFFONI & C.ª — RUA 1.ª DE MARÇO 17  
RIO DE JANEIRO

## PALACE HOTEL

Aos fofasteiros elegantes, aos turistas, a todas as pessoas que têm hábitos finos e de conforto, aconselhamos que, ao vir a S. Paulo, se hospedem de preferência no PALACE HOTEL, á rua Florencio de Abreu n. 102. Esse hotel foi montado segundo os melhores modelos do genero, não temendo competições com os mais modernos. Ocupa um vasto predio, especialmente construido para esse fim, e á sua montagem presidiu um alto espozito de elegancia, de bom gosto e de luxo discreto. O seu serviço é incontestavel. A sua cozinha, magnifica, recommendando-se pela riqueza e variedade dos “menus”. Tudo é executado com assido, esculpulo e a mais rigorosa hygiene. Todos os quartos, que são amplos, elegantemente mobiliados e confortaveis, têm telephone, agua encanada e muitos outros recursos. Podemos affirmar que, mesmo nas capitães europeas mais adiantadas, poucos estabelecimentos se lhe podem comparar.

Um magnifico quarteto de professores executa, durante as refeições, um variado programma onde figuram as mais recentes composições musicaes.

Os seus preços, entretanto, quer os de hospedagem, que os de restaurant e bar, são notoriamente commodos.

**VINHO BIOGENICO**  
(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da “Vitalidade”, o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardíaca.

É o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspeptias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc.

Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás mães de leite. É um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas sumidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias. Deposito Geral:  
**PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.**  
Rua 1.ª de Março, 17 — Rio de Janeiro

# MAIS PODER

Não há garra tão forte quanto a do leão, nem valor que supere o seu valor, nem investida mais terrível que a sua. Por isso, é o rei das selvas e por isso ante elle apresentam-se os outros animais como tímidas ovelhas. O que a Natureza outorgou ao leão para dar-lhe tão extraordinária superioridade, isto é, "MAIS PODER", deu á sciencia moderna, no campo da therapeutica, ao analgesico de maior popularidade, combinando-o com a Cafeina e convertendo-o assim nos admiraveis

## Comprimidos Bayer de Aspirina e Cafeina

que são hoje o remedio mais poderoso, seguro e rapido para dôres de cabeça (especialmente as causadas por fadiga mental ou intemperança), dôres de dentes e ouvidos, nevralgias, catarros colicas menstruaes, etc. Qualquer pessoa pode tomal-os com absoluta confiança, pois nunca affectam o coração.



## Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L

End. Electr. FILALVES

RUA LIBERO BADARO' N.º 129

S. PAULO

|   |        |
|---|--------|
| POESIAS, por Olavo Bilac; nova edição augmentada com os 98 sonetos do Livro "Tarde", 1 vol. de 391 pags., br. 79000, enc.   | 55500  |
| CANTOS DE LUZ, versão de Luis Guimarães Filho, musica do Dr. Carlos de Campos e desenho de Cereia Dias. 1 grande vol. ricamente impresso e encadernado  | 209000 |
| HISTORIAS E PAIZAGENS, por Affonso Arinos, 1 vol. br. 49000, encadernado  | 55580  |
| EM PERNAMBUCO, pelo Dr. A. Anastagão, 1 vol. br. 49000, enc.  | 55500  |
| HISTORIAS DO GUERDES, com illustrações de J. Carlos, 1 vol. cart.   | 39900  |
| PRIMEIRAS SAUDADES, leitura para o curso medio das escolas primarias, por M. Bomfim, 1 vol. cart.   | 49000  |
| RESERVISTA PRATICO, ensaio pratico do exercicio de infantaria, nomenclatura de fuzil Mauser mod. 1908 e nomenclatura do tiro para os Reservistas, 1 vol. br.  | 59900  |
| GEOGRAPHIA GERAL, compendio destinado ás Escolas Normaes, Lyceus, Gymnasios, Athencus, Collegios Militares, Cursos de Adultos e de Preparatorios, por Olavo Freire, 1 vol. de mais de 500 pags. contendo todas as modificações havidas na Europa e outras partes do mundo | 109000 |

## Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O JUGLANDINO de GIFFONI é um excellento reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, poderoso tônico depurativo e anti-escrophuloso, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.

É superior ao óleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contém em muito maior proporção e todo vegetalmente intimamente combinado ao iodo da roqueira (*Juglans Regia*) e o Phosphore Physiologicum medicamento eminentemente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.

É um xarope saboreoso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao óleo e ás emulsões dahi a preferencia dada ao JUGLANDINO pelos mais distinctos clinicos, que o recitam diariamente aos seus preciosos filhos. — Para os adultos preparamos o VINHO IODOTANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO.

Encontram-se ambos nas boas drograrias e pharmacies desta cidade e dos Estados e no deposito geral: Pharmacia e Drograria de FRANCISCO GIFFONI & C.ª Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

## NOVA SEIVA

Este é o melhor livro de contos que ha para crianças. É um grosso volume, nitidamente impresso em finissimo papel e ornado com mais de 150 illustrações onde se vem magnificos contos instructivos, moraes e interessantissimos como enredo que farão as delicias das crianças e das pessoas adultas. Edição de luxo, propria para presente de anniversario. — Vende-se nesta Redacção. Preço 59000. Pelo correio registrado 69000.

Acaba de sahir do prelo:

## A Esposa do Sol

emocionante romance historico

DE

GASTON LEROUX

Tradução autorizada do francez

POR

Nykota Sampaio

Encadernado . . . . . 59000

Para o porte mais 500 réis

Não será grande o numero de romances de valor que deixam o leitor ansioso, suspenso, para saber a sorte dos protagonistas, como esta nova obra de GASTON LEROUX.

As notas historicas, longe de prejudicarem o interesse, concornem muito para maior apreciação do romance.

Pedidos á redacção da

REVISTA FEMININA

AV. S. JOÃO, 87

(Altos)

— — — S. PAULO — — —

## Officina de Photogravura

— A PAULICÉA —

— de —

## Castignani & Lastri

Rua Gusmões, 82

TELEPHONE CIDADE, 5889 — S. PAULO

## Marmoraria TOMAGNINI

Especialidade em tumulos de marmore e granito polido

PIETRASANTA (Carrara) Italia

Rua Paula Souza, 85

S. Paulo - Telephone, 3378 - Central

## LIVROS A' VENDA NESTA REDACÇÃO

As nossas leituras e assignaturas não podem prescindir de um certo numero de obras que são necessarias ao estudo de uma senhora. Tadas as que se referem á vida, nesta redacção, são vivas, interessantes, curtos, absolutamente novos.

Nos preços marcados em cada um dos volumes está incluído o frete de correio.

Atenção: nos preços das seguintes obras:

**ESCRAVA OU RAINHA.** Lindo romance publicado nas paginas da "Revista Feminina" e que trata da vida de uma escrava, com um conceito altamente moral, e ao mesmo tempo delicia a espirito pela simplicidade, mas vez mais crescente, das suas epistolas. O autor é Luiz Magalhães, e a obra, de 120 paginas, que se lê com prazer e interesse, é um verdadeiro tratado de moral, e de uma vida dos seus personagens e transportado para o lugar onde a acção se passa. É uma leitura que satisfaz a todos os pontos.

Um grosso volume, elegantemente impresso. — Preço 4300.

**ENTRE DUAS ALMAS.** É um romance sentimental que tem feito um immenso sucesso em todo o mundo. Elle conta já traducções para quatro idiomas, e que pôe bem em evidencia o seu valor. É um romance moral, e cujo estudo occorre de uma maneira empolgante. Um volume, preço 4000.

**COLLECÇÕES ENCADENADAS DA "REVISTA FEMININA",** referentes aos annos de 1918 e 1920. As senhoras que não colleccionarem a nossa revista ou aquellas que tem curiosidade de conhecerem, devem adquirir as nossas collecções, que formam grossos e lucrativos volumes encadernados em brochuras e cartões de cores, com diáscara a letras douradas. Volumes proprios para presentes de aniversário e que devem ser conservados como livros de consulta, mercê da sua variedade e interessantissima leitura. — Preço 25800 cada collecção.

**FLORES DE SOMBRA.** comedia de Claudio de Souza, uma das obras de maior éxito no theatro nacional. — Preço 3800.

**NOVA SEIVA.** o melhor livro de contos que ha para crianças. Contos instructivos, interessantes pelo conteúdo, e escritos em linguagem simples, correcta, ao alcance das intelligencias infantis. Grande volume in-quarto, encadernado, com varias centenas de lindas e graciosas gravuras. Edição limitada propria para presentes, ou para premio ás crianças estudiosas. — Preço 4300.

**MADRE MARIA THEODORA,** elegante e luxuosissima polyantha offerecida á Superiora Provincial das "Irmãs de S. José de Chambery". Pequeno volume, de cerca de setecentas paginas, cheia de lindas gravuras, impresso em finissimo papel japonês. — Preço 15800.

**A LUA CRESCENTE,** collecção dos famosos poemas do grande poeta indio Rabindranath Tagore, que, pelo seu alto valor, recebeu o premio Nobel, que o consagrou o maior poeta da sua época e um dos maiores do mundo. A poesia em prosa portugueza, de Plácido Barbosa, é excellentissima, dando idéas da belleza original dos poemas. Quem não conhece a poesia oriental, não supgritica, não profunda, não original, deve ler esta collecção do poeta indiano. — Preço 41000.

**O TURBILHÃO,** esse poço theorico de Claudio de Souza, que é uma das mais sensacionais creações de moderno theatro e que tanto está sendo discutido, acaba de ser publicado em elegantissimo brochura e com uma formosa capa a cores. Vendida nesta redacção a 3000 cada exemplar. — Pelo Correio, registrado, 3550.

**A DOR DE AMAR,** um dos mais interessantes romances da vida actual. Narracão de amor, cheia de episodios sentimentaes e inteiramente commovedores. O autor, neste romance, tem conciliado sobre a vida sentimental que impressão pela sua justica e verdade. — Preço 4800.

**A JANGADA,** linda comédia em tres actos de Claudio de Souza. Pelo correio, registrada 3500.

**AS SENSATIVAS,** magnifica comédia em tres actos de Claudio de Souza. Pelo correio, registrada, 3600.

**HELOISA,** Este romance de A. Auguste Franco de Sá vem fazendo um redondo successo, mercê do seu estilo claro, da curiosidade que o seu conteúdo despertou e de numerosos episodios que se passam em Paris, Londres, Roma e outras capitães. Heloisa, que é uma creatura perfeita, fãha má, cheia de dotes e intrigante, que pouco a pouco perdendo estes defeitos e adquirindo qualidades e virtudes que a tornam uma verdadeira santa. Não ha quem se não deixe impressionado profundamente se ler este romance.

É um grosso volume de mais de 300 paginas, em elegante e sólida encadernação. É um livro proprio para apresentar uma moça. Um volume, 4800 réis. Pelos correio, registrada.

**A FILHA DO DIRECTOR DO CIRCO.** É este um dos romances mais interessantes da grande escriptoria allemã baronessa Ferdinanda von Brackel, e uma das obras mais vulgarizadas em todo o mundo. A sua leitura é empolgante e impressionadora. Ha episodios de amor tratados com tal profundidade, que nos deixam a alma recordações inopagáveis. O livro é curiosissimo, e todo elle baseado na vida real.

A traducção portugueza é excellentissima. Um grosso volume de cerca de 800 paginas, lindamente encadernado e elegantemente impresso, proprio para presente, 6800 réis. Pelos correio, registrada.

## Preparados que se vendem nesta redacção

**RECETAS DE BELLEZA PARA COLORIR OS CABELLOS.** Desde os tempos mythologicos — com a musica Medea — a homem procura realisar, por meios artificiaes, os seus sonhos de idade, visando principalmente os cabelos brancos, que são os primeiros e os mais evidentes signos da velhice.

Entre as tinturas usadas para tal fim figuram as de base de chumbo, de prata, de cobre, de mercúrio, de cal, de bauxite, de estanho e outras, que produzem sobre o organismo inteira gravosa e que são muito tarde não perfeitadas. As tinturas americanas são a base de sulfato de cálcium e sulphato de amoniacum. São menos toxicas, mas viram o couro cabeludo e provoca o subseqüente caída. As tinturas a base de nitro de prata, são esphalladas, são de acção toxica, lenta e fatal. Ha, porém, alguns productos vegetaes molliorizantes que, felizmente, dão uma coloração muito fraca e pouco duravel. A unica que se pôde recomendar sem receio e que dá resultados admiraveis, é a Pellina, em que se pôde obter, procurando as dores, todos os tons, do castanho claro ao negro azulado. Infelizmente este producto é raro em nosso meio, sendo arduo a sua obtenção e que actualmente só pôde ser com grande difficuldade.

A Esmetora Farmacia Brasileira pôde receber uma pequena quantidade.

Pode obter-se por intermediação da nossa "Revista", enviando o correspondente de 10000 e mais 5000 para a revista.

**POMADA RENEY PARA SARDAS, MANCHAS E PAVOS.** Este preparado, que se recommenda por mais de vinte annos de applicação, pelo sua efficacia relativamente empregada, e que ha de melhor para as manchas da pelle e para a tornar clara, macia e fina. É absolutamente inoffensivo. Bastam applicar duas de uso. A efficacia é prompta e duravel.

É fabricado em tres tipos: "Moderada", "Forte" e "Extraforte". A primeira e usada na maioria dos casos; a segunda para os casos em que a primeira não faz effeito, e a ultima para ser applicado unicamente nos braços e nos mãos.

Preço a esta redacção, 45000 a frasco; pelo correio, registrado, 58000.

**VANADIOL,** é o mais efficaz dos tonicos reconstituintes. É empregado para todos os casos em que se exige um tratamento tonicificante. É o especifico da anemia, da chlorose, da falta de sangue, da tuberculose, e o tonico das células, dos nervos, dos musculos, do cerebro, do estomago. O seu uso se faz indispensavel a todos os pessoas enfraquecidas, dos neurasthenicos, nos velhos, nos rachiticos, nos convalescentes. Preços a esta redacção. Preço: 16000 pelo correio, registrado, 112000.

**CREME DE BEAUTE ZABELLA E LOÇÓES.** Preparaes por Madame Zabella, directora do Consultorio Technico de Brilia, do Rio de Janeiro. Este creme é usado geralmente como se usam todos os cremes, limpando os rostos, porém, só sercem para branquear a pelle e fixar o pó branco; o Creme de Beauté Zabella, tem, além dessa utilidade, em que supera os outros, a propriedade de curar todas as enfermidades da pelle, como manchas, bofes, epistaxis, pãnos, espeztes e outros defeitos, que tanto affeio o rosto. A sua efficacia é garantida. Ler no prospecto a maneira de usar.

A venda nesta redacção, 8200, pelo correio, registrado, 10000.

**PREPARADO N.º 1,** loção adstringente para a cura de hemoptizacão portugueza, para manchas, pontos negros e borbulhos. Depois de humectado o rosto com este preparado, faz-se uma fricção mais vigorosa com o "Creme de Beauté Zabella". A cura é garantida das enfermidades da pelle. — Preço 8500, pelo correio, 10500.

**PREPARADO N.º 2,** loção emoliente para a cura muito delicada. Esta loção, pelos seus componentes medicinosos e hygienicos, deve fazer parte inseparavel das curas feitas a todas as senhoras e damas que prezam a sua belleza. Sua acção é extraordinaria contra as manchas de sol, as espezras da pelle proximalis pelo frio e outras causas, tendo a propriedade de amaciar e branquear a pele. Depois de usado, applicar o "Creme de Beauté Zabella". Preço 8200, pelo correio, 10500.

**UM TONICO MARAVILHOSO.** Os brasileiros são, em geral, anemicos. A anemia, na mulher, condiz a velhice precoce, e se ha nem dominar a capacidade de acção, sem falar em outros males muito mais serios. A felicidade da pelle, a sua espezra, a sua coloração desproporcionavel são os vestios preciosos da anemia de origem luctiva, e para este caso, como para todos em que se exige uma tonicificação poderosa e de resultados promptos, aconselhamos o "Hematuol". É o especifico da saúde. Preço, 7500. Pelo Correio, 9500.

**PRODUCTOS DE BELLEZA "GABY",** pelo sua excellencia em comparacão, pela sua efficacia, conquistaram as sympathias das senhoras de tratamento. O creme Gaby, magnifico para a pelle, 5250, pelo correio 6500. O esmalte Gaby, para polir as unhas, 4500, pelo correio 5800. As unhas Gaby, fixadoras, para regularizar as unhas, 2800, pelo correio 2850.

## DOUTORA MATTARAZZO

MEDICINA E CIRURGIA EM GERAL

Senhoras e crianças

Das 14 ás 16 horas — Quintino Bocayuva, 4 — Sala 6 — 2.º andar — Telephone, Central 5239 — Residencia: Avenida Celso Garcia, 348 — Das 12 ás 13 horas — Telephone, Braz, 347.

## DR. B. TOLOSA

Assistente extra-num. da Clinica de Partos da Faculdade de Medicina de S. Paulo. Consultorio: Rua Libero Badaró, 140, das 15 ás 17 horas. Tel. Central, 898. Residencia: Tel. Avenida, 335.



### A PETALINA é a tintura ideal

Nunca é demais lembrar as senhoras brasileiras a inconveniência de usar tinturas para os cabelos, porque em quasi todas ellas entram, conforme a sua fabricação, os sais de chumbo, de prata, de cobre, de mercúrio, de cal, de bismutho, de estanho e muitas outras substancias nocivas. O uso prolongado dessas tinturas, por industriaes sem escrupulo, acaba por produzir sérias perturbações no organismo e intoxicações subitas.

As tinturas vegetaes são inoffensivas, mas não são efficazes. A unica tintura de effeito imediato e de acção notavelmente duradoura, é a PETALINA, que, so demais, não tem nenhum inconveniente das outras tinturas. É absolutamente inoffensiva. Com a PETALINA obtém-se todos os tons, desde o negro profundo até todas as variedades do castanho. Preço, 10\$000. Pelo Correio registrado 105500. Pedidos nesta redacção.